

EDITORIAL

João Paulo II contra o Grande Satã

«A Comunicação Social é um instrumento de pecado, porque promove comportamentos aberrantes», disse João Paulo II - deixando a dúvida sobre se numa crítica à Igreja portuguesa, sempre ao assalto, se não dos céus, pelo menos de um canal de televisão, ou num apoio na sua luta por um canal livre de suspeitas aos olhos do Papa...

Estou em concordar. É no aberrante interesse pelo dinheiro, tão contrário às palavras de Cristo, segundo as quais «é mais fácil a um camelo passar pelo fio de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus», que penso de imediato, quando oiço certo programa da manhã e o seu «Jogo da Mala». É no ataque caviloso ao celibato dos padres que penso de imediato, quando na TV adolescentes norte-americanas simulam delíquios, o coração derretendo-se sob t-shirts onde trazem escrito «I love you, John Paul II». É na vaidade e nas suas tentações que penso de imediato, quando vejo o citado John Paul aventurar-se, mais e mais, pelas áreas do poder temporal - perante os microfones e as câmaras apontados ao Papa.

Não só Sua Santidade tem razão, como não faz mais, ao lançar o anátema sobre a Comunicação Social, que mostrar o seu ecumenismo, apoiando outras religiões que, também elas, se escandalizam com as palavras. Acaso teríamos esquecido que, também na religião cristã, se pode pecar por elas? O que não se há-de fazer, portanto, por imagens?

Vem pois João Paulo II repôr a família católica no devido caminho. Se preferirem: chamar os bois pelos nomes. A Comunicação Social é o Grande Satã disfardado de ovelha. Os jornais, a rádio, a televisão, contaminam quem lhes toca. Católicos, abster-se! (Ou tomá-los?)

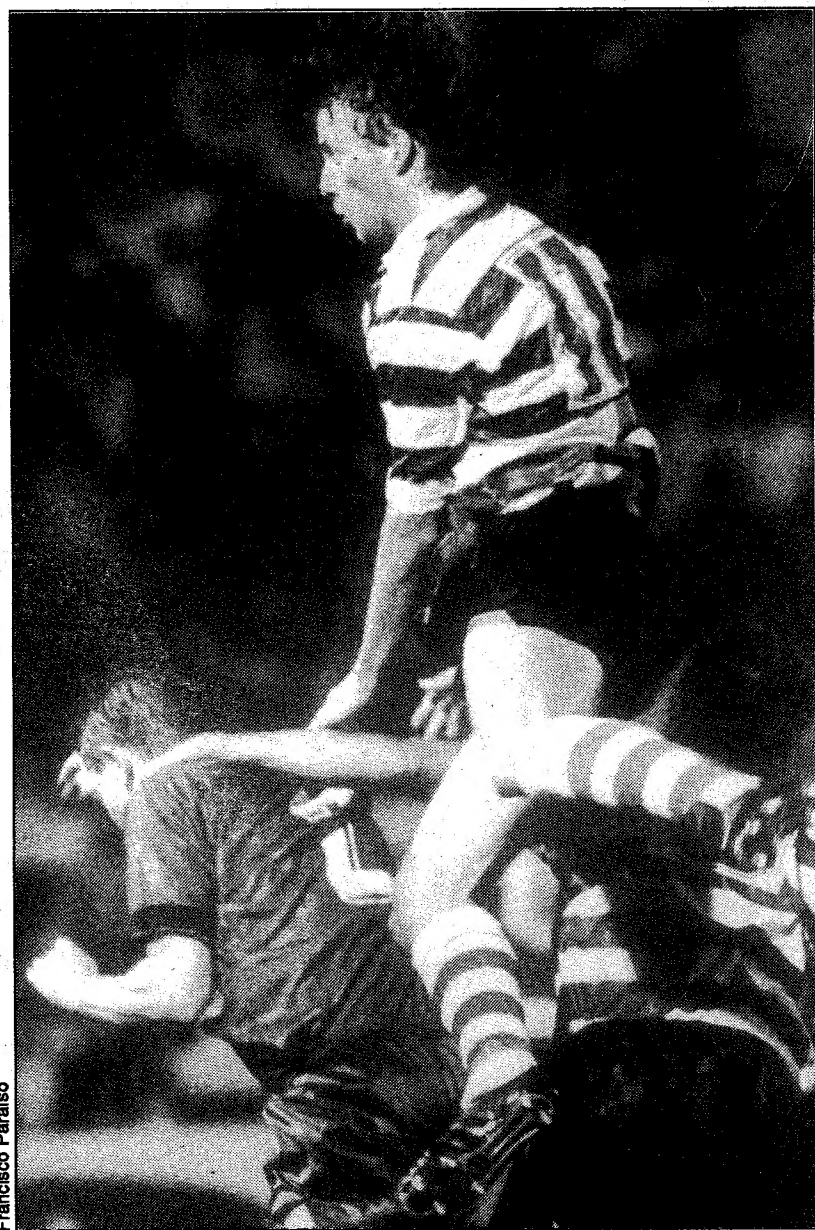
A primeira vista, um rude golpe para o Patriarcado. Sempre, uma excelente lição para a Comunicação Social que presta, a cada deslocação do Papa, a cada consideração sua sobre o Leste, o aborto e a contracepção, uma atenção desmesurada em relação à sua real importância no Mundo.

Diana Andringa

Desanimado com a situação no Golfo

Cuellar já não acredita na paz

Pág. 11



Francisco Paraiso

Sporting ficou-se por 1-0

Mais portugueses na UEFA dentro de momentos

Uma vitória, magra e perigosa, assinalou, no Estádio de Alvalade, a estreia das equipas portuguesas nas competições da UEFA da temporada 90/91. Dentro de momentos, Porto, Estrela da Amadora, Benfica e Guimarães completarão a participação portuguesa nesta primeira eliminatória, em jogos de dificuldade diversa. Com o Estrela a estreiar-se nestas andanças, o grande jogo da ronda desenrola-se, porém, em Roma, com o Benfica apostado em conseguir resultado de sucesso, como contamos em reportagem publicada na página 25 com o patrocínio de



urbicidade
MEDIADORES
ALMADA



**Maria
de Medeiros
abre polémica
com jornalistas**
Págs. 23 e 32

**Io: um nome
que enfrentou
a burocracia**
Pág. 14

**Rocha de Matos
e a estratégia
da cooperação
com Angola**
Pág. 3

**Helena Roseta
e a estratégia
«Kleenex»
de Cavaco**
Pág. 7

**Iraque:
berço
da civilização**
Págs. 14 e 15



**PORTE
PAGO**

«A doce coabitação»

Um lapso técnico que lamentamos — e de que pedimos desculpa aos leitores — amputou em grande parte o editorial que ontem inserimos, da autoria do nosso director, subordinado ao título acima reproduzido. Dado que a leitura, sem as passagens omisidas, alterou o sentido global do texto, voltamos hoje a publicá-lo integralmente na página 5.

Ordem em pé de guerra

Juiz penhora bens de advogado

O Tribunal de Sintra vai penhorar, amanhã, os bens do escritório de Barata Dias, um advogado da comarca que se recusou ao pagamento de custas judiciais. A ordem veio de Alenquer, o tribunal onde o advogado sintrense tem instaurado um processo por se não ter apresentado a julgamento. Barata Dias alega que era essa a vontade do seu cliente e que se limitou a accionar meios legais para conseguir adiar a audiência. O Ministério Público assim não o entendeu e o juiz decretou o pagamento das custas por parte do advogado «faltoso». A Ordem

dos Advogados de Sintra já se meteu ao barulho dizendo de sua justiça que a condenação «é vexatória para a classe». Ilegal, até, porque determinada à revelia do nosso ordenamento jurídico.

Acusados de maus da fita são os juizes mais novos dos tribunais de 1ª instância por, numa altura de discussão do projecto do Código de Processo Civil e já com novo Congresso Extraordinário de advogados à porta, voltarem, uma vez mais à carga, contra os mandatários judiciais.

Pág. 13

Só com a definição dos métodos a seguir, das intenções reais de parte a parte e com o estabelecimento concreto das regras do jogo é que os empreendedores nacionais poderão participar ao lado dos países lusófonos, em paridade de oportunidades e parceria de negócios

Propensão africana de Portugal exige mecanismos adequados

GRANDE ANGULAR

Portugal continua a ser um país que se define de propensão africana. Contudo, só de há pouco é que começaram a ser efectuadas as diligências necessárias para abrir as vias para a cooperação que ambas as partes necessitam. Se o Presidente da República afirma que é urgente regres-

sar aos países lusófonos e se, passo a passo, grupos económicos se afoitam no investimento em novos mercados, a realidade é que pouco tem sido feito.

Isso mesmo foi reconhecido por Mário Soares, que afirmou que «temos feito muito menos do que de-

veríamos e podíamos» no que se refere a cooperação que disse desejar que fosse maior, «que fosse um esforço nacional coordenado que envolvesse todo o país».

Numa altura em que parecem estar quase ultrapassados conceitos e divergências

político-económicas, os empreendedores portugueses continuam, mesmo assim, a fazer uma análise lenta e cautelosa das possibilidades de intervenção em mercados onde se, a estabilidade económica ainda não foi conseguida, muito menos terá sido a política.

Se Portugal se pode considerar país privilegiado enquanto ponte entre a Europa e África e entre este continente e o resto do mundo, a realidade vivida nos cinco países lusófonos mostra que, pese embora a necessidade de abertura a outros tipos de economia, ainda há sectores africanos onde foi impossível «matar o pai», com a consequente libertação de complexos de antigos colonizados e explorados.

Mas o inverso também funciona, dado que ainda há, do lado de cá, muitas pessoas que vêem África como o continente onde foi possível levar um sistema socioeconómico actualmente impensável, com a certeza de, hoje, ser impensável e impossível manter um estatuto de relação económica que funcione num só sentido. Isto, apesar de Mário Soares ter afirmado, no primeiro número da revista Elo, que se encontram ultrapassadas «as relações melindrosas que resultavam da relação antes existente entre colonizador e colonizado» pós-independências. Mas a verdade do Estado não será a verdade de cada um.

Conforme afirmou, tal situação acabou nos dois sentidos. As frequentes reuniões dos últimos tempos parecem dar razão ao Presidente da República, mas a análise imediata dos dados fornecidos pelo ICEP sobre a balança comercial mostram que, no que se refere aos cinco países de expressão portuguesa, ela constitui uma gota no contexto global, de onde só sobressai o caso pontual de Angola, onde o petróleo desempenha um papel de destaque.

Motivar é preciso

No decurso dos últimos tempos têm sido muitas as acções de sensibilização promovidas por organismos públicos e, essencialmente, pelos privados, com vista a levar os empreendedores portugueses a alargarem os seus horizontes até ao vizinho continente. Mas, para além do interesse mostrado, há muito por fazer, pesem embora as alterações que os países lusófonos estão a introduzir nos seus regimes, de forma a chegar a um redimensionamento empresarial.

Parece ser desejo, de ambas as partes, que a cooperação, embora não limitada à esfera económica, tenha uma vertente fortemente empresarial, «mesmo quando agente da política económica do Estado, fiel ao princípio do respeito mútuo

e da reciprocidade de vantagens», como referiu Torrado Reis, do IPE. Para além do diálogo institucional Estado a Estado, Portugal tem de apostar no desenvolvimento do intercâmbio comercial, industrial e financeiro, o que só será possível com o reforço do alargamento das perspectivas de cooperação plena, segundo regras de jogo perfeitamente estabelecidas, aceites e cumpridas.

As transformações empreendidas apontam para que todos se encontrem na encruzilhada que definirá situações futuras. Encruzilhada de onde sai uma via principal: a assumption do risco calculado e o diálogo descomplexado. Assim os empresários portugueses e as autoridades dos países lusófonos levam à prática as declarações de intensão frequentemente expressas.

Como dado adquirido temos que a prolongada crise económica causou profundas alterações, nos últimos anos, nos países africanos e nos principais organismos de financiamento ao desenvolvimento. Isso mesmo foi reconhecido por José Braz, da Elo, para quem o reordenamento da estrutura económica dos países africanos de expressão portuguesa abre novas oportunidades para o sector empresarial.

São oportunidades que, conforme frequentemente referido, podem ser bilaterais ou envolver forças terceiras e terem a forma de investimentos directos, «joint-ventures», contratos de gestão ou participação em privatizações. Mas os empresários portugueses, mais vocacionados e «intoxicados» com a Europa comunitária, ainda não perspectivavam o aproveitamento dessas novas oportunidades.

Tal implica uma grande atenção para as várias condicionantes que limitam a possibilidade de uma eficaz e concorrencial actuação dos portugueses, eles também a braços com limitações financeiras e com o processo de integração europeia. Mas este poderá ser a oportunidade desejada e necessária para «uma maior internacionalização da actividade empresarial portuguesa», segundo palavras de José Braz.

Como avançar

Na opinião de alguns analistas económicos e políticos, parecem estar a brotar as condições para que sejam diversificadas as relações que urgem. Afirmções fre-



Portugal, ponte de ligação entre África e a Europa

Competências repartidas na intervenção da CCE

As linhas-mestras definidas pela Comissão das Comunidades Europeias, para o desenvolvimento das relações com os países africanos, integrados no conjunto ACP, assentam na ampliação e maior dinamismo do sector privado, como forma de assumir as economias desses países, em especial os de África sub-sariana. Tudo dentro do âmbito das inovações de Lomé IV, com destaque para o que se refere a investimentos, desenvolvimento da empresa, cooperação descentralizada e cooperação industrial.

Os dados estão lançados e as prioridades definidas: os países em causa devem dar prioridade a projectos e programas de acção incluídos nos Programas Indicativos Nacionais e Regionais, no que se refere às verbas geridas pela Comissão, através do Fundo Europeu de Desenvolvimento (FED).

Por diversas vezes tem sido referido que a CCE considera importante que os agentes económicos tenham conhecimento aprofundado da forma como são repartidas as com-

petências entre o Banco Europeu de Investimento (BEI), o Centro para o Desenvolvimento Industrial (CDI) e a Comissão, considerados os três canais que apoiam as empresas no âmbito da Convenção de Lomé.

É assim que, nas relações entre a Europa e África, o BEI é a entidade que gere os fundos da Comissão de Lomé destinados ao financiamento de projectos, nomeadamente na indústria, turismo, energia e minas tendo, no seu quadro de competências, a gestão de 1.200 milhões de ecus de fundos próprios destinados a empréstimos bonificados.

A bonificação é paga pelo FED, o que permite que os empréstimos sejam concedidos a taxas de juro situadas entre os três e os seis por cento. Para além disso, o Banco assume a gestão de 825 milhões de Capitais de Risco, provenientes do FED e a uma taxa de juro máxima de três por cento.

Quanto ao CDI, actua junto dos empresários, principalmente em fase de pré-investimento, com apoio à preparação dos «dossiers» técnicos,

análise de mercado, estudo económico e financeiro dos projectos e escolha de tecnologias e meios adaptados. Um outro apoio é dado à realização de contactos entre potenciais parceiros ACP e europeus para a constituição de «joint-ventures». Contribui também para a reabilitação de empresas e no apoio técnico à sua reconversão.

O papel desempenhado pela Comissão, através dos seus mecanismos, centra-se numa escala essencialmente macroeconómica e, em grande medida, indirecta, junto dos Governos, instituições financeiras, associações profissionais e nunca directamente junto dos agentes económicos.

Quanto ao Banco Europeu de Investimentos a sua actuação é feita junto dos agentes económicos, especialmente em fase de financiamento de projectos e os seus interlocutores são os promotores desses projectos ou os chamados «organismos intermédios» de financiamento.

A. H.



Um vasto mercado aguarda parceria portuguesa

quentes e recentes de empresários, segundo as quais não estão interessados em negociar com os países africanos pois, «quando fazem é porque não têm dinheiro e quando têm dinheiro fazem com outros», não podem continuar a ter razão de ser.

Os empreendedores obviamente que querem garantias e meios de intervenção. Na sua opinião, é necessário um maior acesso aos fundos internacionais para financiamento de actividades de desenvolvimento, que até nem são distribuídos como direito automático.

Surgem aqui as queixas. Segundo afirmado, as estruturas nacionais de apoio à cooperação são pouco adequadas, já que, enquanto nos restantes países da CEE há instituições financeiras vo-

cacionadas para o desenvolvimento, acompanhamento e participação em projectos empresariais em África, o mesmo não acontece em Portugal:

Conforme foi ontem afirmado na mesa-redonda sobre a cooperação empresarial Portugal-Angola, «quando as condições económicas e de segurança melhorarem nos países africanos lusófonos, a ponto dos investimentos começarem a sério, os empresários portugueses não terão nem apoios financeiros locais nem as estruturas que permitam o acesso à grande parte dos fundos internacionais», muitos deles altamente bonificados, como o definido no caso de Lomé IV, que fixa financiamento à taxa de três por cento.

Necessária, então, uma entidade financeira para a cooperação empresarial, com participação privada e pública, de filosofia marcadamente privada e estrutura ligeira, vocacionada para apoiar a realização de investimentos rentáveis de empresas portuguesas nos países parceiros.

Por definir, também, quanto é gasto com a cooperação, para se saber como «se gasta a decisão de consignar verbas específicas no Orçamento Geral do Estado para a cooperação». Preocupante tem sido, conforme afirmado, a ausência de discussão sobre quais os instrumentos e os mecanismos que possibilitem a utilização dos fundos orçamentados.

Toda e qualquer actuação

futura, para além da motivação económico-sentimental que possa haver, terá de passar concretamente por diversas condições específicas, nomeadamente a definição dos contextos macro-económico e jurídico, de regras simples e claras e dos apoios financeiros e de formação.

Tudo o que que não se centre nestes pressupostos, por muitas declarações de princípio expressas, corre o risco de ser tomado como demagogia, eleitoralismo ou, pior ainda, cinismo. Contudo, sectores há que mostram ser possível que Portugal e os países africanos lusófonos estejam «fadados» a darem as mãos e progredir em conjunto.

Almeida Henriques

Cooperação com Angola em mesa-redonda

A mesa-redonda promovida ontem pela AIP sobre a cooperação entre Portugal e Angola mostrou o interesse oficial de ambos os lados no desenvolvimento de relações mais proveitosas. Durão Barroso, secretário de Estado da Cooperação, disse, na sessão de abertura, aquilo que tem estado presente no espírito dos empresários: que aquele país poderá ser o que irá ter o maior crescimento económico, depois de ser estabelecida a paz.

Durante o dia passaram, pelo salão da Junqueira, membros do Governo português, representantes oficiais angolanos e empresários, que afirmaram ser desejo mútuo ampliar os laços económicos. Durão Barroso, que disse haver intimidade política entre os dois países, acrescentou que as condições económicas existentes são razões para que Angola seja «uma boa aposta» para os empresários portugueses.

Por seu turno, os representantes de Angola, entre os quais se encontrava Kiala Gabriel, director do Ministério da Indústria e Agostinho Fernandes, conselheiro para os Assuntos Económicos da embaixada angolana em Lisboa, fizeram um balanço das alterações institucionais feitas no seu país, como forma de atrair

novos e maiores investimentos e fomentar a cooperação económica.

Portugal ocupa a primeira posição nos projectos de investimento estrangeiro apresentado ao Governo de Luanda tendo, no ano passado, o maior excedente da balança comercial ocorrido com Angola, com importações no valor aproximado

de oito milhões de contos e exportações de quase 49 milhões, o que representa 2,45 por cento do total das vendas nacionais.

Mas, conforme foi referido pelo secretário de Estado da Cooperação, «tal situação não é suficiente e é necessário que o crédito ao investimento disponível em Portugal seja completamente utilizado, o que não se verificou até ao momento».

A mesa-redonda ontem efectuada surge na sequência dos desenvolvimentos políticos e económicos registados em Angola e, numa perspectiva mais próxima, conforme referido na altura, na vontade expressa por Luanda de encetar a reestruturação da maior parte do sector empresarial do Estado, incluindo a privatização ou a co-gestão das mais importantes empresas e unidades industriais.



Durão Barroso na sessão de abertura

COMENTÁRIO

A necessidade de uma estratégia global

O relacionamento económico entre Portugal e a República Popular de Angola tem sido, nos últimos anos, significativo e crescente. Angola é actualmente um importante cliente de produtos portugueses (o 10.º melhor mercado e o 1.º em África) sendo também muito significativa a prestação de serviços portugueses, factores que tornam Portugal como um dos principais parceiros económicos de Angola.

Ainda nesta perspectiva, é significativo o elevado número de empresas portuguesas que têm relações económicas com entidades angolanas, havendo mesmo um bom número de empresas portuguesas estabelecidas na República Popular de Angola.

A existência deste importante relacionamento e os fortes laços históricos e culturais que unem os dois países constituem uma excelente base para a intensificação dos fluxos de bens e serviços entre as duas economias e para a evolução para novas formas e modalidades de relacionamento empresarial.

De facto, os objectivos da RPA, em termos do redimensionamento do seu sector empresarial e quanto à evolução do seu sistema económico, bem como as perspectivas existentes no sentido da solução dos problemas políticos que vêm existindo em Angola, abrem novas oportunidades para os agentes económicos de ambos os países.

Acresce que a própria evolução a que assistimos na África Austral conduz à expectativa de esta parte significativa do continente africano venha a ter condições de caminhar na vida do desenvolvimento económico e social, o que a concretizar-se, como todos esperamos, criará toda a nova situação na África central austral na qual os empresários portugueses, e certamente os próprios angolanos, naturalmente desejaram marcar presença.

Para Portugal, significando a integração europeia a crescente internacionalização da sua economia, que o mesmo é dizer da actividade das suas empresas, é importante valorizar as grandes potencialidades derivadas do seu importante relacionamento com economias e espaços extraeuropeus.

Deste modo, o processo de redimensionamento empresarial em Angola, reveste para a economia portuguesa e para muitas empresas portuguesas um significativo interesse, na medida em que deverá constituir um primeiro passo no sentido de uma maior inter-relação entre empresas portuguesas e angolanas. Do bom relacionamento comercial haverá que partir para formas de cooperação empresarial, através de participações no capital de empresas localizadas em Angola, à intensificação da transferência de tecnologia, ao desenvolvimento da formação profissional, ao apoio e participação no desenvolvimento de uma classe empresarial em Angola, à cooperação empresarial para o desenvolvimento de acções em terceiros mercados.

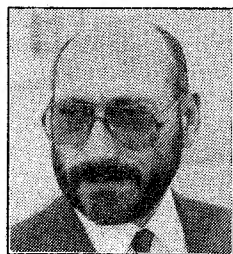
A experiência portuguesa, o seu nível de desenvolvimento tecnológico, a situação de membro das Comunidades Europeias e o bom relacionamento entre os dois países, são aspectos que Portugal tem que valorizar na certeza de que contribuirão positivamente para o desenvolvimento de ambas as economias.

Neste sentido, impõe-se que Portugal desenvolva uma estratégia global de apoio à cooperação empresarial com Angola, de modo a que as múltiplas iniciativas empresariais tenham as adequadas condições de enquadramento.

Para a AIP é do maior interesse, pelas razões já referidas, o desenvolvimento das ligações empresariais portuguesas em Angola, razão pela qual tem vindo na área das suas atribuições a desenvolver um significativo conjunto de acções que passam pelo relacionamento constante com as autoridades e instituições angolanas, pelo desenvolvimento de acções

visando o apoio à formação profissional e a acções de promoção e divulgação de bens, serviços e tecnologias.

E, neste contexto, realizações como esta Mesa Redonda sobre Cooperação Empresarial Portugal-Angola são para nós instrumentos importantes na medida em que se constituem como «formas» de diálogo e de intercâmbio de informação.



Jorge Rocha de Matos

A. H.

Crise do Golfo agrava situação dos países do Terceiro Mundo

Aberturas no Leste dão lugar ao «afropessimismo»

A palavra está já a entrar na moda. Chamam-lhe «afropessimismo», uma corrente de opinião que, pouco a pouco, foi alastrando aos observadores e altos responsáveis dos Governos africanos, após o início das reformas políticas no Leste Europeu. Segundo esta concepção, as aberturas políticas na Europa Central e Oriental vão contribuir para uma «marginalização dos países africanos» face ao esforço económico e financeiro dos países Ocidentais, interessados agora em arrumar a casa - ou, se quisermos, a casa do vizinho - depois de 40 anos de Guerra Fria.

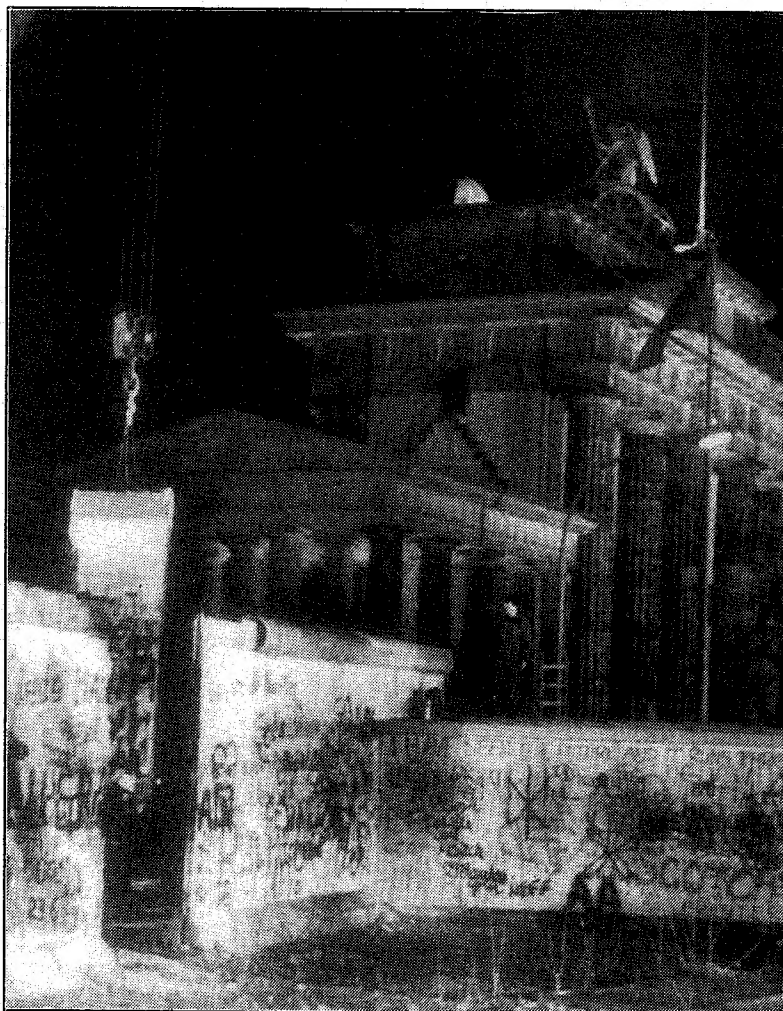
Este ano, durante a assinatura dos acordos de Lomé IV entre a CEE e os países ACP (África Caribás e Pacífico), alguns dirigentes africanos fizeram notar que os países que levantaram mais dificuldades nas negociações com vista ao aumento das verbas para a cooperação e a ajuda financeira eram, precisamente, os que se manifestaram mais interessados com as perspectivas económicas abertas na «frente Leste». Entre eles encontra-se a Alemanha - por razões óbvias - que, no entanto, se mantém como o maior contribuinte Europeu no quadro dos acordos de Lomé.

A CEE encontrou, apesar destas dificuldades, uma saída, no mínimo, airosa. Aumentou em 40 por cento os montantes concedidos, em termos nominais, aos países ACP - 12,169 biliões de ecus - em relação à anterior Convenção de Lomé III, ou seja um aumento de 20 por cento em termos reais. No entanto, se analisarmos estes dados em termos de percentagens por habitante, os montantes comunitários correspondem, de facto, a uma diminuição. Segundo os peritos comunitários, para que estes níveis se mantivessem constantes, seria necessário um

aumento na ordem dos 15 biliões de ecus, facto que motivou igualmente as críticas do ministro senegalês do Comércio, Seydina Sy, ao afirmar: «A ajuda da CEE prometida à Hungria e à Polónia, nos próximos três anos, atinge os 60 dólares por habitante. Para Lomé IV, por seu lado, a CEE consagra apenas 33 dólares para um período de cinco anos», o que equivale a dizer, cerca de dez vezes inferior à ajuda concedida aos países de Leste...

Os países africanos rotularam já as iniciativas comunitárias no sentido da diminuição dos compromissos financeiros em África e do reforço da ajuda ao Leste de «euroegoísmo». «Excessivo», afirmam os representantes comunitários, que consideram a ajuda ao Leste europeu como uma opção legítima. Em relação à «marginalização de África», o argumento dos Doze é de que se trata antes de um reequacionamento da posição real do continente africano, hiper valorizada relativamente às duas superpotências e devido à Guerra Fria. Por detrás destas afirmações uma crítica nas entrelinhas, recordando que o papel de África no novo equilíbrio internacional depende agora dos seus esforços de reorganização social e dos sucessos económicos e, finalmente, que o «desenvolvimento é menos uma questão de recursos naturais ou financeiros que uma questão de boa gestão dos meios postos à sua disposição» (1). Para bom entendedor...

Mas se os financiamentos públicos aos países africanos estão, apesar de tudo garantidos, o mesmo não acontece no que se refere aos investimentos e empréstimos privados. Segundo o relatório do Banco Mundial referente ao ano de 1989, divulgado no passado dia 7, os bancos comerciais privados têm-se



A Alemanha, devido à reunificação e às solicitações dos países de Leste está cada vez menos interessada em ajudar economicamente os países africanos

mostrado cada vez mais reticentes face aos juros da dívida acumulados nos últimos anos pelos países do Terceiro Mundo, em geral - 16,4 biliões de dólares contra os 10 biliões verificados em 1980 -, restringindo agora os seus empréstimos a algumas excepções, na Europa e na

Ásia.

Seja como for, parece haver unanimidade sobre um ponto: depois da derrocada no Leste nada vai ficar como antes. Alguns países africanos perguntam-se já como traduzir *perestroika* e *glasnost* na sua própria língua. Como resultado, vários países

africanos já anunciaram a intenção de efectuar reformas políticas e económicas nos respectivos países e o pluripartidarismo começa a ser aceite como um modelo passível de aplicação também aos povos africanos.

Estas soluções manifestam uma clara tentativa de não perder o comboio da ajuda internacional cada vez mais disposta a impor os seus princípios aos países menos «cooperantes» com as orientações dos seus credores.

Não obstante a posição de força dos países industrializados, algumas questões permanecem por resolver no seio da própria Ordem Económica Internacional. Segundo ainda o último relatório do Banco Mundial, a dívida dos países do Terceiro Mundo atingiu os 988,5 biliões de dólares e, devido à diminuição de novos empréstimos privados, o fluxo de capitais voltou a registar um aumento no sentido Sul-Norte, de 37,6 para 42,9 biliões de dólares.

Como se isto não bastasse, um outro acontecimento de consequências ainda imprevisíveis poderá contribuir ainda mais para o agravamento da difícil situação económica dos Países Menos Avançados (PMA), constituídos maioritariamente por Estados africanos. O conflito no Golfo Pérsico, que Saddam Hussein procurou também explorar como uma confrontação Norte-Sul, irá agravar essencialmente os PMA não produtores de petróleo, desequilibrando ainda mais a difícil situação da balança de pagamentos e consequentemente o défice externo.

Carlos Camponez

(1) PAGUI, Lucien, in *Courrier des pays ACP*, nº 120, mars-avril, 1990, pág. 130

Um árduo caminho até Lomé

Desde a Segunda Guerra Mundial, as relações económicas entre a Europa e a África têm sido marcado por convenções cuja versão mais actualizada é a de Lomé IV, assinada no início deste ano. Desde 1958, data da primeira convenção, os dois continentes sofreram profundas mutações. A Europa criou a CEE, alargou-a, e está neste momento a ultrapassar a divisão da Cortina de Ferro. A África, por sua vez, criou numerosos países independentes sofrendo grande agitação política social ainda bastante ligada ao seu passado recente.

Quando o Tratado de Roma foi assinado em 1957, as relações entre a Europa e a África (ou o Terceiro Mundo em geral) tinham um carácter nitidamente unilateral. O Tratado previa uma ajuda às então colónias, sob a forma de uma convenção que devia manter as trocas comerciais e as linhas de auxílio entre a CEE e os então «territórios ultramarinos» (PTOM).

Um ano depois, foi criado o primeiro Fundo Europeu de Desenvolvimento (FED), dotado de 581 milhões de «unidades de valor» (a precursora do ECU), cuja totalidade estava destinada a auxílios não reembolsáveis, geralmente aplicados em projectos de infra-estruturas sociais e económicas. A Comunidade dos Seis (Bélgica, França, RFA, Luxemburgo, Holanda e Itália) era então dominada, em termos de possessões coloniais, pela França, não sendo por isso de estranhar que o pri-

meiro FED beneficiasse essencialmente os PTOM francófonos.

A década da esperança

A década de 1963-1973 foi marcada pela esperança. Grande número de colónias francesas em África obteve a independência e o boom económico europeu do pós-guerra atingiu o seu apogeu numa época que ficou conhecida pelos «*Golden Sixties*». Os novos Estados africanos estavam então marcados por teorias económicas que defendiam uma «recuperação do tempo perdido», entregando-se à dupla tarefa de construir uma nação e uma economia forte e industrializada.

Esta grande mudança reflectiu-se, como não poderia deixar de ser, na natureza das relações económicas Europa (CEE)-África. Dezoito países francófonos (com excepção da Somália) criaram uma associação, que negociou bilateralmente com a Europa dos Seis uma convenção, cujas disposições incluíam acordos comerciais preferenciais, assistência técnica e financeira, para além de instituições mistas a nível ministerial e parlamentar. Assinada em Julho de 1963 em Yaoundé (Camarões), esta convenção com duração de cinco anos renováveis, é considerada o embrião das actuais convenções do Lomé.

Os cinco anos que se seguiram foram marcados por resultados desiguais para os países africanos que viviam a sua primeira

década de independência. Muitos conseguiram progressos impressionantes na instalação de infra-estruturas nas áreas do transporte, educação e saúde, mas outros fizeram experiências sociais e políticas ruinosas, conhecendo guerras civis e desordens económicas. A segunda Convenção de Yaoundé, assinada em 1969 pelos mesmos 18 países, será assim marcada pelo mesmo tipo de auxílio às infra-estruturas e ao desenvolvimento industrial, tendo em vista um processo de substituição de importações.

A constituição dos ACP

Em 1973 a Grã-Bretanha (juntamente com a Irlanda e a Dinamarca) adere à CEE. Este facto vai alterar as relações da CEE com os países do Terceiro Mundo, já que os britânicos trazem com eles a *Commonwealth*, que ultrapassa largamente as fronteiras de África.

Os países francófonos estão agora junto aos anglófonos e durante dois anos realizam-se intensas negociações para tentar saber como se dará o relacionamento com a CEE. Será, no entanto, o grupo africano que dará o tom aos países que em 28 de Fevereiro de 1975 assinam a primeira Convenção de Lomé. Nessa altura esses países, em número de 44 (passarão a 48 dois meses depois) já são conhecidos pela sigla ACP, ou seja, África, Caribás e Pacífico. Ainda em 75, em Georgetown, os ACP concluem um acordo que lhes dá uma estrutura permanente.

Mas o Primeiro Mundo também não atravessa um período tranquilo, devido, sobretudo, ao choque petrolífero de 1973 que, de forma abrupta, vem pôr fim aos «*Golden Sixties*». As economias mais desenvolvidas apercebem-se não só da sua dependência em relação ao petróleo e ao cartel de países do Terceiro Mundo que o domina (a OPEP), como receiam que outras matérias-primas (açúcar, urânio, café e cacau, principalmente) entrem num processo semelhante de associação entre nações produtoras a impôr os seus preços.

A primeira Convenção de Lomé ficará também marcada pelo facto de ser um acordo (o que até então era inédito) de dependência mútua Norte-Sul, com os países ACP a serem bem pagos pelas matérias-primas que produzem.

As ex-colónias passam assim a dispôr de um estatuto de igualdade de tratamento que, no entanto, será bastante afectado pela crise dos anos 80, a «*década perdida*» para o Terceiro Mundo. Neste momento, com a assinatura do Lomé IV, os anos 90 irão demonstrar como ficarão as relações entre os dois continentes e de que modo os africanos poderão manter o estatuto de igualdade tão duramente conseguido.

Redacção «DL»/«Le Courrier des Pays ACP»

POLÍTICA

PS alerta: acabaram-se os anos das vacas gordas

O secretário nacional do Partido Socialista para os assuntos económicos e sociais, Ferro Rodrigues, e o deputado Manuel dos Santos, membro da Comissão de Economia da Assembleia da República, deram ontem uma conferência de imprensa destinada a anunciar as medidas defendidas pelo PS para garantir o desenvolvimento económico nos próximos quatro anos e denunciar situações «estranhas» da política económica do Governo.

Foi uma antecipação do debate do Orçamento de Estado na Assembleia da República e «um aviso à navegação», para que este ano o Executivo seja mais rigoroso na apresentação do OE.

Mas o facto da Comissão de Economia da AR «ainda não ter reunido, quando todas as outras comissões já têm reuniões marcadas» é, para Manuel dos Santos, um sintoma grave quanto às intenções de rigor e transparência do Executivo de Cavaco Silva. Aliás, o PS apresentou, ontem, um protesto pelo atraso da reunião da Comissão.

«Não se pode permitir que a tendência eleitoralista do Governo conduza a um Orçamento fictício com graves consequências para o futuro». O alerta deixado por Ferro Rodrigues é um indicador seguro de que o Partido Socialista vai fazer deste OE um «cavalo de batalha», já que «se acabaram os anos das vacas gordas» e pode estar em causa o «empenhamento do país no próximos 4 a 5 anos», provavelmente «com consequências mais graves do que a crise de 1983 a 1985».

Ferro Rodrigues admitiu que nos últimos

anos houve mais desenvolvimento no país, com a redução da taxa de inflação, aumento do investimento e redução do desemprego, embora com custos sociais elevados e sem medidas estruturais sólidas. Daí que «a evolução positiva, determinada pela conjuntura internacional, seguiu-se, mesmo antes da crise do Golfo, uma regressão visível» nos principais indicadores económicos, enquanto na área social o aumento do peso dos impostos e o aumento das desigualdades e o fracasso do desenvolvimento em áreas prioritárias são considerados por Ferro Rodrigues «três aspectos fortemente negativos».

O Partido Socialista exige como questões de princípio «a criação de condições para o alcance de um verdadeiro acordo social de médio prazo, a estabelecer depois das eleições legislativas; acelerar os mecanismos para a entrada no Sistema Monetário Europeu antes da presidência portuguesa do Conselho da Europa; incentivos para a aplicação qualitativa dos investimentos produtivos; melhoria da qualidade de emprego e avanço do processo de privatizações».

Ferro Rodrigues defende o acordo social como um ponto fulcral para evitar o «descarilamento» da economia e estranhou que o Governo continue a não ouvir o PS, quando «todos os parceiros sociais reconhecem no partido um interlocutor essencial para o diálogo».

O PS reúne amanhã com os representantes da CNEP (CIP, CCP e CAP) para discutir a evolução da economia no âmbito do debate do OE, e tem realizado encontros idênticos com a UGT e a CGTP.

Modelo económico de Macau

«está ultrapassado»

O secretário-adjunto para os Assuntos Económicos de Macau, Murteira Nabo, defende que o modelo económico seguido no território, nos últimos 20 anos, está esgotado, sendo necessário aumentar a competitividade regional.

O governante apresentou em conferência de imprensa os resultados de um estudo elaborado para o Governo de Macau pela firma de consultadoria «Mckinsey».

O estudo revela que a economia macaense está excessivamente polarizada, dependente da vizinha colónia britânica de Hong-Kong, demasiado vinculada à indústria têxtil e em quebra de competitividade em relação aos principais países da região.

25 por cento do Produto Interno Bruto do território é gerado pelo sector do turismo, que se caracteriza pelas entradas de residentes de Hong-Kong (80 por cento), com destino aos casinos de Macau. Aliás, o excessivo peso do jogo no sector, segundo o estudo, é ainda mais evidente na medida em que as receitas da concessão da exploração dos seis casinos representam cerca de metade do Orçamento da Administração.

Candidatura de Carvalhas está em banho-maria

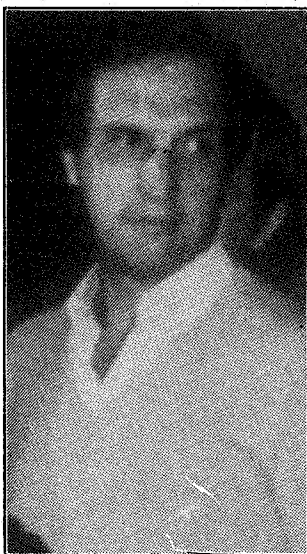
O PCP ainda não sabe se a candidatura de Carlos Carvalhas «é para levar até ao fim» ou para desistir antes da ida às urnas, afirmou Luís Sá num encontro que ontem manteve com os jornalistas para dar conta das principais decisões aprovadas na reunião, na segunda-feira à tarde, da Comissão Política do Comité Central.

Por ora é um problema que está em banho-maria, tanto mais que os «Verdes» que discordam do PCP no quadro da actual CDU, estudam a hipótese de lançar um candidato próprio nas Presidenciais. Candidato que poderá ser Maria Santos.

«Não podemos funcionar como um pequeno partido que não tem nada a perder», disse Luís Sá, numa alusão que muitos alargaram ao Partido Ecologista Verdes/PEV. O PCP vai «aguardar o evoluir dos acontecimentos» para tomar uma decisão - acrescentou.

Regionalização, aumentos do preço do gás, dispensa de concurso público em algumas obras públicas (caso recente de um troço da futura Cintura Regional Exterior de Lisboa-CREL) e as propostas de revisão da lei eleitoral autárquica foram outros dos temas apreciados na reunião da Comissão Política do PCP.

Sobre esta última questão, Luís Sá lembrou aos jornalistas que o PCP defendeu,



sem êxito, na Constituinte, que grupos de cidadãos pudessem apresentar listas e serem eleitos para órgãos municipais. O Partido Comunista condena agora, contudo, a iniciativa de Cavaco e do PSD de avançar de imediato com a limitação do mandato dos eleitos e a possibilidade de candidaturas de listas de grupos de cidadãos fora do quadro da revisão constitucional.

O PCP considera que a forma de eleição de autarcas em vigor «tem dado bons resultados», sendo por isso «injustificado pretender introduzir, a quatro anos da próxima revisão constitucional, alterações limitativas da sua democraticidade», frisou Luís Sá.

EDITORIAL

A doce coabitação

Aparentemente o Presidente Mário Soares produziu à sua volta um curioso fenómeno de vácuo eleitoral: ninguém parece interessado em disputar-lhe o ceptro presidencial.

O candidato X, situado à direita, teima em não se definir, e a renúncia de Lucas Pires não é de bom augúrio. O candidato Y, à esquerda, não é previsível, se pensarmos numa personalidade suprapartidária capaz de aglutinar à sua volta as forças políticas que, nas presidenciais de 1985-86, confluíram nas candidaturas de Francisco Salgado Zenha e Maria de Lurdes Pintasilgo.

O vácuo eleitoral que Soares projecta à sua volta poderia ser interpretado, numa primeira leitura, como fenómeno glorioso, resultante do consenso quase sem fronteiras que o Presidente-Espectáculo logrou criar à sua volta. Mas, se ninguém contesta a virtuosidade do dito consenso, nem o vanguardismo do seu actor, já se afigura contestável o resultado final em termos de regime político e de perfil do Presidente na prática constitucional portuguesa.

Qual o preço deste admirável consenso, em *presidências abertas* alargado a todo o Reino de Portugal? Em termos de regime político, afigura-se evidente que o balanço do primeiro mandato de Soares se traduziu em substancial reforço do Executivo. Dir-se-á que, em parte, isso resulta, quer da revisão constitucional de 1982 (executada sob o signo do fulanismo anti-eanista), quer da existência de uma maioria absoluta monopartidária no Parlamento. Esses são factores relevantes, mas não explicam tudo.

A Constituição continua a permitir uma actuação de Presidente activo. No entanto, a própria estratégia de *coabitação doce* do Presidente Soares marcou, claramente, a sua distância em relação aos períodos de *guerrilha institucional* da época de Eanes, mas existem modelos de *coabitação tensa* - Mitterrand *versus* Chirac, por exemplo - susceptíveis de aplicação ao caso português. Evitando um afrontamento sistemático, o Presidente assinala, através dos mecanismos de intervenção ao seu alcance, a sua *diferença* política e ideológica.

O primeiro mandato de Mário Soares abriu caminho a um *presidencialismo de primeiro-ministro*, - para recorreremos a uma fórmula utilizada, salvo erro, por Marcelo Caetano para caracterizar o *salazarismo* e retomada por Adriano Moreira para retratar a actual fase -, com subalternização do papel do Presidente da República. Resta saber se este mandato constituiu apenas um fenómeno transitório, ou se prenuncia a diluição da característica semi-presidencialista do regime. Querera Mário Soares, no seu segundo mandato, projectar no terreno político a imagem de monarca criada entre 1986 e 1990? Desejara mostrar que não é um Presidente sem desígnio ou com um desígnio tão vago que se confunde e dilui no próprio consenso que o

rodeia?

Combatente político desde a juventude, chefe partidário, Soares não se confunde em matéria de perfil ou de temperamento com a Rainha da Inglaterra ou o Imperador do Japão. Gostaria, certamente, de articular a sua actuação presidencial com um projecto governamental que lhe fosse próximo, em termos de valores políticos. Estará disposto a tentá-lo, projectando nas legislativas o seu anunciado triunfo nas presidenciais? Ou, pela contrário, privilegiará a política de Corte, situando-se acima de todas as opções políticas e alargando ao infinito a consensualidade existente?

A estratégia a definir para as próximas eleições, após o esperado anúncio da recandidatura, já dará indicações a esse respeito. É evidente que, neste final de século, não há lugar para a reprodução do estilo *corta-fitas* de Américo Tomaz. Tivemos, no entanto, um Presidente (quase) limitado ao exercício de poderes simbólicos, através de uma utilização, com maestria, de *velhos media* revalorizados (o *Presidente-sabedoria*, promotor de conferências com intelectuais universalmente reconhecidos) ou de *novos media* articulados com rituais públicos (o *Presidente-rei*, por via das *presidências abertas* na Televisão). Em suma, um *cortafitismo de tipo novo*, adequado à era de *vazio ideológico* dos anos 80.

Será esse papel que Mário Soares pretende desempenhar no segundo mandato, numa espécie de posfácio cerimonial à sua carreira de homem político activo e interveniente? Custa a crer. Aliás, de Reagan a Mitterrand, a tradição dos regimes presidenciais e semi-presidenciais aponta no sentido de uma demarcação qualitativa entre o primeiro e o segundo mandato, este mais liberto dos constrangimentos resultantes da recandidatura. Acresce que, em Portugal, é improvável, embora não impossível, que se reproduza a situação de maioria absoluta do PSD. Isso exigirá uma intervenção de natureza diferente do Presidente da República. Em vez de gerir um consenso *pelo consenso*, poderá, eventualmente, colocá-lo ao serviço de um desígnio.

O Chefe de Estado, na cultura política portuguesa, corresponde a duas vertentes: «Presidente da República, ele é também o presidente da Nação», ou seja «o garante da estabilidade social e o vector da integração social» (Luís Salgado de Matos). Portador de uma carga simbólica herdada dos monarcas, cultiva necessariamente uma dose majestática de ambiguidade, mas também se espera que assuma e personifique, não o Governo, mas a inspiração das grandes linhas de orientação da República. Porque é eleito por sufrágio directo e universal e - caso único entre os órgãos de soberania - por escrutínio maioritário, pede-se-lhe que seja, além de presidente da Nação, Presidente da República.

Mário Mesquita

Presidente da República em Paris

Soares e Mitterrand falam da crise no Golfo

Mário Soares deverá ser esta tarde informado por François Mitterrand sobre o que a França pensa acerca da crise do Golfo e os eventuais cenários postos para solucionar o conflito. A situação no Golfo é um dos dois temas de fundo a abordar entre os presidentes de França e de Portugal, num encontro que esta tarde junta no Palácio do Eliseu dois amigos de longa data.

Os dois Chefes de Estado deverão passar em revista os últimos desenvolvimentos da crise e o comportamento do Iraque em todo o processo, desde a invasão daquele território ao cerco à Embaixada de França. Já ontem, em Estrasburgo, Soares fez uma breve alusão ao conflito do Golfo num colóquio em que participou no Conselho da Europa, salientando os valores da liberdade e da democracia que se encontram

em perigo naquela zona do Médio Oriente.

O outro tema a tratar pelos dois estadistas concerne à Europa comunitária, designadamente o processo de unificação das duas Alemanhas, um dia depois da cimeira franco-alemã.

O Presidente da República portuguesa, que ontem abriu em Estrasburgo o colóquio «Europa: os caminhos da democracia», promovido pela secretária-geral do Conselho da Europa, Catherine Lalumière, passou esta manhã por locais de Paris que conhece dos seus tempos de exílio, nomeadamente os Campos Elíseos, e visitou algumas livrarias onde o seu livro «Portugal Amordaçado», «Portugal Amordaçado» na versão portuguesa, esteve à venda antes do 25 de Abril.

Depois de se encontrar com François Mitterrand esta tarde, Soares deslocar-se-á à

exposição de Júlio Pomar na galeria Georges Lavrou, antes de conceder uma entrevista ao jornalista Jean-Marie Cavada, do programa do 3º Canal da ORTF «A Marcha do Século».

Mário Soares regressa ao fim da noite a Lisboa, no termo de uma visita de dois dias a França, o primeiro dos quais o levou, ontem, ao Conselho da Europa, em Estrasburgo. Soares abriu a sua intervenção no colóquio «Europa: os caminhos da democracia» referindo-se à crise do Golfo, sustentando que o conflito «é o exemplo do grande perigo a que pode conduzir a falta de liberdade e a democracia».

«Numa região (Golfo) onde, salvo raras exceções, os povos vivem submetidos a regimes feudais e sanguinários, a vontade de um homem (Saddam Hussein) pode colocar o mundo à beira



do abismo», acrescentou, propondo neste contexto a criação de novos instrumentos de intervenção no quadro das Nações Unidas.

Falando em francês, Soares abordou a dicotomia totalitarismo/liberdade, além de uma breve alusão ao problema do Golfo, apelando ao Ocidente para apoiar os países do Leste. Pronunciou-se ainda contra o nacionalismo, o racismo e a xenofobia, e defendeu a liberdade, a democracia e um papel cada vez mais importante da Europa.

«O dilema essencial do nosso tempo é entre totalitarismo e liberdade e não há compromisso possível... A liberdade é um valor absoluto e universal, a aspiração suprema de qualquer ser humano», acentuou o Presidente da República.

Redacção «DL»/Lusa

B R E V E S

Cavaco Silva com Toshiki Kaifu

Cavaco Silva foi hoje recebido em Tóquio pelo seu homólogo Toshiki Kaifu. No segundo dia da sua visita ao Japão, o primeiro-ministro participará ainda num almoço oferecido pelo Japan-Portugal Business e pela sociedade luso-nipónica e, depois, concederá uma entrevista à NHK, a principal cadeia de televisão nipónica. No encontro com Kaifu, as conversações foram dominadas pela situação no Golfo, Timor Leste e relações comerciais. Num breve encontro com os jornalistas, Cavaco Silva mostrou-se satisfeito com os resultados do encontro.

Dick Cheney visita Portugal

O secretário norte-americano da Defesa, Dick Cheney, visita Portugal no próximo fim de semana. Cheney manterá conversações com Fernando Nogueira, ministro da Defesa.

Martinho convida Emídio Guerreiro

O presidente do PRD convidou Emídio Guerreiro para «colaborar» na campanha do partido nas próximas eleições presidenciais. Martinho explicou a Guerreiro que a sua presença junto do candidato renovador (que não se sabe ainda quem será) poderá ter um papel importante. Emídio Guerreiro, 91 anos, aderiu ao PRD há quatro anos e foi, num curto período posterior à revolução de Abril, secretário geral do PPD/PSD.

À FALA COM...

Silveira Ramos e a estratégia do MDP para as Presidenciais

«Não está posto de parte o apoio a Maria Santos»

Militante do MDP desde 1975, o engenheiro Silveira Ramos, 49 anos, é um membro da Comissão Política e do Conselho Nacional de um partido com a presidência em aberto. Entre reuniões decisivas daqueles dois órgãos - o CN está marcado para o próximo dia 29 - falou ao «DL» da estratégia do MDP para as eleições presidenciais, que privilegia uma candidatura ecologista. E da sobrevivência das pequenas formações partilhadas, que recusam o «fatalismo» de alianças com os grandes.

Diário de Lisboa: Na reunião da Comissão Política do passado fim-de-semana, a «questão presidencial» foi debatida. Pelo menos publicamente, porém, não parece ainda totalmente esclarecido o posicionamento do MDP face às eleições. Afinal, qual é a estratégia do partido?

Silveira Ramos: Não é incorrecta a interpretação de que não se trata de uma posição clara e definitiva. Em termos genéricos, pensamos que é desejável - e há condições - para o aparecimento de uma candidatura fora do quadro clássico e «ortodoxo», capaz de cobrir uma área onde também nos situamos, de forma não exclusiva: a das organizações alternativas. Tal não significa que consideremos negativo o mandato de Mário Soares. Até fazemos um balanço positivo. Mas a conjuntura aconselha uma trajectória que passe por uma candidatura ecologista.

DL: Como afirma, o MDP não é a única organização que se

reclama desse campo.

SR: Não. E quantas mais houver, mais razão se dá às que começaram. Não nos sentimos de modo nenhum donos desta área política, a perspectiva do desenvolvimento compatível com a ecologia.

DL: Mas, nesse mesmo espaço, poderá vir a surgir uma candidatura do Partido «Os Verdes», provavelmente protagonizada por Maria Santos...

SR: Como disse, não temos ainda uma posição definitiva nessa matéria. Há alguns contactos, mas o que decidimos é que, a envolvermo-nos, terá de ser com princípio, meio e fim. Em relação à candidatura ecologista anteriormente apresentada e que depois se retirou, não nos envolvemos. Não nos prestávamos a apoiá-la, apesar de termos bons amigos nela. Tinha uma posição de afastamento em relação às forças políticas, especialmente em relação aos partidos, que nós não perfilhamos.

DL: Bom... E se a Maria Santos se candidatar mesmo?

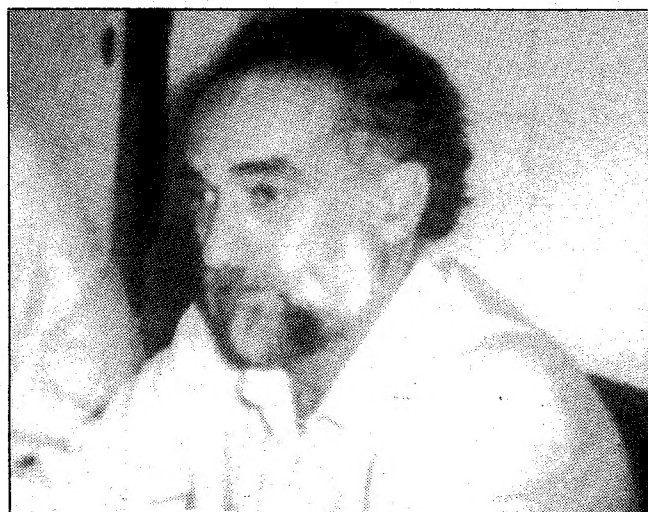
SR: Não está posto de parte que a apoiemos, se avançar.

DL: Apoio oficial?

SR: Subsiste a possibilidade de os dois partidos a apoiarem. Mas neste momento a situação n'«Os Verdes» não é clara. Não gostaríamos que surgisse mais do que um candidato na área ecologista. Porém, juntar esforços não consiste no apoio do MDP a um candidato d'«Os Verdes».

«Alianças não podem ser uma fatalidade»

DL: «Os Verdes» parecem



estar a atravessar um processo que o MDP já conhece.

SR (sorri): Eu diria que tem alguns pontos de contacto, mas também grandes diferenças. A génese d'«Os Verdes» é distinta da nossa. Quando rompemos com um aliado, saíram pessoas, mas a divergência de orientação táctica não provocou fissuras. O nascimento d'«Os Verdes» teve mais a ver com a necessidade do PCP de manter uma estrutura unitária. Por isso os processos são diferentes. Claro que há coincidências: as acusações de aliança com a direita, a radicalização. Não ficamos admirados, porque está dentro da tradição do PCP.

DL: Mas é possível a um pequeno partido desta área sobreviver sem o PCP?

SR: Não sei. O futuro o demonstrará. Ou os partidos pequenos têm condições para sobreviver por si próprios ou não têm sentido. os partidos

podem estar coligados por opção, mas não por fatalidade. Se não é possível a sua intervenção, o que está mal é a estrutura. Deviam ser criados mecanismos institucionais que tornassem possível a representação e intervenção das minorias. O actual sistema permite a «autoprotecção» das grandes organizações partidárias.

DL: O MDP envolveu-se na coligação «Por Lisboa». Que espaço de intervenção tem sido nela possível?

SR: A nossa intervenção tem sido grande nas autarquias. No caso de Lisboa, já estávamos na vereação antes e procuramos agora que a coligação funcione. É um campo de convivência política muito útil. Não estamos arrependidos! Não chegámos agora ao trabalho autárquico. Julgamos, aliás, que a experiência devia reproduzir-se noutros sítios.

Paulo Martins



ESPECIAL FÉRIAS/90

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO

COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telex (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



FORUM

ESTRATÉGIA «KLEENEX»

O que distingue uma acção política empenhada numa simples gestão de interesses é a capacidade de aliar às convicções entusiasmo e memória. Por isso os políticos que se especializam em deitar o passado fora acabam por ser varridos da memória colectiva.

Vem isto a propósito duma espécie de amnésia selectiva que se apoderou do PSD e que não posso deixar de sublinhar, por envolver questões em que participei de modo muito directo e evidente.

Refiro-me, em primeiro lugar, à questão das presidenciais. Parece inevitável o apoio do PSD à recandidatura de Soares, por muito que a este custe ter de brandir armas contra ninguém. Mas se há coisa que os dirigentes sociais-democratas não têm é pudor: E vá de se porem a elogiar o Presidente, como se não estivessem a reconhecer que afinal se tinham enganado redondamente nas previsões catastrofistas com que animaram, em jeito de «guerra santa», a campanha de 1986. Para estes soaristas de última hora, é até normal a desistência de Lucas Pires. O PSD, de resto, sempre oscilou entre aliar-se à direita ou à esquerda, pelo que parece encarar a situação sem perturbações.

O que é grave, porém, não é a não comparência do CDS. O deserto do PSD em matéria presidencial é que deve considerar-se anormal, até porque se vem repetindo. Como é que um partido capaz de atingir tão largas maiorias não consegue produzir nenhuma candidatura credível, após tantos anos de democracia? Julgo que a resposta passa pelo facto de se exigir dum candidato a Presidente que tenha um passado, coisa que existe os sociais-democratas é inexistente ou para esquecer. Deste modo se perde o sentido de com-

panheirismo que só a convivência prolongada no combate comum permite forjar. O PSD é um partido que usa e deita fora as figuras que o vão simbolizando. Cavaco leva mesmo esta estratégia «kleenex» ao ponto de nem sequer assumir as dívidas de campanha dos candidatos derrotados, como Freitas do Amaral ou Rebelo de Sousa. Não admira, assim, que outros não queiram correr o risco, no que só se reforça o deserto à volta do chefe.

O que mais separa Cavaco de Soares não é a ideologia ou o temperamento - é a total falta de memória do primeiro. Por isso Soares é solidário e Cavaco solitário. Por isso Soares tem o consenso e Cavaco vem perdendo o simples bom senso.

Por isso também será difícil que aqueles que apoiaram Soares em 1986, como eu, se imaginem agora lado a lado com Dias Loureiro, ou com outro qualquer, nos comícios que estão para vir.

A estratégia «kleenex» tem as mais variadas aplicações. Estarão os leitores recordados da polémica em que me envolvi com o Primeiro Ministro acerca dos dinheiros do jogo para as obras de saneamento básico do Estoril? Posso recordar o essencial: o debate foi por mim suscitado na sequência de um diploma que permitia à Estoril-Sol adiar, sem quaisquer contrapartidas para o Estado e sem juros, o pagamento de uma verba de vários milhões de contos, destinada precisamente a financiar, entre outras melhorias, o novo esquema de saneamento básico da linha de Cascais. O caso cheirava a esturro e Cavaco perdeu as estribelhas. Quis até retirar-me a imunidade parlamentar, o que naturalmente lhe não foi permitido. O certo é que veio a desen-

cadear-se um inquérito parlamentar, que acabou por ser concluído à pressa e sem se chegarem a apurar lacunas detectadas, por imposição aritmética da maioria. O PSD foi mesmo ao ponto de reconhecer em plenário o excelente trabalho desenvolvido pelo director do gabinete que superintendia na obra. E embora este tivesse sido claro ao afirmar que se não fossem desbloqueadas novas verbas o processo voltaria a atrasar-se, com custos imprevisíveis, às muitas questões sobre os novos financiamentos previstos ninguém soube responder. Moral da história: meses depois, passadas que foram as eleições autárquicas, o Ministério do Ambiente vê-se obrigado a instaurar uma sindicância financeira à mesmíssima obra que tinha estado a correr tão bem... O director do gabinete é sus-penso das suas funções (alguém tem de pagar a factura do fiasco) e os custos iniciais de cinco milhões de contos já devem ir em perito de quin-zel! Mas não vi, na Imprensa, ne-nhuma referência ao facto de estarmos perante um caso que já suscitara a fiscalização do Parlamento...

Ingenuidade minha! A tudo isso prefere o Governo o estratagemma do «kleenex». Despede-se um responsável, abafam-se os mexericos e fica tudo como dantes. Mais coisa, menos coisa. Tudo como dantes, não: isto está é para quem já não se lembra. Porque quem teima em ter memória só colhe com isso amargos de boca, com raras excepções como a de Soares - mas esse não é um simples «político português», é um fenómeno. Ou de como Soares é a excepção que confirma a pedagógica e moralizante premissa deste artigo. Ou da desimportância de ser deputado neste Outono quente de 1990.



Helena Roseta

CARTAS NA MESA

Exploração de ouro na zona fronteiriça de Monfortinho

Relativamente a uma notícia sobre a exploração de ouro em território espanhol, na zona fronteiriça de Monfortinho, veiculada na secção «Quotidiano» do «Diário de Lisboa» de 21 de Agosto, considera-se pertinente o seguinte esclarecimento:

A empresa espanhola Mina Krystina era detentora em Espanha, na margem esquerda do rio Erges, de um contrato de prospecção e pesquisa de ouro, cobrindo os respectivos terrenos aluvionares.

Dado que idênticas formações geológicas existem na margem direito do rio, já no nosso território, a mesma empresa assinou com o Estado Português, em 13 de Dezembro de 1988, um contrato de prospecção e pesquisa de ouro, circunscrito a duas pequenas áreas que totalizavam 8 quilómetros quadrados.

Era seu objectivo avaliar o conteúdo

em ouro dos terrenos aluvionares da parte portuguesa, como complemento do trabalho que estava a ser desenvolvido em Espanha, para o qual haveria já reservas suficientes para justificar a passagem desse projecto à fase de exploração.

Completadas em Junho de 1989 as negociações com os proprietários dos terrenos na parte portuguesa, a empresa realizou as acções de prospecção e pesquisa previstas contratualmente, tendo entregue em devido tempo o relatório referente ao período inicial do contrato.

Porém, nos termos contratuais, a Mina Krystina deveria ter requerido, antes de 13 de Dezembro de 1989, a sua prorrogação ou, em alternativa, a atribuição de concessão decorrente dos trabalhos realizados.

Por não ter sido efectuada qualquer

destas diligências, o contrato extinguiu-se, não assistindo à empresa, na presente data, qualquer direito mineiro em território português. Na eventualidade desta ou qualquer outra entidade vir a solicitar novo contrato, obviamente que os aspectos relativos ao impacto ambiental continuarão a ser tidos em devida conta.

Foi entretanto remetido, pelas autoridades regionais de Espanha, o estudo do impacto ambiental da eventual exploração a realizar naquele país pela Mina Krystina, o qual está a ser objecto de análise pelas entidades portuguesas competentes para o efeito, que não deixarão de ponderar as consequências de tal actividade no nosso território.

Subdirector-geral da Direcção
Geral de Geologia e Minas
(assinatura ilegível)

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo de José Carlos Espada:

(...) Ainda que o Presidente Bush possa ter falado da «nova ordem mundial» com intuíto apologetico e ainda que tenha omitido a larga dívida em atraso dos EUA para com a ONU, a verdade é que os factos ultrapassaram mais uma vez a retórica. Assistimos, na última semana, a uma nova aceleração das grandes mudanças desencadeadas pelas revoluções democráticas do Leste europeu, no ano da graça de 1989.

Não sabemos ainda que «nova ordem» sairá de tudo isto. Mas é bem certo que a «velha ordem» se afunda aos olhos de todos. Que o diga o ditador de Bagdad: ele escolheu mal a hora para desafiar a comunidade internacional. (...)

18.SET.90

Comércio do Porto

De um artigo de A. Magalhães Pinto:

(...) Em política é preferível ser herói a longo prazo e os heróis de curto prazo são, em política, sempre efémeros. Os verdadeiros heróis são silenciosos e, por isso, muitas vezes incompreendidos pelos contemporâneos. São os seus actos a afirmar-lhes o carácter de excepção. Miguel Cadilhe será seguramente um herói a longo prazo. Sobre tudo, de uma vez por todas, disser as suas verdades, mas de modo que ninguém possa dizer não passarei de desculpas de mau pagador.

Acontecendo mais uma vez, com Miguel Cadilhe, parecer o que não é...

18.SET.90

MÁRIO POPULAR

De um artigo de Manuel José Homem de Melo

(...) Sucede que tanto Portugal como a Espanha são, hoje em dia, governados democraticamente o que torna impossível - não tenhamos receio do termo - qualquer vislumbre de ameaça militar por banda de nuestros hermanos. A guerra entre democracias é inaceitável. Onde viceja a liberdade está excluída, ipso facto, qualquer ameaça de anchluss à maneira de Hitler ou de Saddam Hussein.

A Espanha só poderá ser «perigosa» sob o ponto de vista económico. Mas desse perigo não caberá às nossas Forças Armadas preservar-nos. Só a integração portuguesa (e a espanhola) na CEE nos poderão afastar. (...)

18.SET.90

o Diabo

De um artigo de Alberto João Jardim:

(...) Os homens que a vontade popular quis que continuassem como autarcas são por isso pessoas de grande prestígio local. São verdadeiros políticos. Desmotivá-los nas presentes circunstâncias, em vésperas de eleições legislativas para o País, de inusual importância, é prejudicar o respectivo partido. Como é prejudicial não ter, depois, alternativa substituta capaz.

Há coisas que podem parecer nobres e bonitas, mas nem por isso deixam de ser suicídios políticos. E, desculpem, nisto de suicídios, não embarco. Aprove-se, sim, as listas de «independentes», bem como um método correcto de encontrar executivos camarários não parlamentarizados. Mas um não à limitação de mandatos.

18.SET.90

Mea culpa

O artigo intitulado «O plano da Avenida», que ontem publicamos -

e que assinalava o retomar da colaboração neste jornal do arquitecto Pedro Vieira da Almeida - saiu, por lapso, com o arquitecto a atribuir a sua atenta leitura, sem a «cabeça» da rubrica que passará a identificar a respectiva colaboração: «Entreténs de Arquitectura».

FORUM

Diário
de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho
de Administração: António Ruella
Ramos.
Administradores: Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António Brás
Monteiro e António Gomes
da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella
Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Campones, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares,
Duarte Calvão, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampalo,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Féria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João
Rocha, Maria José Belo Marques,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Francisco Paraiso, Isabel Joyce,
Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo,
Brito e Pedro Palma

Gratistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Óscar Figueiredo e Ricardo
Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informação
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte
dos Pípos, 326 - Custóias - 4450
Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 70\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

A GUERRA QUENTE

Para haver guerra é preciso um louco que a deseje. A violência é uma loucura contagiante. Em breve os campos estarão divididos; quem se abster está condenado a uma inacção perigosa. Em tempo de guerra a neutralidade é um eufemismo que significa medo ou fraqueza; as políticas de não-intervenção são sempre formas indirectas de intervenção. Quando, em 1936, a Guerra Civil de Espanha desencadeou o primeiro grande enfrentamento entre as democracias e os Estados fascistas, aquelas falharam em previsão ao enveredar pela política de não-intervenção em solo ibérico. O Estado militarista alemão fez dessa prova de fraqueza a sua prova de força para o ensaio da Segunda Guerra Mundial. A célebre política do guarda-chuva de Chamberlain, contraposta ao rearmamento de Hitler, revelou-se o calcanhar de Aquiles do sistema Ocidental: a morosidade e incapacidade de resposta frente a um inimigo armado e decidido. As consequências ainda hoje são visíveis.

A permissividade, a porosidade do sistema Ocidental, provaram que os gigantes bélicos se alimentam das demoras, das distrações, das hesitações e das inépcias alheias. O mecanismo económico que permite a infiltração subreptícia do futuro inimigo, que engorda à custa da cegueira ou da obsessão do lucro de um sistema acéfalo, põe em causa todos os princípios de defesa conhecidos. O enriquecimento de particulares, de empresas privadas, fortunas que se fazem de um dia para o outro a fornecer armamento, são depois pagas em

periculosidade, em vidas de soldados e civis e em dinheiro do contribuinte para os embargos. Ou seja: a sociedade financia a sua própria destruição a prazo, como se caucionasse a morte em prestações.

Por outro lado, a utilização para fins de chantagem de civis retidos nos países beligerantes, em braço de ferro de pânico, ou a morte a contagotas, (um ataque de coração aqui, uma desidratação ali, um parto prematuro acolá, etc., não são notícia quando estão milhões de vidas em jogo) para não falar no uso mediático de crianças numa atitude amoral primária que reintroduz na cena mundial as concepções de violência-limite de que a Segunda Grande Guerra deu exemplo fatal.

Se aos dados militares conhecidos juntarmos o condimento fanático-religioso e a propaganda de mobilização de massas para uma guerra santa, temos em mãos uma situação incontrolável. A possibilidade de um holocausto, quando este já estava fora dos medos e antevisões do Ocidente, a ameaça de químicos que destroem vidas e a natureza circundante, a fuga ao esquema de entendimento entre potências, transformou a cena mundial num pavoroso caldeirão, em que os Estados cimeiros são obrigados a assumir a vigilância policêntrica da paz.

Uma nova era — a do fascismo tecnológico — subverte os convencionalismos diplomáticos e o carreirismo das reuniões internacionais. De um lado, um homem só, com poder de decisão letal e imediata sobre a humanidade. Do outro, os corredores de conferências e as decisões pluriconsentidas, com o inevitável tempo de escoamento decisório. A fraqueza

dos sistemas baseados numa concepção de «honra» e de «abertura» torna-se, mais uma vez, uma arma de adversários belicosos para quem a vida humana não conta. A lógica de quem deseja a guerra — como é o caso de quem fortalece um Estado militarizado, no qual toda a população é mentalizada para matar ou morrer — é uma lógica que supera, em capacidade de acção, a das potências cuja política é de «acautelar interesses». É sempre mais forte, mais corrosivo, mais determinante o poder que não olha a meios para impor uma política bélica. Contra esse poder tem de haver uma inovação na maneira de lhe fazer frente.

Pela primeira vez o mundo ocidental foi posto à prova na sua capacidade de agir como um todo e de tocar a rebate com os aliados de outras áreas estratégicas. Se o fenómeno de desencadear a guerra é comum e já foi visto muitas vezes em acção, o contra-fenómeno que lhe faz frente, a uma escala nunca antes vista, é um factor novo de optimismo. A unificação de esforços ou de intenções traz uma nova dimensão no entendimento entre os povos cujos valores são comuns.

A preocupação pacifista do Ocidente, preocupação interiorizada e com mensagem certa às superpotências, teve um epílogo histórico com o fim da guerra fria. A ironia está na criação de outros pólos de enfrentamento vindos de povos de trajectória civilizacional diferente, senão secularmente adversa ao modelo ocidental. Seria odiosamente irónico,

agora que a guerra fria é um dado histórico do passado, que uma guerra quente viesse envolver o mundo inteiro.

As guerras são sempre surpresas, apanham muitos políticos desprevenidos, trazem sempre o inesperado amargo do tarde de mais. Hitler escolhia os *week ends* para os seus ataques, porque sabia que os ingleses não passam sem o descanso semanal. Os meses de férias, que se estão a tornar na obsessão do lazer da sociedade de consumo, são meses perigosos.

Por outro lado, o pacifismo deve mudar a sua estratégia de pensamento: os grandes perigos para a paz mundial são os sistemas económicos que fundamentam toda a sua economia num produto que só existe numa determinada parte do mundo. Os sistemas económicos que vivem do *laissez faire*, sem condicionantes políticas de defesa, são o inimigo interno mais perigoso de todos. Como o são os governos que fecham os olhos à infiltração de estrangeiros indesejáveis, que só se preocupam com a política interna de crescimento económico, ou que falham na previsão dos actos de agressão porque ainda vivem de diplomacias obsoletas.

O papel dos jornalistas, nesta conjuntura, parece ter suplantado todos os esquemas de informação alternativos ou canais de infiltração; estão em cima da notícia, agem com conhecimento de causa, têm um papel denunciador influente, de certo modo funcionam como a consciência avançada do mundo ocidental.



Iva Delgado

Apelo aos valores (Conclusão)

AS PROMESSAS INCUMPRIDAS

Um texto de Norberto Bobbio, jurista e politólogo italiano, sobre as «promessas não cumpridas da democracia», traduzido em português e publicado numa notável colectânea de escritos intitulada «O Futuro da democracia» (Lisboa, p.21), coloca justamente o problema do ideário e da prática democráticas nos dias de amanhã. Segundo este autor entre os ideais ao abrigo dos quais a democracia nasceu e aquilo em que as democracias se transformaram vai uma distância significativa. promessas solenes que acabaram por ficar incumpridas.

Assim, sem a preocupação de ser exaustivo, cito: a) A democracia nasceu de uma concepção individualista da sociedade, mas o que se verificou é que rapidamente os sujeitos politicamente determinantes passaram a ser as grandes organizações (sindicatos, partidos, etc.);

b) A democracia cresceu à sombra do princípio da representação, no qual o representante sendo chamado a zelar pelos interesses da nação, não pode estar submetido a um mandato vinculado; na prática assistiu-se a uma subalternização da representação política em favor de uma representação de interesses.

c) O princípio inspirador do pensamento democrático foi sempre a liberdade enquanto autonomia, mas ao invés deste postulado, quem detém

na realidade o poder são as oligarquias;

d) A democracia moderna nasceu como método de legitimação e de controlo das decisões políticas, mas na medida em que os espaços de decisão democrática se restringem em vez de se alargarem, o processo de democratização está longe de estar completo;

e) O modelo da democracia actual foi o modelo do governo aberto e transparente, contudo esse ideal não se concretizou porque o poder é, hoje, em dia, cada vez mais um poder com máscara, cujos actos não são realizados à luz do dia;

f) Última promessa não cumprida é a da educação para a cidadania, constatada, por exemplo, no aumento da apatia política.

O quadro acabado de traçar pela voz autorizada de Norberto Bobbio poderia legitimar uma visão catastrofista da democracia no mundo de hoje e um preocupante vaticínio quanto ao seu futuro. Contudo, ao invés, não é esse o ponto de vista do professor italiano que vimos acompanhando, o qual constata que «apesar de tudo» a democracia vai ganhando, desde a última guerra, cada vez mais terreno, entre as nações do mundo.

E se esta constatação era válida, há cerca de 6 anos, altura em que Bobbio produziu os comentários citados, hoje em dia, com a *débacle* das autocracias do Leste e com a anunciada democrati-

zação em África e na América do Sul, a ideia da democracia triunfante surge extraordinariamente reforçada.

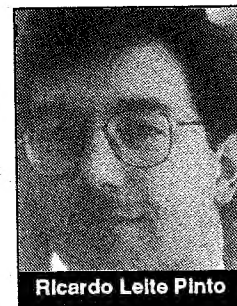
O que significa que apesar dos seus erros, limitações, contradições e obstáculos imprevistos, o ideal democrático tem ainda uma formidável capacidade de atracção.

Como combater os velhos e novos inimigos internos da democracia e revitalizar a capacidade de atracção de que falei antes?

Fazendo, como Bobbio advoga, um redobrado apelo aos valores. Por um lado caldeando o excessivo apego aos aspectos «processuais» do jogo democrático, em voga nas nossas Universidades e nos meios jornalísticos, pela reelaboração do modelo de Estado de Direito e dos seus instrumentos, por outro redescobrimo os ideais da democracia.

Ideais como a tolerância, a não violência, a fraternidade e a renovação da sociedade através do livre debate de ideias.

Eis um compromisso a que nenhum democrata, de esquerda ou de direita, republicano ou monárquico, desdenhará vincular-se.



Ricardo Leite Pinto

* Advogado e assistente
universitário de Ciência Política
e Direito Constitucional.
Ex-director adjunto da «Sábado».

INTERNACIONAL

Lajes não está incluída

EUA encerram bases militares no estrangeiro

A embaixada dos Estados Unidos contactada esta manhã pelo «DL» confirmou a não inclusão da base aérea das Lajes na lista do Pentágono sobre a redução e encerramento das instalações militares dos Estados Unidos situadas no estrangeiro, divulgada pelo secretário de Estado norte-americano da Defesa Dick Cheney.

Inquiridos sobre a possibilidade de a base das Lajes vir a ser integrada numa segunda fase do plano de redução do Pentágono, a representação diplomática norte-americana em Lisboa disse não querer «especular sobre o que pode acontecer no futuro», recusando-se a tecer comentários sobre a possibilidade do encerramento da base aérea espanhola de Torrejón vir a aumentar a actividade da base dos Açores.

As declarações da representação diplomática dos Estados Unidos em Lisboa surgem na sequência da

decisão divulgada por Dick Cheney, segundo a qual as Forças Armadas norte-americanas cessarão as suas operações ou reduzirão as actividades em 151 bases militares situadas em dez países no estrangeiro.

Cheney acrescentou que, das 151 bases abrangidas pelo plano do Pentágono, 95 serão encerradas na Alemanha, 11 em Espanha, nove na Coreia, três na Grécia, Itália, Grã-Bretanha e Austrália, respectivamente.

As medidas anunciadas pelo Pentágono referem ainda uma redução das actividades em outras 14 instalações situadas na Alemanha, três na Coreia, duas em Espanha, uma na Itália, uma no Japão, uma no Canadá e uma nas Bermudas.

Segundo ainda a lista divulgada por Dick Cheney serão abandonadas bases como as de Hessich Oldendorf e de Lindsey na Alemanha, assim com as

«comunidades militares» - segundo a terminologia do Pentágono - de Bad Toez e Neu Ulm, na RFA.

Em Espanha, a base aérea de Torrejón será igualmente encerrada, seguindo o plano assinado entre os Washington e Roma, que prevê a transferência para Itália da esquadilha de caças F-16 estacionada naquela base espanhola.

As bases começarão a ser desmanteladas no início do ano fiscal norte-americano de 1991. No comunicado oficial que acompanhou a lista das medidas agora anunciadas pelo Pentágono, Dick Cheney afirmou que a redução da presença militar norte-americana no estrangeiro será também acompanhada por um processo idêntico em território dos Estados Unidos. Em Janeiro, o Pentágono tinha já anunciado o encerramento de 35 bases nos Estados Unidos e o abandono de várias operações situadas no estrangeiro.

O porta-voz do Pentágono, Peter Williams, afirmou também que devido às negociações sobre a presença de tropas norte-americanas nas Filipinas, actualmente a decorrer a Manila, as duas importantes bases situadas neste país «não foram incluídas» nas listas sobre a redução militar no estrangeiro, divulgada pelo Pentágono.

O Ministério oeste-alemão da Defesa congratulou-se ontem à noite com a «clara decisão» dos EUA de encerrar as 95 instalações militares na RFA. Segundo o porta-voz do Ministério da Defesa em Bonn, esta decisão representa «um sinal evidente dos esforços de desarmamento na Europa». Por seu lado, o ministro-presidente do governo regional da Baviera, Max Streibl, afirmou que cerca de 60 mil soldados americanos, dos 250 mil estacionados na RFA, serão repatriados nos próximos sete anos.

Redacção «DL»/AFP

B R E V E S

ANC ficou embaraçado com acusação a Winnie Mandela

O Congresso Nacional Africano (ANC) ficou politicamente embaraçado ao enfrentar a notícia da acusação de Winnie Mandela, mulher do chefe do movimento nacionalista negro, como estando envolvida no caso da morte de um adolescente. A decisão de julgar Winnie Mandela foi tomada pública no preciso momento em que o Comité Nacional Executivo (CNE) do ANC procedia a uma reunião extraordinária sobre a actual vaga de violência e cuja conclusão seria crucial para o futuro processo de reformas. O secretário-geral do CNE, Alfred Nzo, emitiu um comunicado reafirmando o seu apoio a Nelson Mandela e à sua família. Por seu turno, a mãe de Stompie Seipei, o adolescente assassinado, disse «estar satisfeita» por Winnie Mandela ter sido inculpada.



Nikolai Rijkov mantém programa conservador

O primeiro-ministro soviético, Nikolai Rijkov, mantém-se intransigente na defesa do seu conservador programa de transformação da economia soviética, enquanto os parlamentares da URSS parecem inclinar-se para o projecto de síntese defendido pelo presidente Gorbachev. «Só concretizarei o programa em que acredito e não qualquer outro», disse Rijkov aos jornalistas, durante o intervalo do segundo dia de debates no parlamento soviético. O primeiro-ministro manteve em aberto a possibilidade de se demitir, como já ameaçara anteriormente, mas não excluiu a hipótese de encontrar um compromisso. «Talvez o Soviete Supremo venha a encontrar, finalmente, um compromisso. Se eu concordar com ele, levá-lo-ei a cabo», declarou Rijkov.

Jaruzelski anuncia resignação do cargo

O Presidente polaco, Wojciech Jaruzelski, deu o primeiro passo para a sua resignação, ao anunciar que iria pedir ao parlamento para reduzir o seu mandato, «a fim de evitar agitações sociais inúteis». O anúncio surgiu pouco depois de terminada a cimeira dos principais dirigentes polacos, realizada ontem, e na qual Jaruzelski, antigo dirigente comunista, eleito o ano passado, esteve presente. Na sua declaração, divulgada pela agência PAP, Jaruzelski diz que irá pedir ao parlamento que marque a data para a transferência do seu cargo para um Presidente escolhido em eleições gerais. Relativamente às presidenciais, os principais responsáveis políticos polacos reuniram-se ontem na residência do cardeal primaz, Josef Glemp, para debaterem o assunto e falarem sobre a revisão constitucional. De acordo com os resultados de uma sondagem do Instituto da Opinião Pública, 48 por cento dos polacos votarão em Mazowiecki, se este concorrer às eleições, e apenas 37 por cento em Walesa.

Ex-governador de Gibraltar sofre atentado do IRA

O general na reserva da Royal Air Force (RAF) e ex-governador de Gibraltar, Peter Terry, encontra-se em estado estacionário, depois de ter sido ontem atingido em sua casa, no Staffordshire, no centro da Inglaterra, por uma bala disparada de uma espingarda. O general, bem como a sua mulher e uma outra pessoa que se encontrava, no local, ficaram gravemente feridos. A bala, disparada por um único agressor, foi ouvida na aldeia de Milford, perto do Stafford, onde se desencadeou uma verdadeira caça ao homem, que incluiu o levantamento de barreiras nas ruas da região. O director adjunto da polícia de Staffordshire declarou que ainda é prematuro afirmar se a agressão pertence ao IRA, mas tudo indica que sim, «porque a provas são evidentes».

RDA: fronteiras causam polémica

O Tribunal Constitucional oeste-alemão rejeitou ontem uma última tentativa de oito deputados democratas-cristãos para invalidar o tratado de unificação alemã, devido ao reconhecimento da actual fronteira da RDA com a Polónia. Os deputados representam as poderosas organizações dos milhões de alemães expulsos dos territórios retirados à Alemanha e entregues à Polónia no final da Segunda Guerra Mundial, para compensar este país dos que, a Leste, foram entregues à URSS.

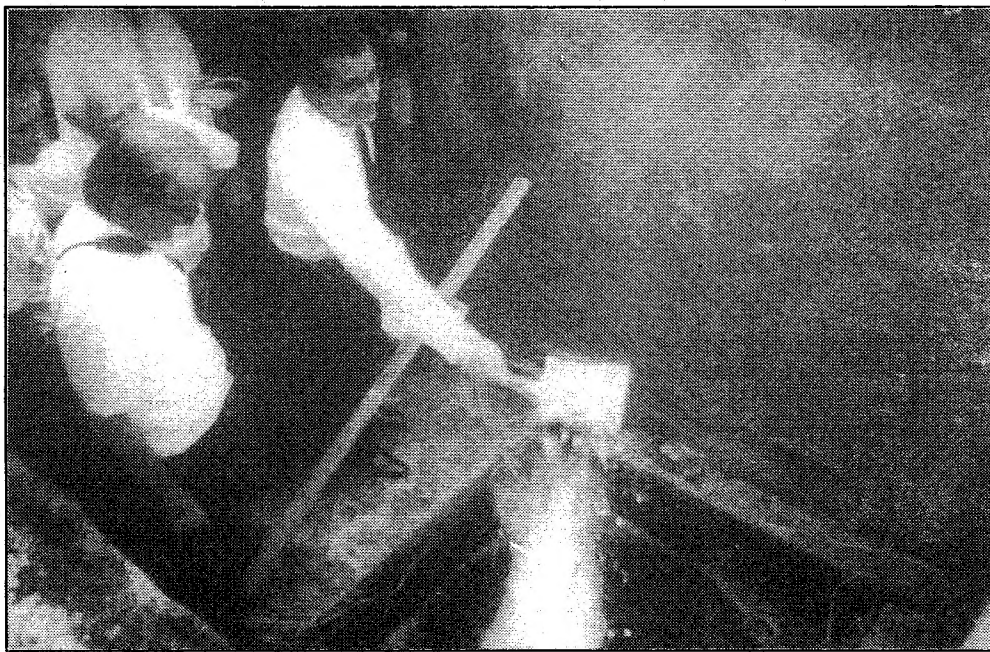
Collor encerra cave para experiências nucleares

O Governo brasileiro admitiu ontem, pela primeira vez, que estaria a utilizar uma cave na floresta amazónica para realizar experiências nucleares. O Presidente Fernando Collor de Mello, contrário a estes testes nucleares, foi de avião até à localidade de Cachimba, no Estado do Pará, onde ordenou imediatamente o seu encerramento. A existência do subterrâneo tinha sido revelada pela imprensa brasileira em 1986, mas nunca fora reconhecida oficialmente pelas autoridades brasileiras que desde sempre ostentaram uma política de uso pacífico das fontes energéticas nucleares.

Os cientistas têm repetidamente afirmado que o buraco, construído pela Força Aérea Brasileira na época da ditadura, «tem todas as características de ser um terreno especialmente preparado para experiências nucleares», afirmações ignoradas pelo Governo brasileiro. Porém, ontem, fontes oficiais admitiram em declarações prestadas a alguns jornais brasileiros que «o subterrâneo era o ideal para a realização de testes nucleares».

Segundo os analistas políticos, esta súbita decisão de Collor de Mello é a primeira acção de abertura do Governo à opinião pública brasileira marcando uma clara oposição aos projectos que os militares têm estado a desenvolver no país, antes e depois do último Presidente saído do regime de 1964.

Esta cave subterrânea, bem como as duas centrais nucleares Angra I e Angra II, que tanta celeuma têm provocado devido às suas fracas condições de segurança, são a herança deixada ao



Collor de Mello delta entulho na cave secreta na floresta amazónica onde os militares brasileiros realizavam experiências nucleares

Brasil pelos últimos Presidentes militares, Geisel e Figueredo.

Segurança nas centrais

Angra I e Angra II serão muito provavelmente duas das instalações incluídas no futuro programa de verificação das condições de segurança de centrais nucleares anunciado ontem pela Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA).

A organização, que vai controlar o estado de segurança das centrais nucleares mais antigas de todo o mundo, tomou como modelo para o seu futuro programa os resultados de pesquisas realizadas em 14 centrais de fabrico soviético. O responsável pela comissão criada especificamente para dar forma ao programa, Luis Lederman, afirmou

que, durante dois anos, «os cerca de 230 reactores nucleares que existem na URSS, servirão de base para criar os parâmetros essenciais para a normalização das regras de segurança» em todos os outros reactores espalhados pelo mundo. Lederman acrescentou que as deficiências descobertas em alguns dos 14 reactores soviéticos até agora analisados, são devidas à desactualização dos sistemas de segurança.

Entretanto, uma outra das delicadas questões ligadas à utilização da energia nuclear foi ontem abordada pelos EUA e URSS que assinaram um acordo de cooperação abrangendo as áreas de armazenamento de desperdícios nucleares e protecção do ambiente.

Redacção «DL»/Lusa

Unificação alemã

Não se vendem princípios

Dentro de escassos dias, a bandeira nacional da República Democrática Alemã, hasteada nas portas de Brandeburgo vai ceder o seu lugar à bandeira da República Federal da Alemanha.

O dia 3 de Outubro entrará na história europeia e mundial como o dia da unificação dos dois Estados alemães que, há 45 anos, foram separados artificialmente, devido à Guerra Fria entretanto surgida entre os vencedores da II Guerra Mundial.

As negociações «2+4», iniciadas há 10 meses, reuniram na sua etapa final em Moscovo, na semana passada, os ministros dos Negócios Estrangeiros da URSS, dos EUA, da Grã-Bretanha, da França, da RFA e da RDA.

Em resultado deste encontro ficaram definidos os aspectos externos da unificação alemã. Noutras palavras, foram elaboradas as condições internacionais jurídicas do restabelecimento de um Estado alemão único e soberano. Os resultados das negociações significam o abandono pela URSS, EUA, Grã-Bretanha e França dos seus direitos especiais e da sua responsabilidade pelo destino de Berlim e da Alemanha em geral. A Alemanha vencida adquire agora a plena soberania estatal. Desta maneira, na Europa e em todo o mundo, foi finalmente ultrapassada a confrontação militar do período do pós-guerra.

Sábida dosagem de interesses

A assinatura em Moscovo do tratado sobre a Alemanha tornou-se possível graças à existência de sábida dosagem de interesses de todos os participantes do encontro dos «seis».

A questão alemã é um dos temas da política externa mais sensíveis na União Soviética, que perdeu na

guerra com a Alemanha nazi 27 milhões de vidas. Ultrapassa mesmo a sensação de «perda» relativamente à desintegração do antigo «campo socialista». E não é de excluir que possam surgir algumas dificuldades, quando o documento começar a ser debatido para ratificação no Soviète Supremo da URSS.

Mas a «nova mentalidade política» gorbacheviana nos assuntos internacionais tem imperativos que a razão desconhece.

Alguns no Ocidente, e mesmo na URSS, vêem nisso uma consequência da debilidade das posições actuais de Moscovo, que teria sido forçado a fazer «cedências» na questão alemã.

No entanto, Moscovo recebeu muitas das «garantias de segurança» que pedia, mesmo tendo em conta que teve de ceder na questão da integração da futura Alemanha unida na NATO. É obvio o significado dos pontos do tratado em que o novo Estado renuncia às armas de extermínio em massa, manifesta o seu apego ao tratado de não-proliferação das armas nucleares de 1968, limita os efectivos das Forças Armadas a 370 mil homens e se compromete a estacionar armas de duplo uso (nuclear e convencional) apenas na sua variante clássica.

A limitação dos efectivos, que estabelece um nível inferior ao total dos exércitos das duas Alemanhas foi referido pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, para justificar perante o Parlamento as «cedências» de Moscovo.

Nos últimos anos, nos meios políticos da Alemanha ocidental sugeria-se frequentemente a possibilidade do «resgate» da RDA à URSS. Indicaram-se mesmo as somas con-

cretas - 100 mil milhões de marcos.

«Abrir cordões à bolsa»

No entanto, a URSS provou que não vendia princípios. E não contradiz isso o facto de a Alemanha unificada ter que «abrir os cordões à bolsa» em 12 mil milhões de marcos, destinados à manutenção dos efectivos militares soviéticos até 1994, ao financiamento da sua retirada do território da actual RDA e à sua reinstalação no território soviético.

É claro que o consentimento para a criação no centro da Europa de um colosso germânico exigiu de Moscovo não pouca coragem política, mesmo tendo em conta que o chanceler Helmut Kohl garantiu muitas vezes oficialmente a inviolabilidade da fronteira do pós-guerra com a Polónia.

O assentimento da União Soviética significa a compreensão de que sem este passo seria pouco provável criar um novo sistema de relações entre os povos europeus.

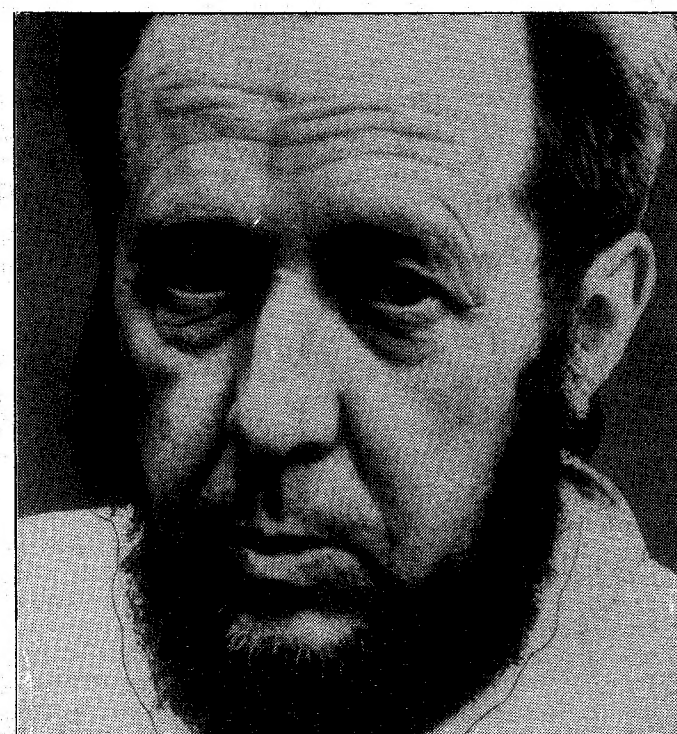
Assim, no início de Outubro, o mapa político da Europa conhecerá uma mudança. De salientar que pela primeira vez na história do Velho Mundo isso acontece sem derramamento de sangue, sem disparos, da mesma maneira que foi destruído o odioso muro de Berlim.

O povo alemão tem muitas tarefas perante si, inclusive a liquidação dos desequilíbrios económicos entre as várias regiões do futuro país e a solução de problemas sociais, tais como o aumento drástico do desemprego na actual RDA...

No entanto, a mais importante das tarefas é compreender como seu dever perante a humanidade que da terra alemã nunca mais deve sair a ameaça de uma nova guerra.



Guennadi Petrov



Soljenitsyne reflecte sobre Perestroika

Alexandre Soljenitsyne, escritor dissidente exilado da URSS desde 1974 e observador indiferente dos ventos de *Perestroika* que há cinco anos investem a sua pátria, decidiu romper o silêncio, publicando, simultaneamente em Paris e em Moscovo, um texto de reflexões sobre as vias para a futura Rússia depois de 70 anos de poder soviético. O texto de 50 páginas em língua russa, editado pela YMCA em Paris, foi ontem distribuído nas livrarias de Moscovo por 50 kopeks (cerca de 140 escudos) e foi publicado no jornal «Komsomolskaya Pravda». O texto intitulado «Como pôr de novo em pé a Rússia» é, segundo o seu autor, uma tentativa de reflexão sobre vários aspectos da actual situação na URSS nomeadamente os da geopolítica, economia, cultura, política, moral e espiritual do seu país.

Quanto à delicada questão das nacionalidades, o escritor defende que as onze Repúblicas que pediram a independência da União Soviética devem continuar a lutar por ela, admitindo contudo que o processo de separação será lento e moroso. Soljenitsyne chega a propor o nome de «União Russa» para o novo país que seria então constituído pela Rússia, Bielorrússia, uma parte do Kazaquistão (Sul da Sibéria) e ainda a Ucrânia, caso a população não queira também a independência.

Entre as medidas mais urgentes a tomar para o rápido reerguer da URSS, Soljenitsyne considera essencial «restituir às pessoas o gosto pelo trabalho», romper com todos os regimes, do coreano ao cubano, que «pilham as riquezas» soviéticas, obrigar o PCUS a devolver todos os bens e propriedades de que se apropriou em 70 anos de poder. Por fim, escreve Soljenitsyne, será necessário suprimir a maior parte dos ministérios e afastar o PCUS do campo económico e do aparelho de Estado. «Para que serviram os anos quentes da *Perestroika*?» interroga-se o autor do «Arquipélago Gulag». E responde: «serviram para fazer todo o possível para que o Partido Comunista não perdesse o poder».

Quanto ao problema da repartição da terra, Soljenitsyne não vê outra solução que não seja «o arrendamento individual vitalício e hereditário» das terras, passo que considera essencial para a melhoria da agricultura soviética. Decididamente a favor da propriedade privada, ele manifesta-se contudo contra a grande propriedade, nomeadamente de estrangeiros, e contra a distribuição sem limites das minas, terras e, sobretudo, florestas aos capitalistas estrangeiros, para não transformar o país numa colónia. «É necessário dar espaço à iniciativa privada e subsidiar e defender todo género de pequenas empresas», afirma a dado passo o escritor.

Passando à organização política do país, Soljenitsyne pronuncia-se contra a multiplicação dos partidos e contra as ruidosas reuniões que lhe relembram a desordem política de 1917. «A anarquia é o primeiro naufrágio, nós aprendemos isso em 1917», escreve Soljenitsyne, recorrendo às clássicas lições da história.

A organização política, a condição feminina e a educação foram outros dos pontos focados na reflexão do antigo dissidente que, apesar de ter conseguido derrubar o muro do silêncio sobre os desígnios da sua pátria, não fez nenhuma referência ao seu possível regresso.

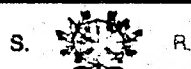
Redacção «DL»/AFP

ENCONTRO DISTRITAL

DE DIRIGENTES, DELEGADOS SINDICAIS E MEMBROS DE CT's

Acção reivindicativa
20.º Aniversário da CGTP

TEATRO VILLARET
20/9 • 14h.30
USL/CGTP



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/1870
Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 53 da linha para o PT SMG 98 Granho Novo e térmico no PT SMG 160 Fazenda, com 725 metros, na freguesia de Foros de Salvaterra, concelho de Salvaterra de Magos, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SALVATERRA DE MAGOS, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Setembro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 19/9/90

INTERNACIONAL

Confessando-se «desanimado» com hipóteses de paz

Cuellar compara situação no Golfo a Segunda Guerra Mundial

«Aos 70 anos de idade e depois de 50 anos de actividade diplomática estou desanimado porque não ouço falar de diálogo, paz, justiça. Sinto-me frustrado porque gostava de fazer alguma coisa para solucionar esta crise, que pode levar a uma guerra mundial». Foi neste tom extremamente pessimista que Perez de Cuellar descreveu ontem a situação no Golfo Pérsico, demonstrando que já não acredita muito em soluções pacíficas. A ONU prepara-se para agravar as sanções ao Iraque, com os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança próximos de acordo sobre uma resolução prevendo o bloqueio aéreo e punições aos países que violem o embargo.

Cuellar falava aos jornalistas pouco antes de discursar na abertura da 45ª sessão da Assembleia Geral da ONU, quando declarou que «o Médio Oriente é na actualidade a região mais explosiva do mundo». O secretário-geral não hesitou em comparar perante a Imprensa a situação no Golfo à Segunda Guerra Mundial: «Eu sou velho. Fui testemunha de uma guerra mundial. É esta horrível ameaça que pesa agora sobre nós», acrescentando ainda que «as últimas semanas foram as mais frustrantes da minha carreira de 50 anos».

Não obstante o pessimismo de Cuellar, a ONU prossegue os esforços para evitar a guerra através da imposição de reso-



Um grupo de mulheres manifesta-se no Kuwait contra a ocupação militar iraquiana

luções contra o Iraque. EUA, URSS, China, Grã-Bretanha e França - os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança - continuam as reuniões para chegar a acordo sobre uma resolução impondo o bloqueio aéreo ao Iraque e prevendo sanções aos países que não cumpram o embargo.

As principais dificuldades para se chegar a acordo dizem respeito a problemas técnicos e jurídicos, já que o bloqueio tem que ser estabelecido nos aeroportos e não durante os voos. As medidas militares nunca poderão abranger o uso de força contra aviões civis.

A cooperação entre EUA e URSS, patente nas resoluções da ONU, teve hoje um novo

e surpreendente desenvolvimento com os soviéticos a porem, segundo uma fonte bem informada da NATO, um navio de grande capacidade para transportar material militar norte-americano para o Golfo. Os EUA informaram os seus aliados da NATO que tinham aceite esta oferta soviética «sem precedentes», durante a reunião especial dos embaixadores da Aliança ontem em Bruxelas.

Mais Iraquianos no Kuwait

Mas a possibilidade de um conflito armado continua presente no Golfo. O Pentágono anunciou ontem que nas últimas duas semanas

o Iraque fortaleceu a sua presença militar no Kuwait, contando agora com 360 mil homens no território ocupado, 2800 tanques, 1800 blindados ligeiros e 1450 peças artilharia. Há duas semanas o número de tropas na mesma área era de 265 mil homens e 2200 tanques.

O porta-voz do Pentágono disse que «há uma tendência geral de substituição das unidades blindadas por infantaria». O recente aumento das tropas iraquianas «constitui um melhoramento da capacidade defensiva», embora, segundo o porta-voz, «possa se passar rapidamente

para uma postura de ataque».

As forças militares no Golfo receberam ontem um inesperado auxílio, com a decisão da Argentina de enviar tropas para a região, as quais participarão nas acções de bloqueio contra o Iraque. O Presidente Carlos Meném justificou a decisão, a primeira de um país latino-americano, dizendo que ela «impede que a Argentina fique isolada do resto do mundo».

A decisão de Meném foi, no entanto, bastante criticada pela oposição, que diz que o Presidente tem que consultar primeiro o parlamento. Por outro lado, a mulher de Meném, de quem vive separada, não poupou críticas ao marido. Zulema Meném, de origem síria e religião muçulmana, disse estar «envergonhada» com a decisão que «vai ajudar os nossos inimigos britânicos e norte-americanos que nos combateram na guerra das Malvinas».

Redacção «DL»/
Lusa/AFP

Segundo embaixada de Portugal em Bagdad

«Nada de concreto» quanto a portugueses

«Não existe nenhuma resposta concreta» à concessão de vistos para os 34 portugueses residentes em Bagdad, soube hoje o «DL» junto da embaixada portuguesa no Iraque. Estas declarações vêm contradizer uma informação surgida ontem, segundo a qual 25 portugueses estariam prestes a regressar a Portugal e que as autoridades iraquianas não estavam a colocar obstáculos à concessão de vistos.

Segundo ainda a embaixada portuguesa no Iraque, os diplomatas portugueses têm sido «bem recebidos» pelos responsáveis em Bagdad, não havendo, para já, nada de concreto quanto à possibilidade de regressarem a Lisboa os portugueses retidos naquele país, nem quanto à rescisão dos contratos que os ligam às empresas onde trabalham.

Ontem, o embaixador do Iraque em Lisboa, Munchir Al-Wandawi, deslocou-se ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, onde foi oficialmente informado das medidas tomadas pela CEE quanto ao pessoal diplomático acreditado nos países da Comunidade.

Portugal decidiu, de acordo com as directrizes comunitárias, restringir os movimentos dos representantes diplomáticos iraquianos no país a um raio de 30 quilómetros em volta da embaixada. Os Doze, recorde-se, decidiram na segunda-feira expulsar os adidos militares do Iraque acreditados nas capitais da Comunidade e limitar os seus movimentos, como resposta à invasão das representações diplomáticas no Kuwait, por parte de tropas de Saddam Hussein.

Segundo afirmou um responsável do Ministério dos Negócios Estrangeiros portugueses citado pela agência Lusa, o Iraque não tem em Portugal qualquer adido militar, expulsão pela qual não se registou nenhuma rapulação. Da lista oficial do corpo diplomático iraquiano acreditado em Portugal constam, para além do próprio embaixador, um ministro plenipotenciário e quatro adidos que, no entanto, não têm qualquer função específica atribuída.

Também ontem, o ministro da Defesa, Fernando Nogueira, afirmou que a UEO não formulou «o desejo de ver aumentar a presença militar» de Portugal na região do Golfo, ao contrário do que já acontece com as decisões unilaterais tomadas pela Grã-Bretanha e França.

Londres e Paris decidiram reforçar a sua presença militar no Golfo Pérsico, mesmo antes dos países da União Europeia Ocidental (UEO), que se reuniram ontem na capital francesa, se terem pronunciado a favor da extensão ao espaço aéreo do embargo contra o Iraque e de reforçar a coordenação dos meios aéreos e terrestres dos Doze, presentes na região. A decisão de ontem decorreu numa altura em que os membros do Conselho de Segurança da ONU se encontram reunidos para estudar a aprovação de um embargo aéreo ao Iraque.

Por seu lado, a Espanha fez saber que não tenciona mandar mais meios militares para o Golfo, e a Holanda anunciou já a sua disposição de enviar 18 caças F-16 para a região do conflito, em caso de uma decisão nesse sentido por parte da ONU.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

2 LOTES NA COSTA DE CAPARICA

Dois lotes de Terreno destinados à construção de edifícios com quatro pisos para habitação vão ser vendidos em hasta pública na próximo dia 24, às 10 horas, no auditório do edifício do Urbanismo e Obras Municipais, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 67, Almada.

Os dois lotes, situados em zona privilegiada, na Quinta de Santo António, Costa de Caparica, têm ambos a área de 169 metros quadrados e a base de licitação de cada um é de 27 040 000\$00.

Informações podem ser colhidas na Divisão de Gestão Urbanística 2 — Departamento de Administração Urbanística, na morada indicada, ou na Repartição de Património, Largo Luís de Camões, 2800 Almada.

ECONOMIA

Fiat mais forte em Espanha

O grupo Fiat deu mais um passo na sua estratégia de internacionalização e de forte implantação na península Ibérica ao alcançar um acordo para aquisição de 60 por cento do capital social da Enasa, empresa espanhola do sector dos veículos industriais.

O acordo foi efectuado entre a INI (sociedade financeira de participação estatal espanhola) e a Iveco e levou a Madrid Cesare Romiti, administrador delegado do grupo italiano.

Segundo Romiti, o negócio agora concretizado «reforça de maneira significativa a Iveco e coloca-a, sem discussão, nos primeiros lugares da escala europeia do seu sector».

Por outro lado, sublinhou que a Iveco continua, deste modo, «a preservar a sua estratégia de intensa europeização, quer comercial quer industrial, juntando às suas variadas unidades produtivas italianas, francesas, alemãs e inglesas, também as espanholas», o que o leva a concluir que «a vocação internacional da sociedade sai, não só confirmada, mas também reforçada».

O acordo com a Enasa segue-se aos recentemente feitos com a Ford (que colocou a Fiat-Geotech no primeiro lugar mundial dos tractores e entre as grandes protagonistas do sector das máquinas de movimentos de terras) e com a sociedade japonesa Nipponenso para a produção conjunta de condicionadores de ar destinados a veículos automóveis. «Esta linha de actuação será seguida por todos os sectores do grupo Fiat, uma vez que é a única que permite atingir simultaneamente um adequado desenvolvimento tecnológico e uma marcada expansão industrial e comercial».

O acordo com a Enasa compreende um plano industrial para o desenvolvimento a médio e longo prazo da nova sociedade, em que são contemplados a manutenção e o potenciamento de todas as unidades produtivas da empresa espanhola, bem como a salvaguarda dos postos de trabalho.

Está ainda prevista a adopção de todas as medidas necessárias para, com efeito imediato, completar a gama dos produtos Pegaso (marca da Enasa para veículos industriais), tanto no que se refere a veículos pesados como ligeiros, com o objectivo de melhorar a posição competitiva da rede comercial da Enasa.

O ministro do Ambiente afirma que não há lugar na futura Europa para as empresas que virem costas ao ambiente, pois que serão penalizadas pelos poderes públicos e rejeitadas pela sociedade

Poluição das águas afecta economia

«A poluição dos meios hídricos afecta cada vez mais a qualidade de vida das populações e, nalguns casos, começa a constituir sério obstáculo ao desenvolvimento económico», afirmou ontem o ministro do Ambiente e dos Recursos Naturais, Fernando Real, no encerramento do seminário internacional sobre águas ácidas de minas em meios piritosos, que decorreu no LNETI, em Lisboa.

Para este membro do Governo, «não há lugar, no mercado interno de 1993, para as empresas que virem costas ao ambiente». E acrescentou: «As empresas poluidoras serão alvo de penalização pelos poderes públicos e de rejeição pela sociedade».

Lembrou, por outro lado, que «está definitivamente ultrapassada a visão política desenvolvimentista baseada em ganhos económicos imediatos conseguidos à custa da exaustão ou degradação dos recursos».

Nesta perspectiva, Fernando Real disse que o controlo da poluição dos meios hídricos, integrado numa política de preservação do ambiente, «constitui um desafio que é imprescindível vencer de forma a harmonizar a modernização e o desenvolvimento económico com a melhoria da qualidade de vida e bem estar das populações».

Proteger a natureza

Os impactos ambientais negativos da indústria extractiva podem ser contidos em «valores aceitáveis pela sociedade, quando em confronto com os benefícios resultantes da actividade», caso se recorra aos novos meios técnicos e tecnológicos actualmente disponíveis.

Esta tese foi defendida pelo secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva, ao falar na abertura do seminário internacional sobre águas ácidas, que reuniu em Lisboa especialistas de duas dezenas de países.

Para este membro do Governo, a

imagem negativa que existe na opinião pública sobre a actividade mineira resulta da ignorância da «extraordinária evolução técnica nos métodos de trabalho e da tecnologias disponíveis para minimizar e limitar os diferentes tipos de impactos ambientais».

Ribeiro da Silva considerou ainda que, com os seus recursos minerais associados às mineralizações de sulfuretos, o Sul de Portugal concorre decididamente para que este País seja o principal produtor europeu de cobre, tungsténio e estanho.

Referiu, por outro lado e em relação mais estreita com o tema do seminário, que os potenciais desenvolvimentos no aproveitamento dos minérios complexos de Neves-Corvo ou as eventuais descobertas resultantes da prospecção e pesquisa abrangem a quase totalidade da faixa piritosa.

Águas ácidas

Segundo os especialistas, o aparecimento de águas ácidas é um problema comum a muitas actividades mineiras, particularmente na extracção de carvão e metais e é provocado pela oxidação de sulfuretos quando expostos aos efeitos meteorológicos.

As explorações mineiras, dizem, desde a antiguidade foram criando situações de poluição que ainda perduram e que foram motivadas pela presença de águas ácidas. «A ausência de sensibilização para o facto e a debilidade tecnológica

Poluição hídrica vem de longe, mas agora é evitável

existente não permitia o seu correcto tratamento», afirmam.

Contudo, as preocupações ambientais e a consciencialização do grande público sobre estas questões conduziram, nas últimas décadas, a um desenvolvimento importante no domínio da investigação científica sobre as águas residuais em minas, seus efeitos e prevenção dos potenciais impactos ambientais.



COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44\$80	50\$80
ALEMANHA FED. (marco)	87\$80	89\$00
ÁUSTRIA (xelim)	12\$50	12\$70
BÉLGICA (franco)	4\$076	4\$326
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	117\$60	120\$10
(notas de 5 a 1000)	118\$10	120\$60
DINAMARCA (coroa)	23\$05	23\$45
ESPAÑA	1\$359	1\$479
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	136\$15	139\$65
(notas de 5 a 1000)	136\$65	140\$15
FINLÂNDIA (marka)	37\$15	37\$75
FRANÇA (franco)	26\$20	26\$90
HOLANDA (florim)	77\$95	79\$05
IRLÂNDIA (libra)	236\$85	240\$85
ITÁLIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$950	\$1005
NORUEGA (coroa)	22\$65	23\$15
REINO UNIDO (libra)	262\$55	267\$05
SUÉCIA (corona)	23\$85	24\$35
SUÍÇA (franco)	106\$05	107\$55
VENEZUELA (bolívar)	2\$395	3\$195

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Aquisição hostil sobre a CISF

O Banco Comercial Português nega qualquer envolvimento numa alegada operação pública de aquisição hostil sobre a CISF, Companhia de Investimentos e Serviços Financeiros, que na passada terça-feira viu 7,5 por cento do seu capital passar do Fonsecas & Burnay para o Banco Nacional Ultramarino, negócio que decorreu à margem da Bolsa.

A notícia de que a aquisição hostil estaria em curso surgiu quando 4.263 acções da CISF tinham acabado de ser negociadas na Bolsa de Lisboa, operação que foi logo de seguida anulada pela Direcção de Operações para os Corretores e todo o movimento dos títulos desta parábancária foi suspenso.

Na altura correram rumores de que por detrás da aquisição hostil estaria o Banco Comercial Portu-

guês, mas pouco depois esta entidade desmentia qualquer envolvimento. «O BCP não manifesta qualquer interesse em tomar posição naquela companhia de investimentos», afirmou uma fonte do banco visado.

Recorda-se que a CISF tem actualmente um capital social de dez milhões de contos, controlado por um núcleo duro constituído pelo BNU, Lloyds Bank, Sumitomo Bank e Banco Bilbao Viscaya, que são apoiados pela Mundial Confiança, O Trabalho e grupo Vicaíma.

A CISF obteve no primeiro semestre deste ano resultados líquidos de 1,3 milhões de contos, contra um milhão no período homólogo de 1989. As aplicações nos primeiros seis meses de 90 ascenderam a 35,7 milhões de contos.

Mako à conquista de mercados

A empresa de vestuário Mako começou a aplicar uma estratégia de conquista de mercados, interno e externos, por forma a aumentar uma facturação que, no final deste ano, se prevê que venha a atingir os 3,1 milhões de contos, mais de metade em resultado de exportações.

Uma campanha de publicidade estimada em 40 mil contos vai ser promovida em Portugal, para obstar à concorrência estrangeira cada vez mais agressiva, enquanto os esforços vão ser desenvolvidos para a implantação desta marca em Espanha, Suécia, Noruega, Finlândia, Grã-Bretanha, França e Alemanha.

Recorda-se que a Mako investiu este ano mais de 150 mil contos na modernização do seu equipamento e tecnologia, numa perspectiva de alcançar melhor qualidade e maior produtividade.

Sediada em Trofa, esta empresa emprega 650 pessoas. Em Agosto passado, registava um aumento na facturação na ordem dos 24 por cento em relação a igual período de 1989.

QUOTIDIANO

A Ordem dos Advogados de Sintra protesta contra os novos hábitos dos juizes

Advogados «faltosos» a contas com tribunais

Amanhã, a meio da tarde, Barata Dias, advogado da comarca de Sintra, está «condenado», por ordem do Tribunal de Alenquer, a ver penhorados todos os bens do seu escritório. Barata Dias faltou, como advogado constituído, a uma audiência em Alenquer e o Ministério Público instaurou-lhe um processo por não ter estado presente no julgamento. Adiada a audiência, o Tribunal de Alenquer decretou então o pagamento das custas judiciais por parte do advogado sintense.

Barata Dias discorda e ignora a decisão do tribunal. Segundo o advogado, a sua ausência no julgamento justificava-se pela possibilidade de provocar, através de meios legais, o adiamento da audiência.

Instruído nesse sentido pelo seu constituinte, o advogado alega ter-se-lhe limitado a cumprir a vontade e a defender os interesses do seu cliente.

Mas o tribunal decretou, está decretado. Agora, cumprindo a sentença do Tribunal de Alenquer, o Tribunal de Sintra entra-lhe o escritório dentro e penhora-lhe os bens para que a dívida seja saldada.

O caso não é novo. Segundo Silvino Teixeira, presidente da Ordem dos Advogados, em Sintra, «há que alertar a opinião pública para a ilegalidade deste tipo de decisão, vexatória para a classe». O comunicado recentemente distribuído pela Ordem garante que «são cada vez mais os casos de notificações e penhora nos escritórios dos advogados que, por vezes, pagam avultadas quantias para libertar os seus bens em processos em que nem sequer são partes ou foram ouvidos».

«Não existe qualquer disposição legal, para além do artº 448, de aplicação genérica, que obrigue ao pagamento das custas judiciais. Aí mesmo

se diz que os encargos poderão ser pagos pela parte vencida ou pela parte faltosa. Mas o artº 651 do Código de Processo Civil é claro: adiado o julgamento, pela falta de um dos advogados ou de uma das testemunhas, o Tribunal terá de comunicar ao mandante que, por sua vez, se sentir lesado, poderá apelar para a Ordem dos Advogados. Quanto a disposições legais, é só. Nenhuma explicita claramente a obrigatoriedade de pagamento das custas, por parte dos advogados», afirma Silvino Teixeira.

Chamada a intervir na polémica, a Ordem considerou que «o despacho condenatório não notificado pessoalmente ao advogado mas apenas ao advogado constituído no processo não constitui título executivo» e que «a sua condenação, nas custas, está eivada de grosseiro erro de Direito».

O primeiro Congresso Extraordinário de Advoga-

dos discutiu já o assunto e concluiu pela «ilegalidade de condenação dos advogados nas custas». Porém, segundo o mesmo comunicado, a prática de condenação de advogados tende a generalizar-se. «Alguns dos Juizes mais novos da 1ª Instância entendem que têm o poder de fiscalizar os actos dos advogados, não tendo em conta que o mandatário judicial não pode exceder as instruções e interesses legalmente tutelados dos cidadãos representados» refere o comunicado da Ordem para adiantar que «os juizes mais novos da 1ª Instância continuam a condenar, por faltas desta natureza e ao arripio da legalidade democrática, os advogados constituídos esquecendo que estes não poderão gastar tempo e dinheiro do seu bolso em deslocações dispendiosas para se submeterem à sua fiscalização».

E.T.

FENPROF critica comparações

A Federação Nacional de Professores (FENPROF) considerou, esta manhã, negativa e prejudicial a forma como se iniciou o ano lectivo. Em conferência de Imprensa, António Teodoro, presidente daquela estrutura sindical, argumentou que o ministro da Educação e o Governo fizeram nesta altura do ano uma campanha pré-eleitoral, nomeadamente com a utilização despropositada de comparações de factos que ocorrem há cinco ou dez anos, que não deviam ser feitas.

Dando como exemplo, António Teodoro referiu-se ao estado das instalações escolares dizendo que há rupturas parciais, especialmente nos concelhos de Almada, Seixal, Sintra, Marinha Grande e por todo o lado. Simplesmente, esta situação é, em parte, enconberta por alguns contratos que o Ministério da Educação realizou com estabelecimentos particulares.

No que diz respeito às condições de trabalho, o representante da FENPROF disse ainda que estas não se alteraram significativamente, este ano. Há escolas que mantêm horários sobrecarregados, o que as leva a funcionar mais horas do que deviam. A falta de espaço para Educação Física, laboratórios e bibliotecas continua a ser um problema de longa data.

Por outro lado, a diminuição dos orçamentos atingiu severamente os orçamentos próprios das escolas, até 20 por cento. Esta situação impediu, nalguns casos, a realização de iniciativas previstas para este ano.

Em relação ao Orçamento para a Educação, os 500 milhões de contos anunciados pelo primeiro-ministro, está aquém do montante previsto no próprio programa do Governo. Este ano, deveria estar nos 700 milhões de contos para atingir os sete por cento do Produto Interno Bruto (PIB).

B R E V E S

«Diário de Notícias» passa a sociedade anónima

Como primeiro passo para a futura privatização, o Governo determinou que o Diário de Notícias, Empresa Pública se transformasse em sociedade anónima, através dum decreto-lei hoje publicado no «Diário da República». Assim, a Diário de Notícias, S.A. sucede automaticamente à Diário de Notícias, E.P. e continua a personalidade jurídica desta, conservando todos os direitos e obrigações integrantes da sua esfera jurídica no momento da transformação. A nova situação não afecta os direitos e obrigações dos trabalhadores e pensionistas da empresa anteriormente adquiridos.

Investigadores da Judiciária ameaçam entregar as armas

Os funcionários de investigação criminal da Polícia Judiciária, em greve parcial desde 10 do corrente mês, poderão entregar as armas, disse o presidente da Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal (ASFIC), Manuel Carvalho. Esta proposta, bem como uma greve de zelo agravada, será discutida numa assembleia geral da ASFIC, sábado, na Escola Superior de Medicina Veterinária, em Lisboa. A ASFIC-PJ exige reformulações da lei orgânica da corporação, recentemente promulgada pelo Presidente da República e, ainda, a demissão de Marques Vidal, director-geral da Polícia Judiciária.

Acordo com Ministério divide enfermeiros

A Federação Nacional dos Sindicatos dos Enfermeiros assinou, ontem, um acordo com o Ministério da Saúde, o que pressupõe a anulação da intenção de greve anunciada em Julho por aquela estrutura sindical. O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, que não subscreveu o acordo, iniciou segunda-feira uma semana de luta.

Autoridade da Comunicação elege quatro membros

A escritora Agustina Bessa-Luís, o director da RDP Durval Beltrão de Cravalho, o ensaísta e professor António Quadros e o docente universitário Fernando Reboredo Seara foram eleitos, por cooptação, para completar o elenco da Alta Autoridade para a Comunicação Social. Os novos quatro membros, que já declararam aceitar os cargos, deverão tomar posse em breve, perante o presidente da Assembleia da República, juntando-se, assim, aos nove membros já em exercício.

Instituto de Qualidade Alimentar «garante» produtos

Foi ontem anunciado, para breve, a assinatura de um protocolo de colaboração entre o Instituto de Qualidade Alimentar e a Nestlé, a multinacional agro-alimentar radicada desde 1933 no nosso País.

Numa visita às instalações da sede da Nestlé, em Avanca, Fernanda Machete, presidente daquele instituto, referiu as linhas mestras da nova política da Secretaria de Estado da Alimentação que prevê, a curto prazo, celebração de diversos protocolos com as empresas privadas e a criação, por parte da Administração Pública, de um sistema de controle de qualidade dos géneros alimentícios.

A acreditação de laboratórios bem como a atribuição de marca de qualidade a produtos alimentares transformados vai permitir, segundo a presidente do IQA, «estabelecer um clima de confiança entre agentes económicos privados e o Estado, capaz de criar condições de maior competitividade e produtividade».

Segundo Fernanda Machete, «a nova política do Instituto de Qualidade Alimentar responsabiliza, cada vez mais, a indústria privada, reservando, para o poder político, um papel regulador e fiscalizador das actividades».



Chuva assassina Duas pessoas morreram, na tarde de ontem, esmagadas por um muro que ruíu sobre o automóvel em que transitavam, numa rua do Funchal, quando uma tromba de água se abateu sobre a cidade. As vítimas são João Gonçalves Henriques, de 76 anos, proprietário e sua mulher, Mary Emilie Nunes Sander Henriques, de 61. Motivada pela passagem de uma frente fria, a tromba de água provocou inundações na capital da Madeira

Câmara de Loures lança derrama e novas tarifas

A coligação PCP/PS que gere a Câmara Municipal de Loures antecipou-se à oposição municipal, em especial a Pacheco Pereira (PSD), expondo publicamente as razões pelas quais o Executivo camarário deverá aprovar esta tarde uma nova derrama para 1991 e novas tarifas de saneamento. O anúncio destas duas medidas foi ontem feito pelo presidente do Município, Demétrio Alves e pelo líder local do PS, Roque Lino, que preside à Administração dos Serviços Municipalizados.

O Governo e o PSD local mereceram amplos reparos da maioria PCP/PS da Câmara de Loures, sendo acusados de obstruir a actividade e empenho dos eleitos, em prejuízo das populações. Demétrio Alves e Roque

Lino salientaram que o Ministério das Finanças cobra 24 milhões de contos em impostos em Loures, dos quais só devolve dois milhões. Para além disso, tem vindo a reduzir a sua comparticipação do Fundo de Equilíbrio Financeiro, o que sucede relativamente a todos os concelhos, obrigando as câmaras a lançarem derramas e novas tarifas.

O Município de Loures aprovará ainda na reunião desta tarde uma proposta de alteração das coimas, relativamente a ilícitos nos loteamentos, construção sem licença, venda ambulante e afectação de zonas verdes. As infracções nas edificações poderão custar aos seus autores uma multa até cinco mil contos.

J. R.

Herpes passou a ter centro de informação

Entrou em funcionamento o Centro de Informação sobre Herpes, um departamento do CNEP - Centro Nacional de Estudos e Planeamento, que se destina a informar sobre os sintomas e os efeitos desta doença e sobre os meios preventivos e curativos a utilizar pelos seus portadores.

O centro, um serviço de carácter privado apoiado cientificamente, prestará informações por via telefónica ou por escrito.

As chamadas são gratuitas, utilizando a «Linha Verde» (01 - 5001991), no período compreendido entre as 14 e as 18 horas. As cartas deverão ser dirigidas ao apartado 10218 - 1017 Lisboa Codex.

Registe-se que até agora foram identificadas quatro vírus de herpes que afectam o homem, provocando doenças das quais as mais vulgares e conhecidas de toda a população são o herpes labial, a varicela, tão frequente nas crianças, a zona, o herpes genital e a mononucleose infecciosa, vulgar «doença do beijo».

Os principais sintomas do herpes, para além do ardor e dor local, levam ao aparecimento de pequenas vesículas em forma de telha, a que deve o nome, já que telha, em grego, se diz herpes.

Todos estes vírus se encontram espalhados pelo mundo e são endémicos em todas as populações estudadas até agora. Em cada caso, o vírus provoca uma infecção primária e permanece depois latente no organismo.

O grande avanço de virologia registado nos últimos anos permite agora curar ou, pelo menos, minimizar consideravelmente os perigos e inconvenientes da doença sobretudo se, logo detectada, se recorra a consulta médica.

No respeitante ao herpes labial e, embora, como dissemos, as causas das recaídas não estejam inteiramente esclarecidas, sabe-se que a exposição ao sol é uma das principais causas da reactivação da doença.

O herpes genital, doença infecciosa de transmissão sexual, tem sido alvo de grandes campanhas profilácticas nos Estados Unidos e na Europa, onde afecta milhões de pessoas, como graves infecções generalizadas.

Um casal que decidiu dar à filha o insólito nome de uma deusa grega viu-se grego para a registar, tendo tido que recorrer a tribunais e linguistas, numa luta que durou mais de um ano

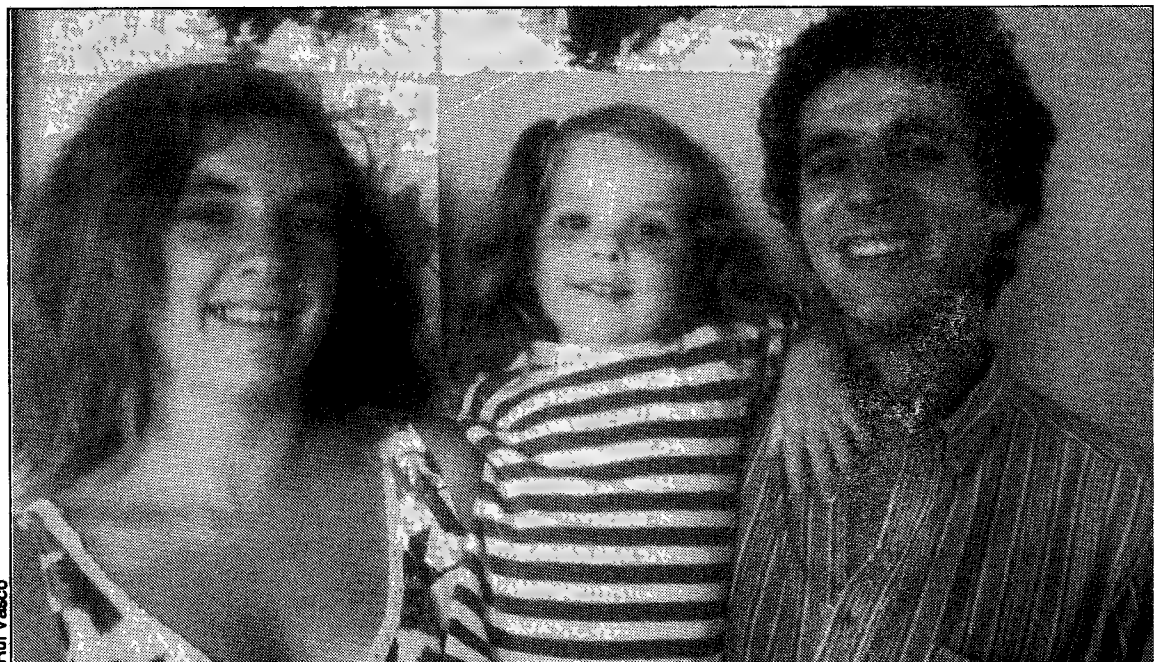
O inconveniente de ser chamada Io

Quando Fernando Lino Barradas Franco, um delegado de informação médica agora com 30 anos, descobriu num vetusto inventário onomástico o nome Io e acordou com a mulher, Teresa Sacadura Serrano, uma estudante sete anos mais nova, em dá-lo à criança que esperavam, caso fosse menina, não imaginava os trabalhos em que se ia meter. Só começou a ter disso uns vislumbres no Registo Civil, perante a recusa em registarem-lhe a filha, verificada a ausência do nome numa lista dos que serão considerados aceitáveis.

Há que reconhecer que o jovem casal teve azar. Num País onde actualmente proliferam nomes femininos tão surpreendentes e desligados da língua como «Vanessa» (designação inglesa de uma variedade de borboletas), «Andrea» (italianismo irremissível) e «Natacha» (deminutivo russo de Natália), logo havia de deparar com um funcionário capaz de levar ao limite da teimosia a embriaguez com o monossílabo por que ficou na mitologia grega uma amante de Zeus, mais tarde transformada em vaca e entregue à guarda de Argos, o gigante dos cem olhos.

Cativados pela sonoridade da curta locução (que se pronuncia como se levasse acento circunflexo na segunda letra) e, sobretudo, revoltados contra o que consideraram uma violação do direito dos pais a escolherem livremente os nomes dos filhos, Fernando e Teresa não acatarem a decisão. E aí começou uma longa odisséia burocrática, que só teve desfecho 15 meses depois, com uma sentença judicial favorável, pronunciada quando já Io passara a idade do gatinhar, balbuciava as primeiras palavras e não respondia por outro nome que não fosse esse.

De facto, o responsável do 5.º Conservatório do Registo Civil de Lisboa, à Estrela, não recuou perante a determinação dos pais e apresentou às instâncias superiores, como se impõe nestes casos, a fundamentação da recusa. Tratava-se, segundo ele, de um nome «de fantasia», não português, e equívoco quanto ao sexo do portador.



Fernando, Teresa e a involuntária personagem central de um caso inédito na jurisprudência portuguesa: Io, a menina de nome inadmissível

Delegado de Informação Médica mas também estudante de Direito, Fernando Lino, então com 28 anos, revelando-se não menos obstinado que o contendor, recorreu a todos meios legais para levar a sua por diante. Em primeiro lugar, como lhe cumpria, para a Conservatória dos Registos Centrais. Mas achou a experiência frustrante.

«É uma daquelas instituições» — acusa — «em que ainda não se ouviu falar em Estado de Direito. Demoram anos a dar qualquer resposta, num desrespeito flagrante a um direito fundamental, como é o direito ao nome, não tendo em conta os prejuízos resultantes dessa actuação».

Os prejuízos, depois da decisão judicial, foram reparados. Mas não deixaram de ser 15 meses durante os quais o agregado, que vive do vencimento do cabeça-de-casal em apartamento adquirido a crédito num bairro da periferia de Lisboa, não dispôs dos subsídios de nascimento e de aleitação, nem do abono de família.

Outra entidade para a qual apelaram foi o Provedor de Justiça, com idêntico insucesso, um

insucesso que leva Fernando Lino a tecer-lhe referências cáusticas.

«É um órgão que em Portugal faz as vezes de Muro das Lamentações» — diz — «coisa que acontece quando se transplantam órgãos de democracias avançadas para democracias juvenis, sem as devidas adaptações...»

Decisivo para o triunfo da sua posição na querela, entende Fernando Lino que foi o parecer graciosamente elaborado pelo professor José Segurado e Campos, da Faculdade de Letras de Lisboa. Para este catedrático, Io «é um nome de origem grega clássica», «identificável como feminino», e «a sua adaptação à língua portuguesa está perfeitamente determinada», conforme se poderá verificar pela sua inclusão em diversos e idóneos dicionários. O mesmo entendido refere a utilização de Io, «como mitónimo clássico», pelo próprio Camões.

Segurado e Campos assinala ainda a procedência estrangeira dos nomes que «mais portugueses são na aparência», como é o caso de José, João e Maria, de cepa hebraica, Alfredo, Luís e Ilda, germânica, e Fátima, árabe, entre

muitos outros exemplos possíveis. Segundo ele, os nomes de origem grega clássica são igualmente numerosos, acontecendo apenas que, «enquanto uns se encontram já muito enraizados no uso, como Helena, Alexandra, outros são relativamente raros, como Penélope, Calíope, Aglaia, Calipso, e como será o caso de Io».

Munidos do abalizado documento, Fernando Lino e Teresa Serrano submeteram finalmente o problema ao Tribunal Cível da Comarca de Lisboa, o qual, por acórdão de Março de 89, determinou a efectivação do registo da criança. Salvo os 25 contos dos honorários do advogado, as despesas com o processo correram por conta da parte contrária, quer dizer, do obstinado conservador. Eles receberam os subsídios em atraso. E tudo terá acabado em bem, a menos que volte a mania dos yó-yós, e o insólito nome da loura pequenita em torno da qual girou todo este imbróglio se venha a prestar a alcunhas que façam com que ela lamente não se chamar... simplesmente Maria.

Fernando Brederode Santos

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

Arquivo 7037

EDITOS

Processo 1/2099

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 3 da linha para o PT APC 9 C, Cooperativa Agrícola da Quinta de S. João e término no PT APC 31 C, Construtora do Lena, Lda., com 523 metros, na freguesia e concelho de Alpiarça, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALPIARÇA, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Setembro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 19/9/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da execução e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença, n.º 6350-A — 3.ª Secção.

Exequentes: Vector Viagens e Turismo, Lda., Executado: EUROJORNAL — Sociedade de Comunicação Social, SA., com sede na Rua de São Bernardo, n.º 15 - 1.º — 1200 LISBOA.

Lisboa, 22 de Maio de 1990

Pl: Escrivão de Direito,
(assinatura ilegível)
O Juiz de Direito,
(assinatura ilegível)

(DL-19/9/90 — 1.ª Pub)

Afecção fúngica atinge mulheres portuguesas

Três em cada quatro mulheres portuguesas estão, já foram, ou virão a ser afectadas, pelo menos uma vez na vida, pela candidíase vaginal, uma infecção fúngica de difícil tratamento que constitui hoje um sério problema de saúde, sobretudo pela sua capacidade de afectar o quotidiano, a vida conjugal e até social da mulher, informa a «Tribuna Médica».

De acordo com aquele quinquenário, a dificuldade do tratamento está a preocupar a classe médica, tanto mais que os estudos realizados sugerem que, uma vez contraída a doença, cerca de metade das mulheres infectadas continuarão a ter episódios ocasionais e que, num pequeno número, a situação tornar-se-á crónica.

A candidíase é ainda uma doença insuficientemente conhecida, sabendo-se, por ex-

emplo, que surge em 10 por cento dos casos associada à presença de muitos outros fungos. A fonte de infecção também é raramente conhecida, pois a sua presença no organismo não significa necessariamente infecção.

O parceiro sexual, a pele e, especialmente, o trato gastrointestinal são os mais importantes reservatórios do fungo, sabendo-se que um quarto dos homens apresentam estirpes idênticas às encontradas na companhia, embora não tenham, aparentemente, consequências para o sexo masculino.

A pílula, os antibióticos de largo espectro, a gravidez e certos hábitos modernos, até mesmo o vestuário e doenças concomitantes, como a diabetes, contribuem para a difusão da enfermidade, para a qual os remédios actualmente existentes no mercado são eficientes em apenas 25 por cento dos casos.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Proposta para Função Pública entregue ao Governo

UGT reclama 4,5 pontos

A Frende Sindical da Administração Pública (FESAP) reclamou um aumento dos salários e pensões da Função Pública 4,5 pontos percentuais acima da inflação prevista para 1991 e 480 escudos de subsídio de refeição.

A proposta da FESAP (estrutura filiada na UGT), ontem entregue ao Governo, defende um aumento de 16 por cento nas ajudas de custo e das comparticipações da ADSE.

No preâmbulo da proposta, a FESAP afirma que o novo sistema retributivo foi fixado unilateralmente pelo

Governo, não trouxe melhorias imediatas à maioria dos trabalhadores do regime geral e houve uma degradação da situação salarial da generalidade dos trabalhadores.

Acrescenta que, mesmo com o novo sistema retributivo, a grande maioria dos trabalhadores da Administração Pública teve aumentos anualizados de 7,6 a 9,7 por cento, o que se traduziu numa «perda brutal de poder de compra».

A FESAP acusa o Governo de «não respeitar os compromissos assumidos», nomeadamente quanto ao

horário máximo de 40 horas semanais e sua evolução para as 35 horas até 1993, à não resolução do problema dos tarefeiros, e às políticas de higiene e segurança no trabalho.

A proposta da FESAP foi entregue um dia depois das federações da Função Pública da CGTP e UGT se terem reunido formalmente, pela primeira vez. Segundo um comunicado conjunto ontem divulgado, a FNSP e a FESAP manifestaram vontade de prosseguir contactos «tendo em vista a convergência de propostas e

acções que permitam o êxito das reivindicações».

As duas organizações debateram, no encontro, a situação laboral na Administração Pública e o próximo processo negocial com o Governo.

As federações consideram imprescindível que, no próximo processo de negociações, «se afirme uma efectiva vontade de diálogo do Governo, que garanta o aumento dos salários reais de todos os trabalhadores e a melhoria das condições de trabalho na Função Pública».

Carências na Guarda Fiscal

Incentivos são fundamentais para combater corrupção

O comandante-geral da Guarda Fiscal (GF), general Hugo dos Santos, reconheceu ontem que os incentivos aos militares da corporação «são fundamentais», caso contrário «o pessoal acaba por ser tentado pelos "adversários" da Guarda Fiscal (infractores dispostos a subornar)».

Falando a jornalistas na apresentação das comemorações do 105º aniversário da GF, o general Hugo dos Santos admitiu a existência de casos de corrupção naquele corpo militar. Disse, no entanto, que grande parte deles se devem a «problemas de âmbito social».

«Actualmente, os serviços sociais não cobrem cinco por cento das carências do pessoal, mas o nosso objectivo é aumentar a assistência para mais de 40 por cento», anunciou.

Referiu que «a construção de habitações através de empréstimos com juros baixos e rendas acessíveis se encontra entre essas medidas». Na conferência de imprensa disse ainda que «vão ser construídas largas centenas de habitações para atender às necessidades dos militares» da corporação.

O comandante da Guarda Fiscal revelou ainda que foi apresentado à CEE, para financiamento, um projecto de modernização das estruturas e equipamento da corporação orçado em 14 milhões de contos.

Lanchas rápidas e patrulhas

O projecto, já aprovado pelo Governo português, vai possibilitar a aquisição de lanchas rápidas e outras de patrulhamento. Serão ainda comprados, segundo disse, novos equipamentos de vigilância e detecção, tanto para a área terrestre como para a zona marítima.

«No próximo mês deverá ser realizado o concurso para aquisição das primeiras lanchas, cujo número ainda não conhecemos e que está dependente de um estudo que está a ser efectuado por técnicos da Marinha de Guerra», acrescentou o responsável máximo pela GF.

Em Março do próximo ano, segundo Hugo dos Santos, deverão ser integrados elementos da corporação em cursos da Armada, os quais integrarão posteriormente as guardas das lanchas.

Adiantou ainda que estão a ser montados sistemas de vigilância costeiros em que já foram investidos, este ano, cerca de 2,5 milhões de contos.

Falou também da projectada compra de aviões, sem contudo ter adiantado os prazos previstos para a sua concretização. Para já, deverão ser utilizados os meios da Força Aérea, que irão permitir simultaneamente a fiscalização das pescas e da Zona Económica Exclusiva.

Associações em vez de sindicatos

Questionado acerca da alegada existência de militares «com ideais pró-sindicais» na corporação, Hugo dos Santos disse ter conhecimento de três elementos com essa motivação, mas acrescentou que essa hipótese está colocada de parte. «A GF, por ser um corpo militar, está sujeito à Lei de Defesa Nacional e, como tal, o sindicalismo não é hipótese que se coloque», acrescentou a propósito.

Contudo, defendeu a existência de associações que deverão «participar nos órgãos de soberania da GF e defender os interesses das classes que representam e colaborar com o comando».

As comemorações do 105º aniversário da Guarda Fiscal celebram-se na próxima sexta-feira, com uma cerimónia na praça do Império, em Lisboa.



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

EDITOS

Processo 1/1860

Arquivo 7037
Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 27 da linha para o PT CCH 78 Fazenda da Arríça-Nascente e término no PT CCH 238, Herdade de Pestana, com 447 metros, na freguesia de Foros da Branca, concelho de Coruche, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Setembro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» — 19/9/90



ESTAMOS À PROCURA
DE UMA AVE RARA.

A GALINHA
DOS OVOS DE OURO.

○ Jardim Zoológico tem mais de 420 espécies e subespécies, animais de todo o mundo. Mas há um muito importante que nos falta — a Galinha dos Ovos de Ouro. Já percebeu, com certeza, do que estamos a falar. De dinheiro, claro. Essencial para o Jardim Zoológico adquirir novos animais. Por isso, apelamos a si para o sucesso da Campanha de Doação e Apadrinhamento de Animais. A sua ajuda não vai passar despercebida. O seu nome ou a sua empresa ficarão para sempre ligados ao lançamento de um novo Jardim Zoológico.

Obrigado.

Telefone para Campanha de Doação e Apadrinhamento de Animais 726 93 11/70 86/43 85, ou escreva para Estrada de Benfica, 158-160, 1500 Lisboa.



LISBOA
INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

DÊ MAIS VIDA AO ZOO

Por muito que nos custe acreditar, neste momento dramático em que são postas perante as atenções internacionais as facetas mais retrógradas e sanguinárias do regime ditatorial de Bagdad, a verdade é que, a História o demonstra sem quaisquer dúvidas:

A civilização nasceu no Iraque

Todo o mundo tem os olhos postos no Iraque. Mas, para dizer a verdade, que sabe esse mundo inteiro do Iraque, um recentíssimo país, nascido em 1932, por manobras da diplomacia britânica, nação ocupante desde o final da I Guerra Mundial? Muito pouco, ou esquecendo o muito que realmente sabe, mas para o que não obtém as indispensáveis ligações.

Nenhum historiador tem a menor dúvida em colocar no território do actual Iraque o berço da civilização ocidental. Depois de durante milénios (cem mil, pelo menos) ter sido ocupado por

todo o tipo de homens primitivos, desde os mais longínquos cavernícolas ao homem de Neanderthal ao sapiens e ao cromagnon, a região de entre Tigre e Eufrates, a terra das revelações proféticas, torna-se — cinco mil anos antes de Cristo — o teatro de um enorme passo em frente da humanidade: a passagem de um modo de vida rural e disperso para o da civilização urbana.

Nessa tão longínqua época, antes de que em qualquer parte em todo o mundo, nasceram as cidades, como Eridú, Úr ou Uruk, foram elaborados os

primeiros planos para domar as cheias, construídas barragens, rasgados canais de irrigação.

É o aparecimento da civilização suméria, os fundadores da primeira civilização humana conhecida. Cerca de 3 200 a.C., os sumérios descobrem a escrita e aplicam-se em espalhar a sua utilização. Foi ali que nasceram as primeiras escolas da história da humanidade. Em meados do Terceiro milénio a. C. começam a registar por escrito a sua história.

Mas também a eles se deve a roda de oleiro, cujo princípio levaria à desco-

berta do carro de quatro rodas. Simultaneamente, criariam outros meios de transporte, especialmente o barco à vela que lhes ofereceu o domínio comercial do Golfo Pérsico.

Descobertas científicas

É bem possível que Saddam Hussein se sinta tentado a olhar-nos como pequenos selvagens apenas acabados de chegar ao mundo da cultura. Os seus antepassados, pela altura de que estamos a falar, já tinham descoberto a fusão e o trabalho dos metais, a geometria, a medicina, a astronomia, a geografia e os

estudos linguísticos eram extremamente vulgarizados, como o demonstram livros que chegaram até aos nossos dias. Foram, igualmente, os sumérios a redigir as primeiras leis, sobre as quais assentaram as primeiras instituições políticas para a organização e a protecção da vida social.

No campo das letras e das artes, o que nos chegou das suas realizações demonstra a perfeição atingida por esses primeiros homens, e até que ponto se podem designar como pioneiros da civilização humana. A epopeia de Gilgamesh é ainda hoje o testemunho irrecusável das capacidades dos sumérios em todos os domínios da cultura.

A grandeza dessa epopeia não se deve apenas ao facto de ser a primeira conhecida pelo homem, também não apenas do sopro épico que a anima e das incomparáveis técnicas literárias, mas também do seu conteúdo filosófico, das primeiras reflexões sobre os mais cruciais problemas humanos: a morte, a imortalidade, a dignidade, o amor, a dor e o prazer. Pela mesma altura surge a harpa de Ur, datada de 2 450 a.C., construída em ouro, a demonstrar o amor pela música e a grande capacidade técnica no fabrico de instrumentos musicais.

Extraordinários objectos escultóricos, gravuras, pedras preciosas produzidas por estes homens têm lugar de honra nos museus de todo o mundo. Da mesma maneira, a arquitectura sofre um incomparável avanço, com a introdução dos arcos, das volutas e das cúpulas, frequentemente decorados com frescos, pinturas e mosaicos.

Ao longo de toda a História

Coabitando com os sumérios desde as épocas mais recuadas, os acádios (que tiveram como rei um dos mais sonoros nomes de toda a História — Sargão, que significa o rei sincero e que teve um início de vida precisamente idêntico ao do muito posterior Moisés) conseguiram um enorme poder económico, mercê de trocas comerciais com os países do Golfo, ao mesmo tempo que organizavam rotas de caravanas que iam até às minas de cobre da Anatólia, para depois exportarem o mineral para todas as grandes cidades do Império.

Tanto quanto a história o permite saber nos seus conhecimentos actuais, teriam sido os acádios a produzir as primeiras estátuas em bronze, ao mesmo tempo que a sua cultura se expandia por todo o Próximo-Oriente, mercê da religião, das conquistas militares e da expansão comercial.

Cerca de dois mil anos antes de Cristo surgem as dinastias babilónicas, altura em que a cultura da região atinge o seu apogeu. A língua, escrita ou falada, estende-se por todo o Próximo-Oriente, as ciências e as artes tingem alturas incomparáveis, o comércio consegue uma expansão sem paralelo. A administração é centralizada, as leis codificadas e unificadas, sendo reunidos no famoso Código de Hammurabi.



Com os seus 50 metros de altura, o minarete de Samarrá, é um belo exemplo da arquitectura dos califas abassidas, no século VIII



Estes olhos, estes rostos fitam... começou a ap...



Auto Monumental de Amadora
S.A.



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



...mas também existe um Iraque dos nossos dias, com edifícios modernos e iguais aos da «aldeia global» em que vivemos, como esta Universidade de Bagdad

A célebre estela de diorito, na qual Hammurabi fez gravar as suas leis, encontra-se hoje no Museu do Louvre, em Paris, e é considerada como o mais completo dos antigos códigos legais.

divíduo no seio da sociedade, determina os seus direitos e os seus deveres, de acordo com as suas funções e as suas responsabilidades.

Por outro lado, os assírios são um povo semita que

como potência rival de todas as outras da área e se aliam a Babilónia, fundando com as suas conquistas militares o maior império da história antiga.

Um pouco mais tarde (meio milhar de anos a.C.) surgem os caldeus, aos quais se ficou a dever, pelo menos, uma das sete maravilhas do mundo: os jardins suspensos de Babilónia, além de colossais trabalhos urbanísticos.

Quase mil anos mais tarde, depois de sucessivas e indistintas ocupações da zona (que vão de Alexandre da Macedónia aos partos, dos sekunidas aos sassanidas, surgem os árabes e o Islão.

É todo um novo tipo de administração, que transformou o comércio, a agricultura e o urbanismo. É nesta altura que nasce Bagdad, que, para certo espanto dos que olham nos dramáticos dias de hoje, também pode ser chamada de Dar Es-Salam, o que, um tanto ironicamente, significa «a cidade da Paz».

As fronteiras do império alargam-se até espaços não imaginados nos tempos de Harun Al-Rashid, o califa para quem foram escritas as «Mil e Uma Noites». No entanto, um seu sucessor menos propalado, Al-Ma'mun terá tido um contributo ainda mais largo para o progresso da humanidade, reunindo em Bagdad tradutores de todos os países do mundo que verteram para árabe todas as principais obras literárias e científicas das mais variadas culturas, entre as quais muitas já desaparecidas.

No entanto, todo este mundo de maravilhas, de cultura e de alta civilização iria desaparecer durante séculos quando Helágú, neto de Gengis Khan, conquistou Bagdad a 20 de Fevereiro de 1258, lançando uma sombra de barbárie sobre a velhíssima Mesopotâmia.

O resto, é apenas história moderna.



Estátua do tempo de Ciro, quando a Mesopotâmia retoma a sua independência política. Nota-se-lhe, porém, uma certa influência helénica



os fitam-nos desde o fundo dos tempos, de quando o homem sou a aprender a escrever e a ter leis escritas

Contém 282 artigos de leis que dizem respeito a todos os aspectos da existência humana. Compreende um «código de estatuto pessoal» que rege, com uma precisão e um grau de consciência espantosos, a vida do in-

emigrou da Península Arábica para se fixar no norte do actual Iraque, por volta do III milénio a.C. No entanto, apenas surgirão com uma certa celebridade no primeiro milénio antes da nossa era, quando aparecem

Roby Amorim

Plano do Ambiente vai a debate público

A proposta de Plano Nacional de Política do Ambiente (PNPA), que está a ser preparada por uma comissão integrada por representantes de 10 ministérios, vai ser submetida em Outubro a discussão pública, anunciou ontem o ministro do Ambiente, Fernando Real.

O ministro, que falava no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em Lisboa, na sessão de encerramento do Simpósio sobre Águas Ácidas de Minas, revelou que o PNPA conterá «as acções necessárias à preservação do recurso da água, numa perspectiva de longo prazo».

«As relações entre a produção de energia e da indústria com o ambiente irão merecer especial atenção no sentido de serem reforçadas e continuadas as medidas de conservação da energia e diminuição da poluição dos resíduos e incentivada a reciclagem dos mesmos», acrescentou.

«Pretendemos, com esse Plano, delinear uma estratégia de acção interdepartamental, que permita conciliar, através duma acção enérgica e articulada de toda a Administração Pública e do sector privado, a defesa da qualidade do ambiente, a preservação dos recursos naturais e a política de desenvolvimento económico, social e cultural da década de 90», disse ainda o governante.

Segundo Fernando Real, até agora tem-se optado, em relação ao ambiente, por «actuações de tipo curativo». É necessário, «além de gerir a crise, em termos de qualidade ambiental, evoluir para o controlo da própria crise, actuando segundo uma abordagem sistemática sobre as suas causas», acrescentou.

Municípios minhotos querem água do Gerês

Barcelos, Esposende, Póvoa de Varzim e Vila do Conde pretendem ir buscar a sua água à albufeira da Caniçada, no Gerês, porque tanto as águas do Cávado como as do Ave (especialmente este), locais tradicionais da captação da água domiciliária, apresentam um grau de poluição incompatível com um abastecimento normal e saudável das populações dos quatro concelhos.

Um estudo da viabilidade deste projecto intermunicipal foi apresentado, no final do mês passado, ao ministro do Ambiente, Fernando Real, e prevê um investimento no valor de 5 milhões de contos.

De acordo com Fernando Real, o estudo poderá vir a concretizar-se, embora com um *timing* ainda imprevisível, pois exige verbas muito elevadas que deverão sair não apenas dos cofres do Estado, mas também dos cofres e dos bancos comunitários. Em perspectiva estaria, mesmo, um pedido de empréstimo ao Banco Europeu de Investimento.

Por seu lado, aqueles municípios insistem na urgência da execução do projecto. Sabe-se bem que o Ave é um dos rios onde a poluição atinge mais elevados níveis em todo o país, enquanto a situação no Cávado começa a tornar-se preocupante, sobretudo a partir da sua confluência com o Homem, a poucos quilómetros de Braga.

Barcelos afirma que a qualidade da sua água não é a melhor e que o Cávado, a não ser despoluído, reúne cada vez menores condições para o abastecimento de água ao concelho. A Câmara, de resto, está a proceder a obras de reforço e melhoramento na aparelhagem de captação, junto ao açude de Vessadas. Questão por resolver, continua a ser a das águas das freguesias rurais, onde a maioria dos poços se encontra inquinada e a distribuição domiciliária está longe de ser uma realidade.

Na serra de Monchique, uma proposta de agro turismo constitui uma experiência surpreendente para o cidadão desejoso de recuperar a serenidade

Um outro Algarve

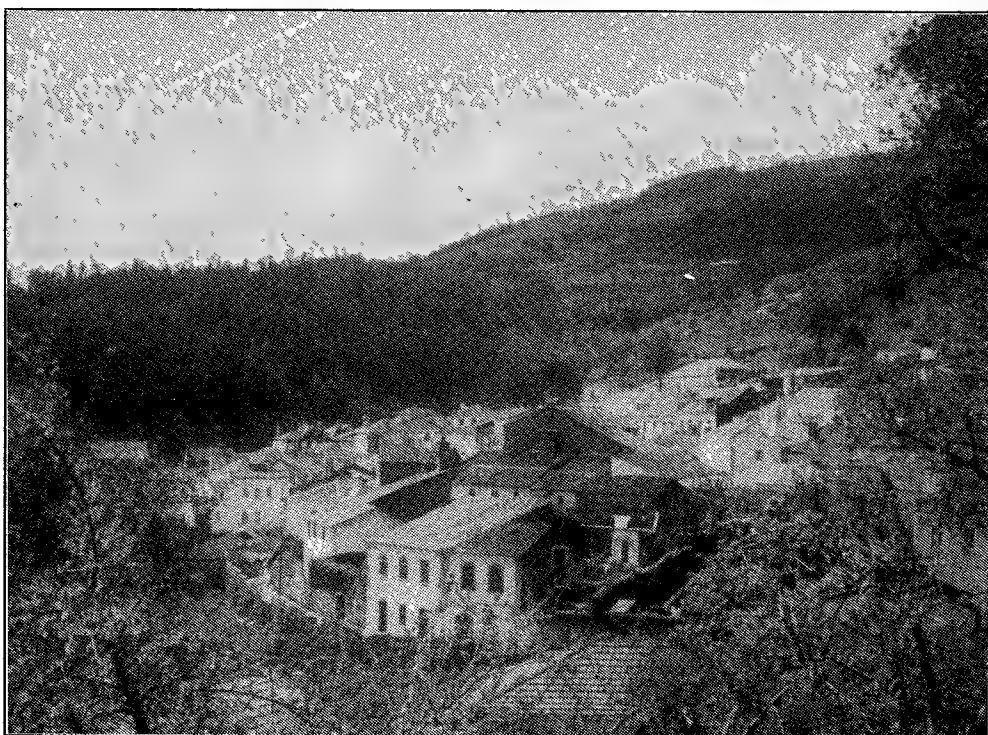
Longe do bulício das praias e da marabunta turística, há um outro Algarve que vale a pena descobrir e desfrutar. Apesar de explorada, a serra de Monchique ainda irradia um certo fascínio a nível do cenário, ainda nos proporciona algumas surpresas agradáveis. Para combater o stress e recuperar a serenidade de espírito alvoroçado pelas solicitações da vida citadina, nada melhor do que um retiro, férias tranquilas e ecológicas, na Casa da Paz, que oferece, dentro do esquema de agro-turismo, uma experiência diferente. Se for do género pacato, agarre a sugestão. Encontrar-se-á inserido num ambiente familiar, em comunhão perfeita com a natureza. Convém aderir, sem reservas, ao regime que Zélia Zakai aconselha aos seus hóspedes: deitar cedo e cedo erguer, esquecer a existência do tabaco e do álcool, não comer carne nem peixe, beber litros de tisanas, um contributo fundamental para a purificação do organismo. Deverá ainda submeter-se às relaxantes massagens shiatsu, técnica em que a anfitriã se revela especialista.

A média luz

Entre ravinas, a moradia de estilo rústico fica escondida num vale verdejante que a perseverança da proprietária tornou fértil. Sob o peso do silêncio, os visitantes habituados à sinfonia dos ruídos urbanos, podem ser invadidos, ao adensar das trevas, por uma angustiante sensação de medo... depois tudo volta à normalidade. Ali, o sol vai dormir cedo, ao contrário do que sucede no ponto mais alto da Fóia, de onde se desfruta um panorama soberbo.

Talhadas em degraus, constituindo um anfiteatro, destacam-se minúsculas parcelas de horta e pomar. Dois metros quadrados de meloal, algumas videiras e, no leito do fundo, junto ao ribeiro, a plantação de kiwis, frutos que requerem penumbra, a companhia de árvores nobres e a proximidade da água. Ainda não amadureceram, mas as amoras silvestres que ladeiam os caminhos já se podem colher, bem como as uvas de sabor acidulado e isentas de produtos químicos. No terreno circundante à moradia crescem em vasos as ervas (tomilho, manjerona, funcho e gengibre) que condimentam a requintada culinária de Zélia Zakai. Dispensável o sal que, no aviso dos nutricionistas, prejudica a saúde.

A meia luz do candeeiro de petróleo, ela prepara uma higiénica ceia, composta de vegetais estufados a vapor e



Em Monchique é possível encontrar um cenário que irradia ainda um certo fascínio

da tradicional sopa de miso. Trata-se de uma versão livre e criativa das receitas japonesas. Na lareira da sala, as chamas devoram rapidamente um ramo de eucalipto, cujas folhas ressequidas crepitam logo que se produz a combustão. Os rituais assumem particular importância no quotidiano de Zélia Zakai, fazem parte dos encantos da Casa da Paz. Por outro lado, o defumadouro afugenta os maus espíritos, se acreditarmos em superstições antigas. Lá fora, a lua progride para o formato redondo, acerca-se da plenitude num firmamento sem estrelas, espargindo a terra de vibrações benéficas. Com a lua cheia, os animais e as pessoas ganham um novo impulso anímico, acontece uma espécie de química que é propícia aos entendimentos amorosos.

De manhã, vamos apanhar figos para o pequeno-almoço, fruta ao alcance dos dedos que antecede, nos nossos estômagos, as fatias de pão fresco barradas com manteiga e mel. Caminhámos até ao pavilhão, depósito das tisanas que Zélia Zakai guarda em potes de barro. «Os medronheiros estão a morrer por causa dos eucaliptos», afirma com um certo desencanto na voz. De resto, reconhece que a prática da agricultura biológica é uma aventura talvez de consequências ruins. Custa caro e, em termos materiais, não compensa, ao fim de dez anos os resultados não são muito animadores.

Valem-lhe os proventos das massagens shiatsu, tem vários clientes estrangeiros, fixados na zona de Monchique, que requeiram os seus serviços. Os habitantes das belas mo-

radias, guardadas por ameaçadores cães, que se espalham no dorso da serra. É o caso do arquitecto inglês Stuart Ross que, após a reforma, resolveu dedicar-se à escrita. Entretanto publicou dois livros, um deles sobre as termas e o outro sobre as pousadas de Portugal. Seguem-se os rios, em breve procederá a um levantamento dos nossos cursos de água. «Quando frequentava a escola primária passei umas férias inesquecíveis em Bath, os bonitos edifícios desta estância termal inglesa impressionaram-me. Também me seduziu a atmosfera, o ritmo vagaroso que permite meditar. Durante muito tempo, as termas na Inglaterra mantiveram-se fechadas, só recentemente é que reabriram. No entanto, em Portugal, as termas gozam de grande popularidade», sublinha. De Monchique, subindo em direcção ao norte do País, este cidadão britânico, exímio jogador de *cricket*, percorreu 45 termas.

O arquitecto inglês

Dividido, entre a casa vitoriana que mantém em Londres, o solar que possui no território francês, La Rochelle, e a vivenda do Algarve, Stuart Ross usufrui do andamento calmo do presente. «Pessoalmente sempre preferi a arquitectura clássica, embora não renegue o progresso. Todavia, desagradam-me os pastiches, o passado é o passado, temos de encarar de frente o futuro. Da arquitectura portuguesa, admiro, sobretudo, as construções pombalinas, na época moderna distingo o desenho da Fundação Gulbenkian. Quanto ao hotel da Balaia, apesar do betão não me entu-

siasmar, considero-o uma obra interessante. O arranjo das plantas ajuda a quebrar a frieza do cimento. Amoreiras? São, no mínimo, desconcertantes, mas acho que há nelas algo de muito forte», acrescenta.

Pergunta-me se conheço o Lloyd Bank de Londres, edifício que classifica de prático. Mas critica a solução do vidro que, a seu ver, acarreta inconvenientes, tais como problemas de limpeza e o excessivo aquecimento do ambiente interior, provocado pela reflexão do calor no vidro. Stuart Ross retoma o tema da escrita, recua ao tempo da guerra em que escrevia artigos para os jornais. «Uma novela exige imaginação, não sei se terei esse tipo de cabeça, razão porque me limito às coisas concretas». Tentou, uma única vez, a ficção com «One-way ticket» que fala de um clube imaginário situado em Nova Iorque. Os direitos do livro reverteram a favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

Rematámos a conversa com a crise do Golfo. «Embora discorde do programa social da senhora Tactcher, nos assuntos de política externa confio nela. Perante a invasão do Kuwait, acho que assumiu uma posição correcta e muito clara».

Na bifurcação que dá acesso à Casa da Paz, o artesão dos cestos já deixou a labuta. Apressamo-nos porque ainda nos espera a tarefa de encher as celhas de água para os banhos de imersão. Antes do sumo de maracujá, antes do jantar que é semelhante ao de ontem. Antes da chegada da lua cheia.

Lourdes Féria

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

Arquivo 7037

Processo 1/1858

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação entre os apoios 53 e 55 da linha aérea, a 30 kv, a Subestação de Almeirim e o apoio n.º 160 da linha para o PT APC 1, Alpiarça com 282 metros, na freguesia e concelho de Alpiarça, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALPIARÇA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Setembro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

DL — 19/9/90

QUOTIDIANO

Sem aprovação definitiva, a futura sala de entrada do País movimenta meio mundo. Até a CP projecta um ramal especial e ainda ninguém disse nada, oficialmente

Vila Franca já pensa no aeroporto da Ota



Daniel Branco quer a auto-estrada sem portagem até Vila Franca

Daniel Branco, o veterano presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, reuniu, ontem, os jornalistas no Centro Equestre da Lezíria. Toneladas de papel, dirigidas à Comunicação Social, sugeriam aos profissionais da Imprensa duas possibilidades. Assistir a uma pequena mas deliciosa demonstração das virtudes do cavalo lusitano, promovido em todo o mundo pelo mestre Luís Valença, ou ouvir o que a Câmara PC tinha para dizer.

Num cenário perfeitamente burguês - com jovens estrangeiras a aprender a arte de bem montar o nosso lusitano - Daniel Branco conseguiu ser o primeiro autarca a levantar problemas concretos sobre a construção, futura, do novo aeroporto internacional de Lisboa, que deverá vir a situar-se na Ota.

O autarca não escamoteou nenhuma questão e só faltava perguntar-lhe a data do batizado: a CREL, a Circular Regional Externa de Lisboa, projectada para ligar o seu concelho ao de Sintra, deve adquirir o estatuto de auto-estrada, em alguns troços (e como tal explorada comercialmente), enquanto a actual via rápida deverá livrar-se de portagem até Vila Franca.

Se, como disse, até a CP já anda interessada em construir, futuramente, ramais até à Ota, e se a construção civil na Azambula adquire, todos os dias, maiores dimensões, nada impede a Câmara Municipal de estar preocupada com o assunto.

Uma poluição poltizada

Como está, diga-se, em relação ao Tejo. Estranhamente, Daniel Branco falou primeiro da poluição relativamente aos produtores de arroz e disse mesmo que essa não era a questão essencial da poluição do rio. Só sob pressão dos jornalistas acabou por reconhecer que a central da EDP, no Carregado, tem responsabilidades, graves, na poluição do Tejo.

O autarca chegou a afirmar que o anterior secretário

Anabela Loureiro



Jovens estrangeiras vêm a Portugal aprender a lidar com cavalos

de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta, disse que essa central de energia não teria muitos mais anos de vida.

A seca na península Ibérica e as consequentes necessidades de retomar as fontes nacionais levaram à reactivação da central que, ao que tudo indica, larga poluição por todos os lados. Mas como as câmaras têm milhões de dívidas à EDP, o político não empolou o assunto.

Cavaco enganou-se no calendário

Se calhar não é por acaso que Daniel Branco é presidente da Câmara desde 1979. Para que se saiba, tanto convida profissionais de todos os jornais, para comer refeições do refeitório municipal, como sucedeu na «Feira do Melão», como os leva ao restaurante do Centro Equestre da Lezíria.

É um presidente de Câmara diferente até na forma como responde às perguntas sobre as intenções de alteração da lei eleitoral para as autárquicas: Cavaco Silva trocou os calendários depois de vir de férias em S. Tomé e não percebeu sequer que já caiu, por este motivo, no ridículo da opinião pública, se é que esta pode ser medida.

Em resumo, o que ficou claro em Vila Franca é que este assunto é prematuro e desatempado, o que não impede que a Associação Nacional de Municípios tenha convocado, para dia 25 do corrente, uma nova reunião em Coimbra.

O pior, são os grandes problemas da área metropolitana de Lisboa, que, apesar das muitas comissões e entidades responsáveis, permanecem à espera que o poder central lhes dê solução.

O «ovo de Colombo», de que Daniel Branco é um dos principais impulsionadores, é a Associação de Municípios da Área Metropolitana de Lisboa que começa a ganhar corpo para enfrentar, na prática, as grandes questões da região. Definições tão importantes como os percursos definitivos da Circular Regional Interna de Lisboa (CRIL) e da CREL estão por esclarecer, mesmo que alguns troços já tenham sido adjudicados sem concursos públicos, mas nada parece, em Vila Franca, esquecer as questões locais.

Uma cidade como as outras

Os nossos colegas da Imprensa e rádios locais não pouparam Daniel Branco às perguntas concretas e ele pareceu bastante mais embaraçado em dar-lhes resposta do que em despachar os jornalistas da capital.

Uma colega, assegurou-nos que não há, na área, casos tão polémicos como os de Taveira - apesar dos problemas de urbanismo levantados na ocasião - embora haja «muitos episódios» por esclarecer: passadeiras sobre a linha férrea, teatros fechados, urbanizações estranhas. Daniel Branco foi encostado à parede pelos jornalistas da terra, como é saudável.

Tantas questões polémicas quase nos induziam a omitir o local onde estivemos. No centro da Lezíria Grande nasce para a vida o lusitano, o cavalo do nosso orgulho equestre: mansinho, bonito e caro, como sabe o mestre Luís Valença Rodrigues que anda sempre numa roda viva a promovê-lo e vendê-lo, em nome de Portugal.

Ainda bem que foi em sua casa que a Câmara, comunista, nos acolheu. À volta de Lisboa, as mudanças são mais fáceis do que na capital, ao que parece.

Pereira Almeida



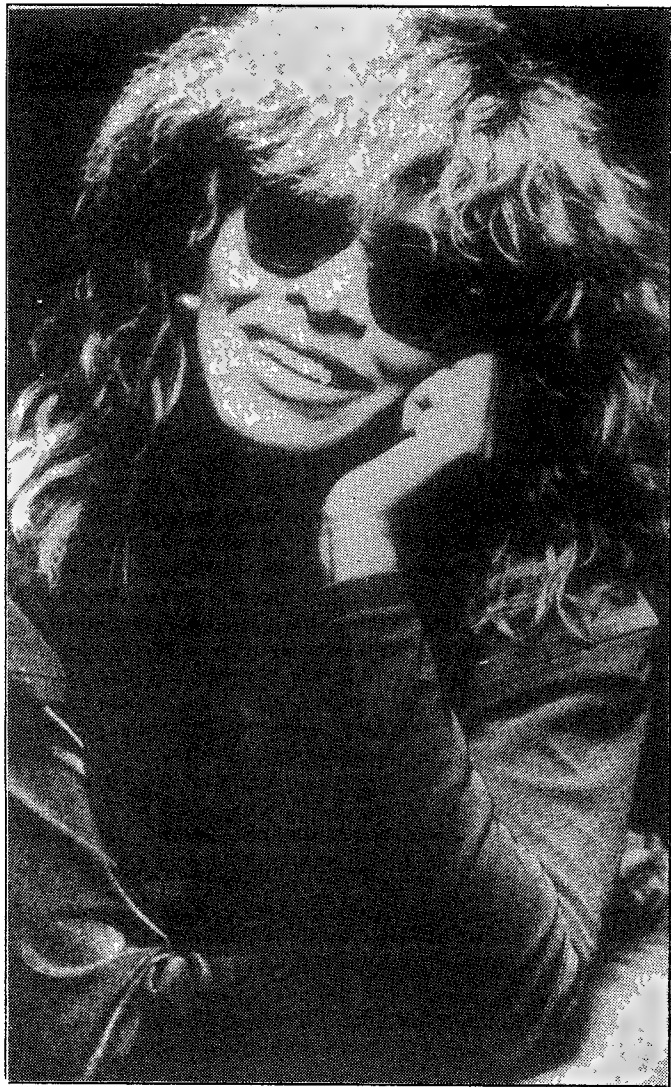
Anabela Loureiro

O lusitano mais caro do Mundo. Como só ele

CULTURA

Ernesto Sampaio
premiado

O prémio para a melhor reportagem na Imprensa escrita diária sobre o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (edição de 1989) foi atribuído a Ernesto Sampaio, nosso camarada de Redacção, pelo conjunto de crónicas insertas no DL sobre aquele certame cinematográfico.

Tina também
em Alvalade

O concerto que Tina Turner dará no próximo dia 29 de Setembro, em Lisboa, terá lugar no estádio José Alvalade. A artista será a terceira lenda viva do rock a actuar em Portugal, após os concertos dos Rolling Stones e de David Bowie. Integrado numa digressão europeia, o espectáculo tem o mesmo título que o último álbum da cantora - "Foreign Affair", e a duração de duas horas. Segundo afirma Tina Turner, esta tournée será a última e marcará a sua despedida dos palcos.

Com os trabalhos de renovação em bom andamento, o Teatro Variedades acaba de anunciar a estreia de «A Grande Festa» já para finais de Outubro e cujo elenco, para além de alguns consagrados, integra os cerca de vinte jovens apurados nas audições promovidas pela empresa

Uma aposta no futuro

No cumprimento da promessa feita há algum tempo pelos empresários, a velha sala do Parque Mayer encontra-se já com uma "cara" mais arranjadinha, porque como nova deverá ficar lá para o fim do próximo mês, coincidindo com a estreia da peça cujos ensaios formais já começaram.

Segundo Hélder Freire Costa e Vasco Morgado, só as obras - tanto exteriores como interiores - incluindo a renovação e aquisição de novos equipamentos de luz e som, estão orçados em cerca de 25 mil contos.

Em relação à peça a estreiar, «A Grande Festa», trata-se de um «ponto de encontro entre a revista à portuguesa, da melhor tradição, com a estrutura arrojada da moderna comédia musicada».

Acerca do elenco e dos autores bem como de outros detalhes relacionados com o espectáculo, falámos com Francisco Nicholson, que nele intervém simultaneamente em três frentes: como co-autor do texto, responsável pela encenação e ainda como actor. Começamos por lhe perguntar quem são e donde vêm aqueles vinte jovens saídos das audições e que agora integram o elenco.

«Bem, são estreadantes ou praticamente estreadantes, vindos de diversas áreas, uns do Conservatório, outros estiveram em grupos independentes, outros tinham feito colaborações em programas de televisão mas em teatro nunca tinham participado, outros fizeram o Centro Cultural de Benfica Cursos de teatro ou de dança, como vês a grande parte aparece aqui já com uma certa preparação, uma certa escola».

- Quem são as primeiras figuras - digamos assim - da nova peça do Variedades?

«A Florbela Queirós, o Henrique Santos, o Luís Aleluia, eu próprio, o Fernando Ferrão, ou seja os que já estavam no teatro há alguns "aninhos", e também o conhecido imitador João Canto e Castro. Depois há os jovens, a cuja colaboração damos toda a importância. Um papel de muito relevo será interpretado pela Paula Cruz, já conhecida da televisão, a Ana Luís e a Teresa Miguel também são jovens conhecidas pelos trabalhos que já fizeram, e depois há uma série igualmente com muito talento, que terão oportunidade de apresentar os seus méritos neste espectáculo».

- Como tem sido dito, «A



Os ensaios já começaram: empresários atentos, Krassman medita, Nicholson a postos

Grande Festa» é uma comédia musicada. Queres acrescentar algo mais?

«Digamos que é um ponto de confluência entre a comédia musicada e a revista. Talvez estejamos na zona onde acaba a revista e começa a comédia musicada, se isto é possível de se atingir. Concretamente, a acção da comédia musicada passa-se nos bastidores de um teatro de revista, onde a companhia se despede da peça em cartaz e já prepara a seguinte. Assim, quer-me parecer que as pessoas que gostam de revista vão ter quadros de revista, mas o que não há dúvida é que a estrutura é a de uma comédia musicada».

- Quem são os autores, do texto e da música, e também os outros responsáveis?

«Autores do texto, são o Gonçalves Preto, o Marcelino Mota e o Francisco Nicholson, da música Thilo Krassman, Carlos Alberto Moniz e Braga Santos. A coreógrafa é Magda Cardoso assistida por Isabel de Sousa. A realização e direcção plástica é dos irmãos Hernani e Rui Martins, figurinos do João Soutullo, maquetes de dois jovens, Carlos Matos e Catarina Amaro. E para completar, posso dizer que a encenação é minha».

Francisco Nicholson disse ainda ao DL que os ensaios iam mesmo começar a sério e falou depois sobre as obras a decorrer no teatro, que "terão" que ficar acabadas antes do fim de Outubro, data em que

«A Grande Festa» deverá estreiar. «Pelo menos é o que está previsto e para atingir esse objectivo estamos todos aqui a trabalhar».

Choque de gerações?

- Uma pergunta mais. Como encaras as relações entre os mais jovens e os actores experimentados como tu, como Florbela Queirós e como Henrique Santos?

«Olha, por um lado constato que nos nomes dos mais antigos constituem para os jovens referências muito importantes e, por outro, parece-me interessante o Henrique Santos, por exemplo, olhar para esta gente nova e não conhecer ninguém. Mas para satisfazer a tua curiosidade e naturalmente a dos teus leitores, dir-te-ei que isto há-de funcionar muito bem, que daqui a oito dias já todos nos conhecemos uns aos outros e a camaradagem e a amizade vão surgir naturalmente, o que será enriquecedor para ambas as partes. Os mais antigos têm para dar a experiência, enquanto os mais novos trazem com eles muita força, muita dinâmica, ao fim e ao cabo eu acho que um artista não tem idade, porque quando envelhece perdeu a sua época e os que aqui estão realmente são jovens, quer o Henrique, quer a Florbela, são os mais jovens possível».

- Gostava que me respondesses, ainda, se na tua qualidade de encenador admittes ter alguns problemas na

conciliação de estilos talvez tão diversificados, uma vez já ter percebido que a diferença de idades não vai constituir qualquer espécie de óbice.

«Não vai haver óbice nenhum, antes pelo contrário, acho que vai ser óptimo para todos».

- E agora sobre o texto, sobre o espectáculo no seu todo, queres dar uma opinião pessoal, o mais imparcial possível?

«Olha, nós neste momento estamos todos numa grande expectativa. Contudo, este é um espectáculo de grande êxito popular, estamos verdadeiramente a apostar num êxito popular. Não será um espectáculo elitista mas sim um espectáculo para o grande público que vem ao Parque Mayer, embora se pretenda que seja um espectáculo inovador, sem romper com coisa nenhuma, designadamente com as tradições da boa revista à portuguesa».

- Achas que com este estilo inovador é possível captar o público mais jovem?

«Estamos a apostar nisso, precisamente porque vamos ter aqui um espectáculo muito jovem, sobre todos os pontos de vista: tanto o texto, como a música, como as coreografias, como a expressão plástica apontam para isso. É um espectáculo muito moderno, com todos os ingredientes para ser de muito agrado e de muito impacto».

Rodríguez Borges



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

EDITOS

Arquivo 7037

Processo 1/1851

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 448/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 2 da linha para o PT STR 9, Amiais de Baixo e término no PT ACN 11 Malhou, entre o apoio de derivação e o apoio n.º 3, com 334 metros, na freguesia de Louriceira, concelho de Alcanena, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ALCANENA, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes editos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Setembro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL» - 19/9/90

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Reunião internacional da AICT em Lisboa (conclusão)

Portugal eleito por unanimidade para comité executivo dos críticos de teatro

A AICT/IATC faz coincidir o seu Congresso bial com a realização da Assembleia Geral para aprovação dos relatórios de actividades e de contas e para eleição do Comité Executivo, seu órgão de direcção.

A AG deste ano, efectuada na Sala 1 da Fundação Gulbenkian na tarde de sexta-feira, 14-09-1990, não decorreu tão passiva e burocraticamente como seria de esperar, em especial pelas divergências manifestadas pela delegação italiana, com Renzo Tian e Giorgio Ursini-Ursic, que reflectiram uma certa tensão entre essa delegação e as restantes, além do próprio CE. Para o comprovar basta referir o facto de a delegação italiana ter-se absterido na reeleição do presidente (John Elsom) e do secretário-geral (Georges Banu), e ainda o facto de a Itália só continuar no CE depois de uma eleição de desempate com o Brasil (ambos com 10 votos).

No entanto, esta AG da AICT/IATC teve aspectos extremamente ricos, de que lembrar o apoio que foi pública e claramente

expresso aos críticos de teatro da RDA, o que foi justificado pelo excelente trabalho que a respectiva Associação realizou ao longo dos anos, associação que agora vai ser extinta devido ao desaparecimento, como país, da RDA. Foi aliás em Lisboa que a Associação de Críticos de Teatro da RDA se manifestou pela última vez, em termos de reunião internacional, o que reforça o carácter histórico deste Congresso. No entanto, os críticos da RDA vão continuar ligados à AICT/IATC.

Outro facto relevante foi o da resolução, como o anterior por unanimidade, de manter o contacto com diversos países da América Latina e ainda da Islândia, apesar desses grupos terem deixado de pagar quotas e de contactar a AI desde há vários anos. É com certo orgulho que posso dizer que a Associação Portuguesa contribuiu para isso, alegando os laços que nos unem àqueles países latino-americanos, e oferecendo-se, como aliás o delegado do Brasil, para ajudar a retomar esses contactos.

Depois da reeleição de John Elsom e de Georges Banu, por braço no ar já que não havia outras propostas, e com a referida abstenção da Itália, procedeu-se à eleição por voto secreto referente aos países que constituiriam o novo comité executivo. A grande surpresa desta eleição ficou a dever-se ao facto de Portugal ter sido o único país a ser eleito por unanimidade (21 votos em 21 votantes). Além de Portugal, foram eleitos: Turquia, EUA, URSS, Coreia do Sul, Suécia, Polónia, França, Checoslováquia e Itália.

Maria Helena Serôdio

O delegado português no Comité Executivo da AICT/IATC será Maria Helena Serôdio, dos corpos gerentes da APTC. A sua eleição representa o reconhecimento das suas capacidades organizativas e de trabalho, da sua inteligência e cultura, do seu espírito de sacrifício e do seu inabalável sentido de ética, qualidades que tem manifestado ao longo da sua vida e exuberantemente demonstrou

na organização e realização deste Congresso.

Maria Helena Serôdio, com 42 anos de idade, desde há muito que manifesta grande interesse pelo estudo do teatro. A sua tese de doutoramento em Literatura Inglesa teve como tema «John Osborne e John Arden e a condição de representar um texto dramático». É actualmente professora associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pertence ao Conselho Editorial da revista «Vértice». Começou a escrever crítica de teatro em 1976, no extinto «O Diário», e é desde 1989 crítica de «O Jornal». É membro da APCT e dos seus corpos gerentes desde a fundação. Nessa qualidade participou, com a crítica Eugénia Vasques, no último Congresso da AICT/IATC que se realizou em Berlim Leste em 1987, assim como em encontros internacionais organizados pelas associações italiana e inglesa.

Carlos Porto

Palavras de Pedro Támen

Tanto se fala da crise do teatro que se poderia dizer que este Congresso é um congresso dos críticos da crise. Pelos menos, é grande a tentação do jogo de palavras. Mas, seja como for, é um congresso daqueles que, por função, são observadores e questionadores qualificados do fenómeno vivo da criação teatral no nosso mundo. Fenómeno vivo — isso ninguém o negará — e, portanto, realidade em mutação. É quem diz mutação diz crise, num sentido suficientemente lato e conciliatório que nos permite carregar a palavra ênfase positiva e optimista.

Está o crítico de teatro — como qualquer outro crítico — na posição desconfortável de quem está sentado entre duas cadeiras ou, melhor, como é óbvio, mas também na sua cadeira de amador, de apaixonado — e esta cadeira está já, não na sala, mas do lado no espaço cénico, no

espaço onde a verdade se joga. Ele tem assim, por um lado, de interrogar os criadores de teatro para os ajudar a melhor entenderem aquilo que fazem e, por conseguinte, melhor vislumbrarem o que farão no futuro; mas, por outro lado, é sua missão procurar entender o que os criadores vão fazendo. Numa posição de respeito e humildade de quem sabe que, como disse Novalis, «o que significa, os poetas o fundam».

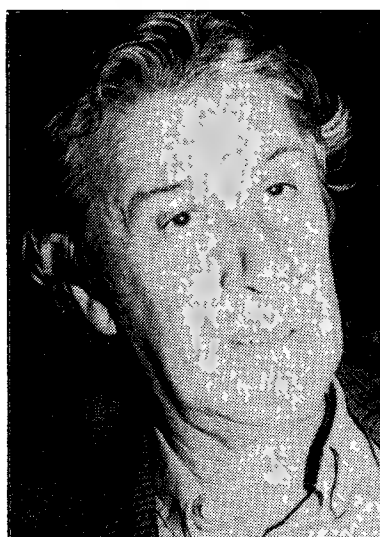
Isto é, os críticos, situados logicamente antes e depois do teatro, são gente que faz perguntas — aos criadores, a si mesmos, ao próprio teatro — para poderem dar respostas (ah, sempre falíveis, fragmentárias e provisórias!) ao mundo em que vivem.

E é porque interpelar o Real é fazer Cultura que os críticos de teatro, não sendo criadores de teatro, são criadores de Cultura. (...)

Pedro Támen

Lisboa, crise e liberdade

Congresso bianual da Associação Internacional de Críticos de Teatro, desta vez em Lisboa. Mais de meia centena de profissionais, representantes das associações nacionais — em Espanha não fomos capazes de organizá-la — vindos de meio mundo. E um clima novo, porque, como diz John Elsom, inglês e presidente da AICT/IATC, no largo túnel da guerra fria, os Congressos foram diálogos prudentes em liberdade, agora a liberdade está no centro. Que relação existe entre o teatro e a realidade? É a pergunta a que todos devemos responder. E, naturalmente, surgem de novo os anos de censura brutal e directa, nos quais o teatro, para além da sua condição de metáfora — posto que a arte transforma sempre a matéria visível para revelar as suas dimensões ocultas — foi, nos melhores casos, um esforço para expressar o que as censuras nos



José Monleón

permitiam. Como poderão entender muitas dessas obras azeles que não viveram as raízes das suas máscaras, das suas piscadelas de olho, dos seus códigos? E uns e outros falamos de uma série de obras que tiveram uma forte carga política no momento em que foram representadas e hoje, conquistada a liber-

dade, resultam obscuras ou ingénuas. O que levou mais de um crítico a colocar a pergunta — que outros rejeitamos — se a censura, o obstáculo, não será um estímulo para a criação, e se a arte e o teatro não se darão mal com a liberdade.

Curiosamente, nesta questão, a divisão de opiniões quase coincidiu com as diversas experiências históricas. Para os que sofremos a censura, a sua condenação é radical, pelo que pressupõe de abuso do poder, de agressão social e de fixação dos temas para os quais, por estarem proibidos, devemos descobrir o processo de os abordar. Eis o paradoxo: os totalitarismos com as suas proibições dirigem o nosso imaginário. Em contrapartida, para quem tem desfrutado de regimes democráticos, a censura é algo assim como a pobreza da qual, tradicionalmente surgiam magníficos toureiros. «Mais cornadas dá a fome...»

As mudanças na Europa foram, e definitivamente, o grande tema. Repetiu-se que este era o Congresso da Crise, e a palavra tem um eco positivo, já que se trata da crise dos dogmatismos, mesmo que logo surja o problema das formas de censura exercidas através das leis do mercado — quem define a procura? — e da aplicação do dinheiro público nos sistemas democráticos.

O importante é o sentimento de que a maioria das intervenções foram, por sua vez, fiéis ao espaço histórico de onde emergiram, e tendem para um espaço sem muros onde, pelo menos por algum tempo, o diálogo e a confrontação terão um sinal mais aberto, mais sincero, mais receptivo... Embora — e aí está o golfo Pérsico — não venham a faltar velhos e novos muros da economia, da política e do fanatismo que continuarão a tornar difícil falar entre mundos diferentes.

José Monleón (Inédito)



Pedro Támen

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS Processo 1/270

Arquivo 95-A
 Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, 518 metros, com origem no apoio n.º 12 da linha para o PT da Estação Elevatória de Águas do C.I.M. e término no PT da IAM — Indústria de Automóveis e Montagens, Ld.ª, na freguesia de Tróia, concelho de Abrantes, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Setembro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
 Director de Serviços

«DL» — 19/9/90

S.  R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS Processo 1/193

Arquivo 95-A
 Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 6(30) kV, com origem no PS SRD-1, Sardoal e término no PT SRD 14, Fonte da Estrada, com 1562 metros, na freguesia e concelho do Sardoal, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SARDOAL, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Setembro de 1990

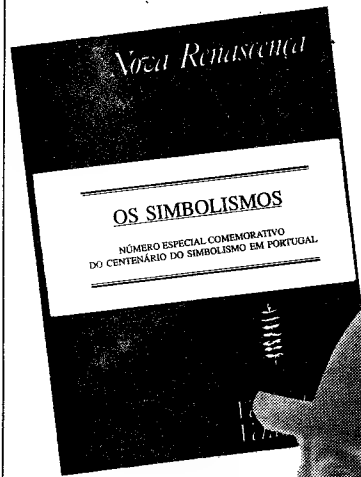
João Manuel F.C. Garcia
 Director de Serviços

«DL» — 19/9/90

CULTURA E ESPECTÁCULOS

«Nova Renascença» lança esta tarde um número especial

Simbolismo plural



As coisas são o que são e uma revista é o que é, mesmo se (como é o caso) sujeita a mote. O mote, desta vez, é o simbolismo e a ele dedica a «Nova Renascença» quatro números reunidos num só volume. E é este volume que hoje irá ser apresentado ao público, na Livraria Diário de Notícias, com a presença de José Augusto Seabra, nosso embaixador na Unesco e director literário da «Nova Renascença».

Disse-se atrás «simbolismo», mas de «simbolismos», no plural, se deveria ter dito. Porque? Porque, ao assinalar com este número quádruplo o centenário do Simbolismo em Portugal, a «Nova Renascença» foca o movimento numa perspectiva não isolacionista. Isto é, olha para o Simbolismo nas suas expressões portuguesa e internacional.

Mas esta abordagem pluralista tem ainda outra justificação: é que o Simbolismo não teve nunca (aqui ou alhures) uma homogeneidade estética que o tornasse singular, antes pelo contrário, como, desde logo, no prefácio da «Nova Renascença» se recorda.

De qualquer modo, ao passar os olhos (é o termo, confesse-se...) por esta edição, aquilo que parece ressaltar não é tanto a pluralidade do(s) Simbolismo(s), mas o modo algo fragmentado de o(s) abordar.

«Nova Renascença» admite que a este número especial outros se seguirão, daí que talvez, no futuro, surjam textos mais globalizantes que os ora publicados. É que, para já, em mais de 400 páginas, deparamos com mil e uma abordagens do Simbolismo (e dos simbolistas), mas raros serão os textos que vão além de um estudo na especialidade. E, no caso português, vários simbolistas estão em foco, de Eugénio de Castro a Camilo Pessanha, de António Patrício a Pessoa, de António Nobre a Mário de Sá-Carneiro.



Provavelmente, era mesmo este o propósito da «Nova Renascença»: não fazer a síntese, para prosseguir na análise. Se o propósito foi este, eis-nos perante um número perfeitamente conseguido. Um número precioso até, dada a importância dos artigos reunidos por «Nova Renascença», utilíssimos, decerto, para universitários e eruditos; não tanto, talvez, para os demais leitores, porventura interessados em algo de mais sólido que um conjunto de fragmentos.

Fragmento por fragmento, escolhe-se um, na circunstância o de autoria de José Augusto Seabra, sobre António Nobre e Mário de Sá-Carneiro, «entre dois exílios». Falando de exílios, se o do autor de «Lusitânia no Bairro Latino», nos surge como óbvio, sobretudo na sua assunção poética, já o mesmo não sucede

relativamente ao poeta de «Dispersão», para quem Paris era a sua cidade.

Ora, o mérito de José Augusto Seabra é precisamente o de chamar a atenção para o que, sendo menos óbvio, em Mário de Sá-Carneiro é talvez mais verdadeiro: a sua condição de exilado.

Um exilado um tanto especial, já que ao exílio de facto (em Paris, onde se suicidou), o poeta juntaria um outro exílio maior: o interior.

E se António Nobre, a caminho do exílio (por mar), dirá «Fronteira de água! Pirinéus de espuma!», Mário de Sá-Carneiro (em Paris) de Paris dirá diverso: «Derradeiro escudo / silêncio dos meus enganos». À nostalgia de um poeta sucedia o sentir dúplice do outro, o mesmo é dizer (como Seabra sublinha) que «entre dois exílios», se definia, em Portugal, o percurso do Simbolismo à Modernidade.

R. da S.



ESTA SEMANA NÃO PERÇA
Jornal de Letras, Artes e Ideias
José Carlos de Vasconcelos • Luís Almeida Martins



PRÉMIO CAMÕES PARA JOÃO CABRAL DE MELO NETO

■ TEXTOS DE ANTÓNIO RAMOS ROSA, FERNANDO J. B. MARTINHO, VASCO GRACA MOURA E VITOR AGUIAR E SILVA

■ POEMAS DO AUTOR

PÁGS. 8/10

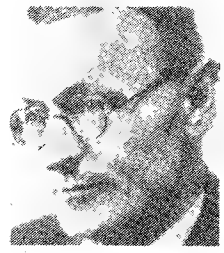
HERMAN HESSE: UM AUTOR PARA O NOSSO TEMPO

■ ENTREVISTA COM JOÃO BARREIRO POR MARIA TERESA HORTA

■ ENSAIO DE YVETTE CENTENO

■ POEMAS DO AUTOR

PÁGS. 14/15



MARIA ROMA A ESCRITA FELIZ

■ ENTREVISTA DE LUÍS ALMEIDA MARTINS

PÁGS. 6/7



DIAS DE MELO NA SOLIDÃO DAS LETRAS

■ ENTREVISTA DE JOSÉ JORGE LETRINA

PÁG. 11

Bob Wilson e Philip Glass no S.Carlos

Os norte-americanos Philip Glass, compositor, e Bob Wilson, encenador, iniciaram ontem em Lisboa os trabalhos de preparação da ópera «O Olhar do Corvo» sobre os Descobrimentos portugueses cuja estreia mundial está prevista para a primavera de 1992.

A criação da ópera «Trough the eye of the raven» resulta de um convite feito em 1989 pela comissão nacional para as comemorações dos Descobrimentos ao compositor Philip Glass para a criação de uma obra dramático-musical tendo os Descobrimentos por tema.

O compositor norte-americano propôs a co-autoria de Bob Wilson, um dos mais conhecidos encenadores mundiais, reatando uma colaboração que se iniciara nos anos 70 com a primeira ópera de Glass, «Einstein on the beach».

A ópera que está a ser preparada no S.Carlos conta com, para além dos seus criadores, quatro assistentes de Bob Wilson e a escritora Luisa Costa Gomes que trabalha com Ellen Hammer na concepção do libreto.

B R E V E S

Português evidencia-se em Marselha

Pedro Morais, 28 anos, representante de Portugal na área da banda desenhada na V Bienal dos Jovens Criadores da Europa do Mediterrâneo, obteve o quarto lugar num concurso subordinado ao tema «Transportes públicos em Marselha» - notícia a Lusa. O jovem português, que faz ilustrações para os jornais «Público», «O Independente» e «O Primeiro de Janeiro», entre outros, recebeu como prémio mil francos, cerca de 27 contos. Pedro Morais apresenta em Marselha três trabalhos: «Tintim no Porto», «Saxofonista Grego» e «Extremidade da imagem depois do deserto».

Polémica impede inauguração da galeria

A primeira galeria de arte em Paris consagrada aos artistas plásticos portugueses deveria ser inaugurada oficialmente ontem na capital francesa pelo embaixador português, Luís Gaspar da Silva. Entretanto, o secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes, delegou no conselheiro cultural da Embaixada Eduardo Prado Coelho, a qualidade de seu representante na cerimónia de inauguração. O embaixador português decidiu em consequência não presidir à cerimónia oficial da inauguração da galeria «Magellan» - afirma a Lusa. O conselho de administração da galeria considerando que a inauguração efectiva se devia realizar na presença do embaixador português decidiu adiar sine die a data da sua inauguração, acrescenta a Lusa. Entretanto, a inauguração da exposição do escultor Francisco Simões que marcava a abertura da galeria será mantida como previsto. A galeria «Magellan» destinada a promover em França as artes plásticas portuguesas é uma iniciativa de cinco empresas portuguesas radicadas em França. O seu conselho administrativo é presidido por Rogério Vieira, sendo o seu director artístico Francisco Lebre.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Apresentado
(fora
de competição)
no Festival de
Veneza, «Henry
e June», o filme
de Philip
Kaufman,
com Maria
de Medeiros,
já foi comprado
para Portugal.
Entretanto,
vai suscitando
algumas críticas
negativas
na Imprensa
internacional.
No sábado,
se o «El País»
dizia mal,
o «Le Monde»
dizia pior.
Como, no caso
do jornal
francês, a seguir
se pode ler

Um aborrecimento



Maria de Medeiros na pele de Anais Nin: olhos grandes, como aquários...

Se não fosse a admirável Uma Thurman, «Henry e June», de Philip Kaufman, estaria para a História Literária como as fotografias de David Hamilton estão para a Mulher: um olhar translúcido, excessivamente esteticista, etéreo até ao enjoo, desesperadamente soft.

Em 1931, Anais Nin tem 28 anos, está casada com Hugo e escreve o Diário que a irá tornar célebre. Hugo apresenta-lhe um jovem americano, escritor não publicado, Henry Miller, que se irá tornar o amigo, o confidente, o amante de Anais.

Miller (Fred Ward) é careca, malicioso, lúbrico e escreve como uma torrente. Não lhe é difícil desencaminhar a falsa púdica Anais (Maria de Medeiros), levando-a até os bares rascas, as casas de prostituição, as «boîtes» de lésbicas. E Anais abre os olhos, grandes como aquários, e descobre em si uma leve inclinação para as mulheres.

Quando aparece a primeira mulher de Miller — June (Uma Thurman) — uma loira espumante, Anais apaixonase por ela. E tem razões para isso.

Uma Thurman desempenha inteligentemente o papel da esposa fascinante que é capaz de levar Miller a escrever, permanecendo um mistério inesgotável aos olhos dos dois escritores-amantes. Não só: ela é ainda a crítica vigilante que Miller deveria ter ouvido mais do que ouviu.

Seja. Mas o mistério que nos interessa a nós é sobretudo compreender

como e porquê estes dois — Miller e Anais — escreviam livros que ainda hoje se lêem.

A escrita não passa facilmente para o ecrã. É pouco espectacular, sem dúvida, e acresce a isto o facto de ser necessário sentir de dentro a natureza deste trabalho.

O filme de Philip Kaufman fala-nos de um Paris com revéberos de luz à Magritte, enquanto *Monsieur e Madame* olham para duas raparigas que aprendem línguas estrangeiras ...num imenso leito.

Anais para Miller: «É belo o que tu escreves». Miller para Anais: «Tu também, minha querida, é forte». E, após isto, põem a sopa ao lume, deambulam pela cozinha, praguejam sobre estilos (sem os mostrar, como acontece, aliás, com o resto: e se eles não têm o mesmo estilo, porque não dar ao menos um exemplo, uma frase que seja sobre as diferenças que discutem?).

Mas o esilo, como o sexo, é neste filme apenas alusivo, ausente, fluido. Pérolas e clichés por entre a música: imagens belas, fruto de um trabalho cuidado que se sente ter havido.

O filme foi classificado X (o equivalente a pornográfico) pela muito puritana América. É lamentável, exagerado, idiota. E supérfluo: o aborrecimento é um censor muito mais severo.

Michel Braudeau

Serviço exclusivo «Le Monde» / «DL»
Tradução de Maria Otília Moreira

Televisão brasileira nasceu há 40 anos

«Se o Brasil não está preparado para a Televisão, trate de se adaptar, porque dentro de um ano eu inauguro outro canal», garantiu o jornalista e empresário Assis Chateaubriand aos que assistiam ao nascimento da televisão brasileira.

Chateaubriand falava, há 40 anos, na noite de 18 de Setembro de 1950, data do aparecimento no ar das primeiras imagens e do primeiro som da TV-TUP1, em São Paulo.

A pioneira TV-TUP1 foi nacionalizada pelo Governo de Brasília, anos depois da morte de «Chato» — nome por que era conhecido o seu fundador, entretanto naufragado em dívidas.

E, com o fim da PRF-3 difusora, primeira denominação desta estação de televisão, acabaram também quase todas as 28 estações de rádio, os 23 jornais e cerca de uma vintena de revistas que formavam o império dos «diários e emissoras associados».

Assis Chateaubriand sabia que brincava com o fogo quando, na noite inaugural da primeira TV do Brasil, anunciou aos perplexos convidados em São Paulo: «Vamos saudar a inauguração do mais subversivo instrumento de comunicação deste século».

O império jornalístico (e não só) que deixou aos herdeiros «condominados» ruiu após a sua morte, mas não por causa da televisão, cada vez mais vigorosa no Brasil.

Foi praticamente na véspera da inauguração da PRF-3 difusora que lembraram a Assis Chateaubriand que estava quase tudo pronto para a estreia, mas faltavam... televisores. Foi uma correria, mas rapidamente foram importados os primeiros 100 aparelhos, logo colocados estrategicamente nas principais lojas de São Paulo.

Em 1960, já havia 621 919 receptores de TV no Brasil, número que não cessou de aumentar: 4 250 404 em 1970, 14 142 924 em 1980 e mais de 25 milhões em 1990.

As estimativas sugerem que mais de 90 por cento dos 145 milhões de brasileiros acompanham diariamente os programas de televisão.

Além disso, o Brasil, que foi o 2.º país do mundo a implantar a televisão comercial, logo após os Estados Unidos, atingiu um requinte técnico que lhe confere o título de quarta maior rede mundial.

São 163 as estações geradoras de programas, os quais são retransmitidos por 4109 canais. E em todo o país existem cinco grandes redes de

TV.

A TV Globo, com 59 emissoras, abrange praticamente todo o território, o SBT (sistema brasileiro de TV) utiliza 45 emissoras e garante emitir para 90 por cento do Brasil, a Rede Bandeirantes reúne 41 emissoras, a Manchete mais 32 e o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (SINRED) está em 11 Estados com 11 emissoras de TV. Há ainda que contar com as emissoras independentes.

Os negócios que envolvem a televisão brasileira são naturalmente fabulosos, mas não há números concretos para os esclarecer.

Controvérsias são também as estimativas sobre os índices de audiência, embora algumas pesquisas possam ser consideradas razoáveis, nomeadamente a que acaba de ser divulgada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

Em São Paulo o programa de maior audiência, na última semana, foi a novela «Rainha da Sucata» (com uma audiência de 2 milhões em 324 mil espectadores), seguindo-se o «Jornal Nacional» e o bloco noticioso «São Paulo Já», todos da Rede Globo.

A rede vice-campeã de audiência foi o SBT, com o «Show de Calouros» (1 mil

hã e 102 mil espectadores), seguido de «Porta da Esperança» e «Corrida Maluca».

Em terceiro lugar nos índices de audiência está a Rede Manchete com a novela «Pantanal» (760 mil espectadores), «Documento Especial» e «Cinema Nacional».

O quarto lugar ficou para a Rede Bandeirantes, na qual dois jogos de futebol foram acompanhados por 740 mil e 322 mil telespectadores, enquanto a Record ocupava a quinta posição, com «Gigantes do Ring» (179 mil), «Jornal Record» e «Pronunciamento do Presidente Collor».

O sexto lugar foi da TV Gazeta: «Clip Trip» (musical, com 111 mil telespectadores de tarde e 76 mil de manhã) e «Curto Circuito».

A sétima estação de TV foi a cultura, que registou 88 mil telespectadores no programa de Jacques Costeau, 72 mil num programa inter-cidades e 60 mil com o «Planeta Terra».

Se lembrarmos que entre as sete emissoras de São Paulo a TV Cultura é a única do Governo, concluiremos que os telespectadores brasileiros preferem a televisão comercial (apesar dos anúncios) TV governamental, quase sempre pretenciosamente cultural.

João Alves das Neves
Serviço Lusa

CINEMA DE PARIS

Sonho ou realidade de «Bienvenue a Bord»

Filme original, bizarro, insólito, tal é o «Bienvenue a Bord» de Jean-Louis Leconte, que de diferentes maneiras deve ser lido e visto.

Filme de técnica bem clássica, em sua montagem, em seu ritmo, na neutralidade voluntária da sua fotografia, ele beneficia, porém, de um diálogo brilhantíssimo, ao mesmo tempo humorístico, sarcástico, ambíguo — e interpretado por dois actores populares em empregos não habituais: Jean Richard e Martin Lamotte.

Uma noite, em que o trânsito dificulta a entrada em Paris, um automobilista enervado revê a sua pobre história de escritor falhado, obrigado, pela mulher, a percorrer a província para vender dicionários. Subitamente, um vagabundo (Jean Richard) instala-se, quase de força a seu lado e fala, fala...

Irritado a princípio, o automobilista acaba por apreciar uma estranha companhia, pitoresca, efabulativa, sentenciosa, de curiosa cultura. De resto, em vão procura livrar-se dele, mesmo no decurso de uma breve aventura amorosa: fiel no posto, o vagabundo espera-o à saída do hotel. E é ele quem finalmente o abandona, procurando novos companheiros de viagem, a quem contar as suas histórias estranhas e suspeitas — por exemplo do piloto que caiu de onze mil metros num desastre em que todos morreram, menos ele. Ao espanto dos ouvintes, ele opõe uma resposta que é uma sentença: «Não tinha chegado a sua hora»...

Mas à sua própria história, que o filme abandona, opõe-se então a história do automobilista abandonado que, convencido já por ele da infidelidade de esposa, resolve abandonar esta, e ficar sozinho para escrever mais um dos seus romances medíocres, em que o vagabundo tem lugar.

Que vagabundo — ou qual a realidade deste, afinal? Simples reflexo da imaginação e dos fantasmas do escritor, no seu desespero? Desaparecido ele, num acaso de estrada correspondente àquele que lho trouxera a bordo do automóvel, o escritor fica sozinho — ou estava sozinho... Ao espectador de decidir a realidade da história contada...

H. Galy-Carles

DESPORTO



Foi assim que Litos gelou as bancadas

Taça UEFA: Sporting, 1-Malines, 0

Balizas «encolhidas»

O Sporting merecia partir para a Bélgica com bagagem mais recheada de golos, mas por ineficácia uma vez e precipitação outras, os seus avançados resolveram enervar a plateia e escutaram alguns «piropos» a que ultimamente não estavam habituados. Diga-se, em obediência à verdade, que aquele gigantesco belga chamado Preud'Homme teve igualmente larga parcela de culpas no cartório. Porque defendeu remates com a «chancela» de golo (nem o «penalty» marcado por Litos ele deixou converter) e teve arte e engenho para «encurtar» a largura das balizas. Na verdade, para os avançados «leóninos», as redes confiadas à guarda do n.º 1 belga, pareciam balizas do hóquei em patins, tantos foram os remates dirigidos para cima ou para os lados e os que Gomes, Cadete, Careva ou Carlos Xavier ensaiaram com pontaria acertada, encontravam Preud'Homme no local exato.

Um-zero é resultado escasso para que Marinho Peres e seus comandados sigam para a Bélgica em viagem turística e a avaliar pela forma como jogaram e lutaram os pupilos de Van Hoof, as hipóteses de continuidade na competição terão que ser repartidas. Em valia técnica os «leões» são inquestionavelmente superiores e mostraram-no ontem ao vas-

to auditório de 70 mil pessoas presentes nas molhadinhas bancadas de Alvalade, mas os belgas valem pela velocidade, pelo sentido de marcação, pelo vigor físico-atlético, pela disciplina tática, pelo colectivismo e por outras mais virtudes indispensáveis no desporto de alta competição.

Por tudo isso que ontem observámos, está reduzido o optimismo que ainda ontem aqui enaltecíamos. Ainda assim, somos dos que sonham com a convicção de que Carlos Xavier, Venâncio, Douglas, Cadete, Fernando Gomes, Careca e demais parceiros do símbolo «leão», reúnem potencialidades bastantes para regressar da Bélgica com «ordem» para Sousa Sintra estar presente no sorteio da eliminatória seguinte.

Não jogou bem o Sporting e para isso terá contribuído o facto de Litos ter telegrafado o «chuto» da grande penalidade ao seu opositor das redes contrárias, quando o relógio marcava 26 minutos de jogo. O granito das bancadas gelou. O estado psíquico e psicológico dos jogadores baixou. Os «Malines» reforçaram o ânimo. Depois, bem depois foi o desbobina de um estilo de futebol algo primitivo com os belgas a montarem um forte dique a meio-campo impedindo o desbobinar dos lances girados por Douglas, Litos,

Oceano, Luisinho (que bem jogou) e evitando a progressão dos «arietes» Gomes, Careca e Cadete. Remates a esmo mas sempre com a alça erguida e mal regulada ou tendo como alvo as pernas de Albert (implacável na marcação a Gomes) Sanders, Emmers (muito durinho este n.º 3) ou Bogers ou tendo como destino as mãos do seguro Preud'Homme. Nervos em excesso. Dentro do recinto e em redor do dito. Nem o tempo ia ajudando já que a chuva, a cair com alguma intensidade, tornava o «tapete» em condições propícias à equipa mais possante, prejudicando o desenvolvimento artístico da turma formada por técnicos de superior bitola.

Ivkovic em noite de folga

Para que o leitor tenha uma

ideia mais ou menos rigorosa de como evoluíram as equipas, bastará dizer que Preud'Homme foi o melhor elemento em presença executando defesas que o creditam como um dos mais credenciados especialistas mundiais e Ivkovic, apenas no minuto 76, foi chamado a reparar das suas credenciais para negar a Eykelkamp o prazer de empatar a partida.

Como citações individuais (e já referimos a «menção honrosa» que outorgamos a Luisinho), Carlos Xavier, Oceano, Douglas, Gomes e Cadete justificaram «nota alta», enquanto pelo belgas e para além de Preud'Homme (20 valores), saliências para Albert, Sanders, Versavel e de Wilde.

Que dizer do árbitro escocês Hope Clarskton? Deu aula.

Alves Henriques

Remate certo de Cadete

Jogo no Estádio José de Alvalade. **Árbitro:** Hope Clarkston (Escócia), auxiliado por Carl Luke Morrison e Elgin McDonald. **Cartão amarelo:** Ingesson (19 m), De Wilde (20 m), M. Emmers (61 m), Douglas (65 m).

SPORTING: Ivkovic; Carlos Xavier, Venâncio, Luisinho e Leal; Litos, Oceano, Douglas e Careca; Cadete e Gomes.

Substituições: Filipe entrou para o lugar de Careca, aos 81 minutos.

MALINES: Preud'Homme; Sanders, Albert, Bogers e M. Emmers; Ingesson, Bruno Versavel, Wilmots e De Wilde; Severeys e Eykelkamp.

Substituições: Patrik Versavel entrou para o lugar de Severeys, aos 80 minutos.

Marcador: Cadete (36 m).

Os nossos jogos

Porto-Portadown Bonfim e RTP (18 horas)

FC PORTO — Vítor Baía; João Pinto, Geraldão, Aloísio e Branco; Semedo, Kiki, Kostadinov (ou Madjer) e Jorge Couto; Domingos e Paille.

PORTADOWN — Keenan; Major, Strain, Stewart e Curless; Fraser, McCreadie, Doolin e Cunningham; Cowan e Magee.

Fenerbahce-Guimarães Besiktas (18 horas)

Jogo no Estádio İnönü, do Besiktas, a contar para a 1.ª mão da 1.ª eliminatória da Taça UEFA. **Árbitro:** Ivan Gregor (Checoslováquia).

FENERBAHCE — Schumacher; Erdi, Ercan, Gookhan e Semih; Ismail, Oguz, Senol I (Turhan); Hakan, Vokri e Aykut. **V. GUIMARÃES** — Jesus; Jorge, Alberto, Bene, Germano e Basílio; N'Dinga, João Batista, Soeiro e M'Bouh; Chiquinho.

Estrela-Neuchatel Amadora e RTP (21 e 30)

ESTRELA — Vital, Rui Neves, Duílio, Valério e Dimas; Agatão, Miranda e Paulo Bento; Abel Campos, Ricky e Baroti.

NEUCHATEL — Marco Pascolo; Régis Rothenbuhler, Peter Lonn, André Egli e Walter Fernandez; José Maria, Didier Gigon e Philippe Perret; Frédéric Chassot, Best Sutter e Christophe Bonvin.

Roma-Benfica Roma (19 e 30) RTP (23 h)

ROMA — Zinotti (Peruzzi); Gerolin, Comi, Aldair, Berthold e Nela; Desideri, Gianini e Salsano, Voeller e Carnevale.

BENFICA: Silvino; José Carlos, Veloso, William e Schwartz; Paneira, Sousa, Valdo e Thern; Isáfas e Rui Águas.

No banco irão, provavelmente, estar: Neno, Samuel, Pacheco, Lima e César Brito enquanto Fernando Mendes, Paulo Madeira e Sanchez deverão ser remetidos para as bancadas.

Programa do dia

Taça dos Campeões Europeus

- Estrela Vermelha (Jug)-Grasshoppers (Suiç)
 - Olympique Marseille (Fra)-Dinamo Tirana (Alb)
 - FC Tirol (Aust)-Kuusysi Lathi (Finl)
 - Lillestroom (Nor)-FC Brugge (Bel)
 - Sparta Praga (Chec)-Spartak (URSS)
 - Nápoles (Ita)-Ujpest Dozsa (Hung)
 - Malmoe (Sue)-Besiktas Istambul (Turq)
 - Dinamo Bucareste (Rom)-St. Patrick (Eire)
 - US Luxemburgo (Lux)-Dinamo Dresden (RDA)
 - FC Porto (Port)-Portadown FC (Irl. Norte)
 - Odense BK (Din)-Real Madrid (Esp) 1-4
 - Lech Pozan (Pol)-Panathinaikos (Gre)
 - Glasgow Rangers (Esc)-La Valetta (Malta)
 - FC Bayern Munchen (RFA)-Apoel (Chipre)
 - Knattspyrnufelag Akureyar (Isl)-CSKA (Bulg)
- O AC Milan, actual detentor do troféu está isento da 1.ª eliminatória.

Taça dos Vencedores das Taças

- Sliema (Malta)-Dukla de Praga (Checoslováquia) 1-2
- Swift Hesperange (Lux)-Légia (Polónia)
- Trabzonspor (Turq)-FC Barcelona (Esp)
- Viking Stavanger (Nor)-FC Liège (Bel)
- FC Silven (Bulg)-Juventus Torino (Ita)
- Manchester United FC (Ingl)-Pecsi (Hung)
- Dinamo Kiev (URSS)-Kuopion (Finl)
- Schwerin (RDA)-Austria Viena (Aust)
- Dukla Praga (Chec)-Sliema (Malta)
- FC Famagusta (Chip)-Aberdeen FC (Esc)
- Montpellier (Fra)-PSV Eindhoven (Hol)
- Flamurtari Vlora (Alb)-Olimpiakos Pireu (Gre)
- FC Glentoran (Irl. Norte)-Steaua (Rom)
- Wrexham (Gales)-Lyngby (Dinamarca)
- Estrela Amadora (Port)-Neuchâtel (Suiça)
- Fram Reykavik (Isl)-Djurgardens (Sue)
- FC Kaiserslautern (RFA)-Sampdoria (Ita)

Taça UEFA

- Brondby (Din)-Eintracht Frankfurt (RFA)
- Dnepr Dnepropetrovsk (URSS)-Hearts (Esc)
- Vitesse (Hol)-Derry City FC (Eire)
- MTK Budapest (Hung)-FC Luzern (Sui)
- IFK Norrköping (Sue)-1 FC Köln (RFA)
- Hafnarfjardar FH (Isl)-Dundee United (Esc)
- FC Antwerp (Bel)-Ferencváros (Hung)
- Zagłębie Lubi (Pol)-Bologna (Ita)
- IFK Göteborg (Sue)-Torpedo (URSS)
- Aston Villa FC (Ingl)-Banik Ostrava (Chec)
- FC Magdeburg (RDA)-Rodavaniemi (Finl)
- Vejle BK (Din)-Admira Wacker (Aust)
- Bayer Leverkusen (RFA)-FC Twente (Hol)
- Tchern Odessa (URSS)-Rosenborg (Nor)
- Katowice (Pol)-Turun Palloseura (Finl)
- Iraklis Salonica (Gre)-Valencia (Esp)
- RSC Anderlecht (Bel)-Petrolul (Rom)
- Atalanta Bergamo (Ita)-Dinamo Zagreb (Jug)
- Slavia Sofia (Bulg)-Omonia Nicósia (Chip)
- AS Roma (Ita)-SL Benfica (Port)
- Sevilha FC (Esp)-PAOK (Gre)
- Partizan (Alb)-Universitatea Craiova (Rom)
- Atlético Madrid (Esp)-Timisoara (Rom)
- Rapid Viena (Aust)-FC Internazionale (Ita)
- Fenerbahce (Turq)-Vitoria Sport Clube (Port)
- Sporting (Portugal)-Malines (Bélgica) 1-0
- Roda (Holanda)-Mónaco (França) 1-3
- Avenir (Luxemburgo)-Inter Bratislava (Checoslováquia) 2-1
- Hibernians (Malta)-Partizan Belgrado (Jugoslávia) 0-3
- Glenavon (Irlanda do Norte)-Bordéus (França) 0-0
- Borussia Dortmund (RFA)-Chemnitz (RDA) 2-0
- Hafnarfjardur (Islândia)-Dundee United (Escócia) 1-2

Os encontros da segunda mão disputam-se no dia 3 de Outubro.



Gomes e Cadete no «colete de forças»

DESPORTO

Benfica: Capitólio ou Quirinal?

Neves de Sousa
Enviado especial

ROMA — Chegou o dia. Benfica: glória renovada, louros e ovações? Ou, pelo contrário, a multidão de colegas para o solo e, no circo romano, o clube português passando a ficar encurralado até à decisão na Luz? Na visão italiana: louros no Capitólio ou masmorras no Quirinal?

Nada de exageros, não comunguemos com os mais frenéticos apaixonados pelo futebol, pois o jogo de hoje, tal como todos os duelos vividos no campo desportivo, devem apenas ser contemplados como simples motivação para permanente festa, razão (e motivo) para convívio, concórdia e beleza estética, logicamente tocada na sensibilidade do espectador em função do peso administrativo pelas vedetas do seu olhar ou do seu coração.

E, esta noite, vai acontecer um simples jogo de futebol, que não pode ser dramatizado, não estar rodeado de pieguices ou chauvinismos, antes imbuído da curiosidade em saber-se se o fraquíssimo espelho da selecção que esteve em Helsínquia é a imagem da validade do autêntico futebol português. E não será (certamente) embora o 1.º «round» ante a opinião pública, desempenhado pelo Sporting frente aos belgas do Malines esteja longe de ter animado os portugueses que, em Roma, seguiram a par e passo, através de relatos radiofónicos, o falhanço de Litos na cobrança de uma grande penalidade e a continuidade do pouco acerto leonino na rede fronteiria depois do solitário tento de Cadete. Será que a magra vantagem dos alunos de Marinho Peres chegará para Alvalade prosseguir com jornadas europeias?

A ver vamos. Só o que não se viu por cá foi a anunciada transmissão pela Tele-Montecarlo, com os locutores da potente estação explicando durante toda a tarde que o diálogo em Lisboa não seria apresentado a grande fátia da Europa (emigrantes portugueses incluídos) porque a direcção do Sporting exorbitara na pretensão de «cachet» e, assim, Altafini e outro colega comentador, que estavam escalados para Lisboa, zarpavam imediatamente para a Dinamarca, para o Odense-Real Madrid que (afinal) todos vimos com certo regalo mas de ouvido encostado a Portugal.

Foi pena: uma vez mais um clube lusitano (no caso o Sporting) não compreendeu que, facilitando a sua projecção, ganhava mais amigos, enriquecia o «cachet» para compromissos «ao vivo» e ajudava a divulgar os integrantes no seu «team» que (porventura) ainda não têm o nome popularizado fora da casa lusitana.

O que (pelo contrário) acontece com a esmagadora maioria dos futebolistas do Benfica pois, para além de estarem acreditados para o Estádio Olímpico de Roma cerca de 250 jornalistas, garantidas transmissões televisivas ou radiofónicas para diversos países ainda os mais prestigiados órgãos da Imprensa desportiva do velho continente (desde o «L'Equipe» à «Gazzetta dello Sport») não se cansaram, desde 2.ª-feira, de dedicar largo espaço a tudo o que rodeava o Roma-Benfica, com reportagens, entrevistas e fotos em que os artistas desta noite são colocados nos píncaros da lua, tanto italianos como portugueses recheados de «estrelas» do mais apaixonante jogo desportivo de conjunto.

Isaías já é português

Bem: cada qual sabe as linhas em que deve carrilar o seu comportamento e o Benfica (dentro da regra habitual) reuniu ontem a direcção com os jornalistas, num almoço que teve lugar no ninho da águia, a 44 quilómetros da capital italiana. Trocaram-se saudações, escutaram-se palavras bonitas e viveu-se um clima de confraternização vincado pela oração do presidente João Santos a que, por delegação de uma vintena de colegas, respondeu o enviado do «Diário de Lisboa» focando a perfeita identidade entre os direitos e deveres de uma colectividade desportiva para com os jornalistas e a obrigação e implícita reciprocidade que é exigida a quantos labutam no campo da lealdade.

E porque os dirigentes do emblema rubro não guardam notícias na gaveta, Gaspar Ramos e Luís Tadeu divulgaram que a nacionalidade portuguesa para Isaías já está assinada pelas entidades governamentais e que assim (porque William também é luso-brasileiro, o Benfica passa apenas a ter quatro estrangeiros no seu futebol de 1.º plano: Thern, Sanchez, Schwarz e Magnusson, o que impossibilita próximos competidores

no campeonato nacional criarem mais problemas aos vários conselhos federativos.

Benfica no Brasil

Simultaneamente, ficou a saber-se que o «onze» da Luz foi convidado para (opápara e generosamente bem remunerado) estar presente num torneio que, em Janeiro ou Fevereiro, terá lugar no Rio de Janeiro e irá substituir o agora desaparecido Grande Prémio do Brasil, em Fórmula Um. A proposta feita aos benfiquistas emanou do governo carioca e é idêntica à apresentada ao Milão e ao Bayern de Munique, que vão reunir-se ao Vasco da Gama, Flamengo e São Paulo ou Corinthians, um leque precioso de emblemas de elevado prestígio mundial.

Isto é o que se pode divulgar, mas o mais importante ainda está no segredo dos deuses pois, a esta hora, ninguém sabe a expressão que vai ficar no Estádio Olímpico de Roma quando o árbitro suíço Aron Schmidhuber der por terminado o diálogo lusitano que, na opinião dos companheiros desta cidade, é desesperada tentativa oferecida ao Roma e ao seu técnico Ottávio Bianchi para imediatamente salvar a honra de uma equipa super-milionária, que entrou a temporada de rompante mas acaba de ser baleada e colocada KO, ao sofrer o 3-0 de um Génova de fraca cotação. Bianchi diz a todos os ventos a mesma coisa:

— O importante é não sofrer hoje qualquer golo. Vamos jogar toda a época internacional!

Não se abre em relação a quem vai colocar no tapete verde, mas a opinião geral não vacila:

— O Roma terá uma defesa inêdita, obrigada após falhanço em Génova.

Então, debruçando-nos sobre a girândola de hipóteses, teremos o edifício romano erguido do modo seguinte: Zinetti (ou Peruzzi); Comi (libero); Aldair e Berthold (centrais de marcação); Gerolin e Nela como defesas laterais (respectivamente à direita e esquerda), meio campo com Desideri, Giannini e Salsano, Voeller como ponta-de-lança e Carnevale funcionando como extremo, descendo alternadamente pelas alas do terreno.

Portanto, acredita-se que Carboni será excluído do grupo preferido, o mesmo podendo acontecer a Tempestilli e Piacenti, que o presidente Dino Viola censurou asperamen-



Silvino: para ele toda a confiança

te pela deficiente forma em que se encontram. Afinal, um Roma que, no entender de Toni (que foi «espião» em Génova) «pressionou quase sempre e está ferido no seu orgulho. Um Roma que tem, como grande figura defensiva Berthold e, para serem obrigatoriamente travados nas progressões, Voeller, Giannini, Carnevale e Desideri. Um Roma que pode subitamente surgir com dois pontas-de-lança mas que me pareceu equipa menos forte em termos defensivos».

Quanto ao Benfica, tudo na mesma: a dúvida maior centra-se em Rui Águas, embora dê a ideia de estar preparado para entrar em acção. Fazem bastante falta unidades vitais (o castigado Ricardo e os lesionados Hernâni e Magnusson) mas talvez não seja pura ousadia apostar num «team» com esta configuração inicial: Silvino; José Carlos, Veloso, William e Schwarz; Vítor Paneira, Sousa, Valdo e Thern; Isaías e Rui Águas, ficando no banco (e às imedia-

«Mundial», a vitoriosa «squadra» germânica. Teremos hoje de agradecer a continuidade?

Provavelmente, nunca o jornalista francês Gabriel Hanot, idealizador das provas uefeiras, imaginou as fortunas que iriam movimentar-se na absoluta concretização dos seus sonhos, tantos os milhões de adeptos do futebol que vibram com os grandes duelos que ficam no cartaz e atraem aos melhores estádios toda a sorte de figuras conhecidas. E, esta noite, no Olímpico de Roma, englobados por 80 mil «tiffosi» italianos, lá teremos portugueses como o Ramiro, do Restaurante Aleixo (presidente da Casa do Benfica no Porto) ou Delano Vieira, o brasileiro-português que o bem saudoso Otto Glória lançou na alta roda do futebol mundial, tem estado muito ligado aos melhores êxitos portistas mas que, aqui em Roma, vai fazer «toda a força possível pelo sucesso do Benfica na eliminatória. O clube e a equipa, o próprio desporto português, merecem essa vitória», como nos diz esse homem cheio de facetas de sabor diferente que não comenta (positiva ou negativamente) a mais contundente afirmação do dirigente benfiquista Gaspar Ramos, ontem proferida perante a Comunicação Social aqui representada:

— Em Portugal, no campeonato, o público está a fugir dos estádios porque muitos jogos andam a ser realizados em diferido. Antes de começarem, mal se sabem quem são os árbitros, logo se conhecem os resultados que vão acontecer!

Uma coisa difícil de suceder esta noite, em Roma: nenhum dos vários árbitros que andam muito criticamente na boca do nosso pagode é o juiz no Olímpico italiano. Por isso lá vamos, todos fazendo apostas, a caminho do grande espectáculo.

B R E V E S

Vicini em queda livre

O seleccionador italiano de futebol, Azeoglio Vicini, sofreu uma queda na sua casa e Cesena, partindo um pé e fracturando algumas costelas.

Schiavio: a morte aos 85 anos

O antigo avançado do futebol italiano Ângelo Schiavio, autor, em 1934, do golo que deu o primeiro título mundial à selecção transalpina, faleceu no Hospital de Bolonha.

Schiavio que contava 85 anos de idade foi o autor do segundo golo no triunfo italiano sobre a Checoslováquia (2-1), em 1934, na final do campeonato do Mundial.



TEMOS PARA VENDA

EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS
COM PROJECTO APROVADO — EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE AOS MELHORES PREÇOS

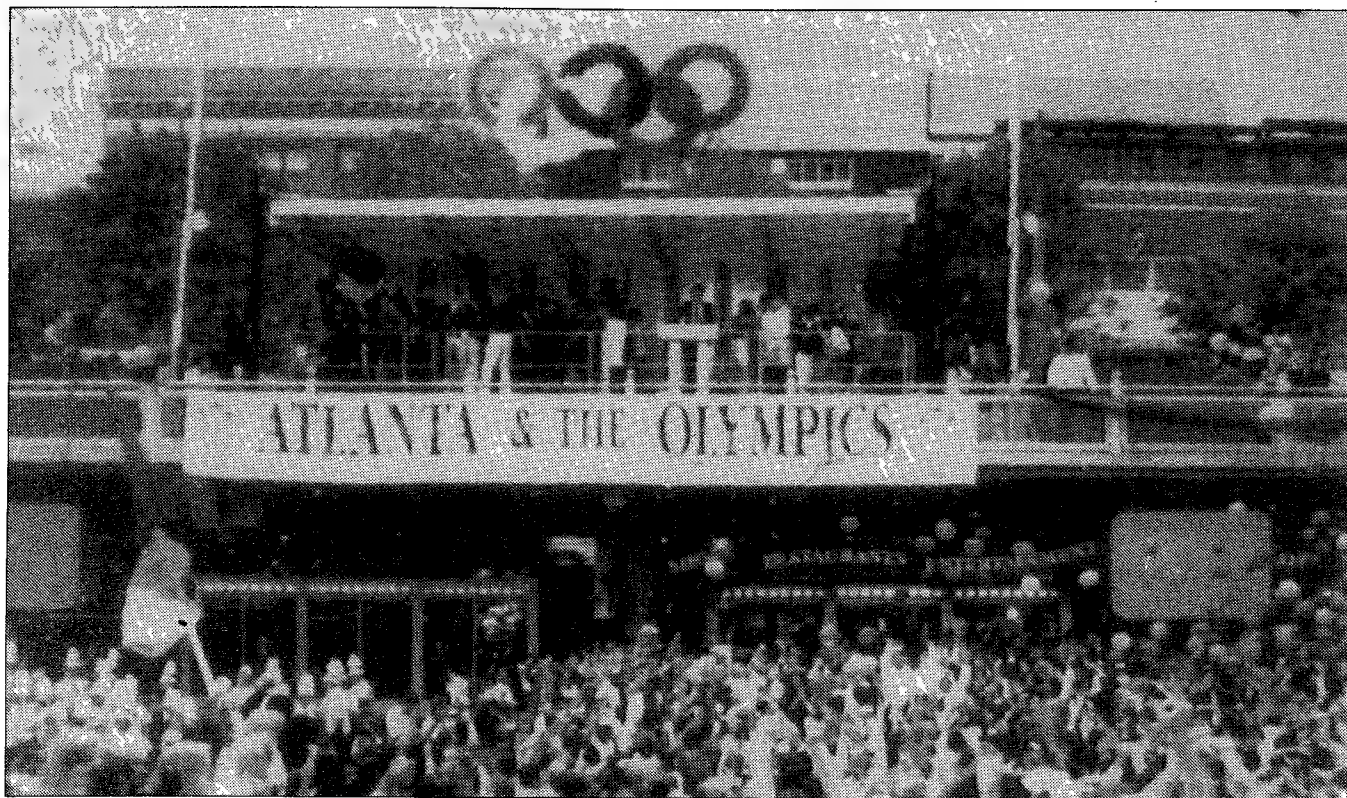
HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS

CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARHOTÉIS

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, r/c, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telex: (01) 274 42 36 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL

DESPORTO



Euforia na Jórgia

Constituiu grande decepção para o povo grego o facto do Comité Olímpico Internacional ter preterido Atenas a Atlanta para os «JO-96»

Atlanta: palco dos Jogos Olímpicos

Uma gravação em vídeo, com um apelo do presidente George Bush, contribuiu para a escolha da cidade de Atlanta como sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 1996, eleita pela Comissão Executiva do Comité Olímpico Internacional.

Atlanta foi uma das últimas cidades a apresentar a sua candidatura à Olimpíada, mas nos últimos meses passou a ser uma das favoritas, depois da Comissão Executiva do COI considerar de «excelente nível» os estádios, projectos, organização, hotéis e todas as infra-estruturas.

A candidatura de Atlanta recebeu um forte incentivo, com a gravação em vídeo do presidente George Bush, intercedendo pela designação da

cidade como sede dos Jogos. A presença de Bush, durante dois minutos, no vídeo de apresentação da candidatura, impressionou os membros do Comité Olímpico, muito mais do que a defesa pessoal de Atenas, pelo primeiro-ministro Constantinos Mitsotakis.

Os membros do COI tiveram também em consideração o compromisso do presidente dos Estados Unidos, que se lhes dirigiu em mensagem gravada na Casa Branca, onde garante o apoio do seu governo à candidatura de Atlanta.

«Estamos sensibilizados pela alegria e orgulhosos pela nossa equipa, e afirmamos o nosso propósito de marcar o centenário dos Jogos Olímpicos da era moderna organi-

zando os maiores Jogos de sempre», afirmou o «mayor» de Atlanta, Maynard Jackson, após a assinatura do contrato.

Os Jogos Olímpicos de Verão vão realizar-se pela quarta vez nos Estados Unidos. Antes decorreram em St. Louis em 1904, e Los Angeles em 1932 e 1984.

Foi anunciado há uma semana que o Movimento Olímpico pretende contabilizar 1,84 biliões de dólares (258 milhões de contos) até 1992, o que não é considerado mau para uma organização que nasceu há cerca de dez anos.

Contando com sólidas infra-estruturas, construídas ou a construir, uma impecável rede de hotéis, e promessas de evolução de novos projectos de várias comissões, a Comis-

são Executiva do COI decidiu atribuir a organização a Atlanta.

Conhecida pela cidade de «E Tudo o Vento Levou», Atlanta contou também com um elemento de peso na sua escolha: é o quartel-general da Coca-Cola, um dos maiores patrocinadores olímpicos, sendo também a «sede» do futebol americano, e de famosas equipas de «baseball» e basquetebol.

Atlanta, capital do Estado da Georgia, é prestigiada pelas suas universidades, sendo o centro dos movimentos norte-americanos dos direitos civis. É uma das treze primitivas colónias norte-americanas, localizando-se 350 metros acima do nível do mar.

B R E V E S

Sicasal na Volta a Rioja

Os ciclistas portugueses da Sicasal concluíram a primeira etapa da Volta a Rioja em bicicleta integrados no pelotão, e com o mesmo tempo do vencedor, o holandês Dick Dekker, da Artiach.

Dekker, que disputou este ano a Volta a Portugal integrado na Royal, venceu ao «sprint», gastando 3 horas, 46 minutos e 03 segundos nos 151 quilómetros entre Logroño e Santo Domingo de La Calzada.

Tacada dos «milhões»

O australiano Greg Norman comanda a Ordem de Mérito da Associação dos Profissionais de Golfe Norte-Americana, com uma receita de 907 977 dólares (127 mil contos) em prémios oficiais.

Após os torneios disputados no último fim-de-semana, Norman manteve o primeiro lugar no Circuito Norte-Americano, seguido de Payne Stewart com 826 063 dólares e Wayne Levi, com 772 397.

O primeiro europeu na classificação é o inglês Nick Faldo, em 28.º lugar, com uma receita de 345 262 dólares, seguido do espanhol José Maria Olazabal, com 337 837 dólares.

Meninas do Casa Pia na alta roda europeia

Mónica Salgado, Maria Alexandra e a nossa companheira de trabalho Olga Meneses, serão as representantes do Casa Pia Atlético Clube que, no próximo sábado, pelas 18 horas, irão defrontar as tenistas espanholas do Epic Casino Terasa, na 1.ª «mão» da Taça dos Campeões Europeus de Ténis de Mesa, em confronto que ocorrerá no Pavilhão Januário Barreto, em Lisboa.



Em cima: Mónica Salgado, o treinador Carlos Neves e o seccionista Manuel Rocha. Em baixo: Maria Alexandre e Olga Meneses

Basquetebol: torneio «Casino da Figueira»

Velhinho de 95 anos, o Ginásio Clube Figueirense cada dia está enriquecendo mais o património com realizações que tornam permanentemente actual uma obra que merece o melhor aplauso. Agora mesmo se prepara para acontecer com o 3.º Torneio de Basquetebol «Casino da Figueira», que decorrerá nos dias 21, 22 e 23, no Pavilhão do Liceu, competição que servirá para apresentação dos três novos «encastadores» da colectividade constantemente dinamizada pela acção do dirigente Jorge Galamba Marques.

Com efeito, o público figueirense terá ensejo de apreciar os norte-americanos Claude e David, mais o angolano «Biju», que os técnicos consideram de qualidade e nível acima do trivial: nos treinos, Claude já mostrou ser possuidor de técnica refinada e com categoria paralela à dos melhores basquetebolistas da nossa 1.ª Divisão, David é senhor de capacidade que o recomenda para um lugar no «cinco» do Ginásio e «Biju» (a melhor esperança da modalidade em terras angolanas) é exímio a defender e muito útil

na manobra global.

O programa dos jogos que contam para o torneio está elaborado de molde a concitar o interesse de todos os apaixonados pela «bola ao cesto».

Veja-se: na 6.ª-feira (dia 21) às 21 e 30, processa-se o jogo Ginásio-Esgueira; sábado, às 17 e 30, tem lugar o Beira Mar-Esgueira; domingo, às 17 e 30 ocorrerá a partida Ginásio-Beira Mar. Estão em disputa troféus oferecidos pela Câmara da Figueira da Foz, Casino Peninsular e dr. Fernando Castro.



CONCURSO



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Telefone _____

Tem Televisor? _____ N.º Licença _____

Estúdio ☐Casa, pelo telefone ☐

Pretende Participar

AUTOMÓVEL

Grande Prémio de Portugal

Prost e Senna de novo suspensos de uma decisão no Estoril

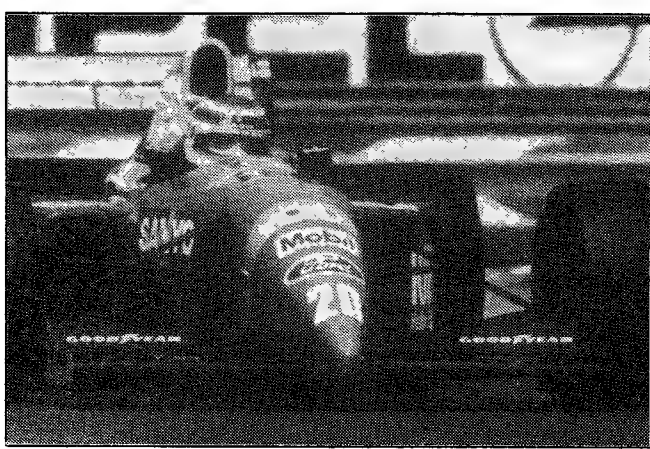
Ameaçada a sua realização ao longo de meses, devido ao conflito que opôs a Autodril, proprietária do Autódromo do Estoril, ao Automóvel Clube de Portugal, tudo acabou por ser resolvido a tempo e o Grande Prémio de Portugal chega neste fim de semana à sua décima edição.

Para não fugir ao tradicional, uma vez mais está destinado a desempenhar um papel fundamental na decisão do título de campeão mundial. E uma vez mais Ayrton Senna e Alain

Prost serão os protagonistas do grande despique que se adivinha. Mas agora em boa paz (pelo menos formalmente), face ao recente aperto de mão que em Monza terá marcado a reconciliação entre os dois maiores pilotos da Fórmula 1.

Prost e Senna foram de novo lançados no Estoril pela roda da fortuna numa classificação bastante embulhada. E se é complicado deslindar as

várias hipóteses que cada um tem de vir a ser campeão do mundo, fácil é no entanto concluir que ambos precisam



da vitória.

Com 72 pontos acumulados contra 56 de Prost, o piloto brasileiro encontra-se numa situação bastante mais favorável, mas de modo algum tem ainda o título

garantido. Como se sabe o número de resultados que contam para a atribuição do título de campeão mundial de pilotos é igual a metade do número de Grandes Prémios efectuados mais três arredondados ao número inteiro superior mais próximo. Assim, dos resultados obtidos por cada piloto são obviamente rejeitadas as classificações mais baixas. O sistema faz com que, em situações como esta, se gerem múltiplas hipóteses possíveis, tanto mais que ainda há quatro Grandes Prémios para disputar.

Para já o cenário é este: Senna tem 72 pontos para 10 resultados, sendo os mais baixos três quartos lugares, e

Para assegurar o título no Estoril, Senna terá de ganhar e Prost não poderá ficar nos

três primeiros lugares. Um segundo lugar exige ao piloto da McLaren mais uma vitória ou dois segundos lugares. No caso de Prost

se classificar em terceiro, Senna resolve a questão apenas com um segundo lugar.

Face a esta aritmética classificativa, a conclusão é que, de certa maneira, o título mundial vai ser em grande parte decidido no Estoril e ambos os candidatos apenas

podem pensar na vitória, aqui e agora, e não em pontos a conquistar futuramente.

Para o terceiro lugar há uma decisão em aberto entre Gerhard Berger (37 pontos), Thierry Boutsen (27) e Nelson Piquet (24). Dadas as características da pista do Estoril, em que os chassis e suspensões podem eventualmente compensar as menores possibilidades dos motores, não é de excluir que os dois favoritos vejam as suas contas, se não furadas, pelo menos ameaçadas por algum outsider.

AUTO XXI
CONCESSIONÁRIO



AUTO XXI
CONCESSIONÁRIO



Acesso ao Autódromo

Transportes públicos a melhor solução

Todos os anos, desde que se disputa no Estoril o Grande Prémio de Portugal, as autoridades montam dispositivos de trânsito com a intenção de facilitar o acesso ao Autódromo. Estes dispositivos estão mais ou menos testados e a situação, nas últimas edições, não tem sido dramática.

Quer utilizando o automóvel ou os transportes públicos, o acesso ao Autódromo não tem constituído um problema grave.

Em todo o caso, se o leitor não é dos que se consideram absolutamente incapazes de viajar de outra forma que não seja ao volante do seu automóvel, aconselhamo-lo a utilizar os transportes públicos porque, mesmo que o trânsito seja facilitado (o que é sempre uma incógnita), o estacionamento constitui um problema mais complicado.

A CP e a Rodoviária Nacional montaram para o efeito um serviço especial que torna a deslocação mais fácil.

Na sexta-feira serão reforçadas as circulações da carreira nº 418, entre o Estoril e Sintra. No sábado haverá um serviço especial entre a Estação do Estoril e o Autódromo. A tarifa de ida e volta é de 250 escudos. A tarifa apenas de volta é de 150 escudos.

Nos dias 22 e 23 (sábado e domingo) será também realizado um serviço combinado entre a Rodoviária Nacional e a CP, no trajecto Cais do Sodré - Estoril - Autódromo, cujo preço de ida e volta é de 500 escudos.

O trânsito automóvel

Se insistir em utilizar a sua viatura, deverá ter em conta o dispositivo que vai ser montado pela Brigada de Trânsito da GNR.

Assim, a partir das 16 horas de domingo (dado que o escoamento dos veículos é o problema mais complicado), o trânsito proveniente de Sintra, à chegada ao Ramalhão, terá de continuar pela EN 249, em direcção a Queluz, quer para os automobilistas que se dirijam a Lisboa, quer para os que se dirijam a Cascais, devendo estes tomar posteriormente a EN 240-4, por Trajouce e S. Domingos de Rana, e daí por qualquer direcção até à Estrada Marginal. O trânsito será cortado entre o Aeródromo de Tires e o cruzamento do Alcoitão.

Todos os veículos provenientes de Cascais pela EN 9, em direcção a Sintra, serão desviados em Alcabideche.

Para facilidade de escoamento dos parques de estacionamento, os utilizadores dos parques nº 3 (traseiras das bancadas A e B) e 5 (bancada C, VIP e Peão) terão obrigatoriamente que se dirigir pela EN 9, em direcção ao Ramalhão.

Os veículos estacionados em parques não numerados não poderão, de qualquer modo, inverter o seu sentido de marcha. Isto significa que os carros estacionados junto à Penha Longa terão que seguir para Sintra, o mesmo acontecendo com os que estacionem no Bairro da Cruz Vermelha.

AUTO XXI
CONCESSIONÁRIO



Prost tem 56 pontos para 9 resultados, dos quais um quinto e dois quartos lugares.

Aparentemente o piloto da Ferrari tem as suas probabilidades reduzidas ao mínimo. Não lhe basta vencer no Estoril. É necessário também que Ayrton Senna não se classifique nos três primeiros lugares. Caso contrário ficará tudo na mesma, com o francês a necessitar na mesma de mais três vitórias.

Preços também aceleram

O fascínio pelas corridas de Fórmula 1 é grande, principalmente entre as camadas mais jovens, mas os preços, mesmo com as justificações dos organizadores, não são convidativos, nem sequer acessíveis a uma camada vasta da população.

Este factor, apesar de algumas correcções feitas em anos anteriores, tem contribuído para que, verdadeiramente, não se saiba até hoje qual poderia ser a afluência de público se os preços tivessem correspondência com o nível económico médio da população portuguesa.

Este ano foi instituído um sistema de bilhetes pré-comprados (adquiridos previamente até uma determinada data), bilhetes para um dia único e bilhetes para todo o fim de semana. Os lugares distribuem-se por seis bancadas e geral.

Mas vejamos quanto é necessário desembolsar para assistir ao Grande Prémio de Portugal.

Bilhetes pré-comprados válidos para os três dias: Bancada A 20 contos, B 12 contos, C 8 contos, E 8 contos, G 15 contos, H 8 contos e Geral 5 contos.

Bilhetes para domingo: Bancada A 20 contos, B 15 contos, C 8 contos, E 8 contos, G 15 contos e H 8 contos.

Bilhetes normais válidos para os três dias: Bancada A 25 contos, B 17 contos, C 10 contos, E 12 contos, G 20 contos, H 12 contos e geral 7 contos.

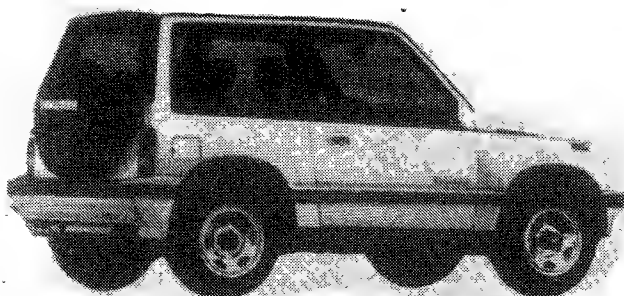
As crianças têm 50 por cento de desconto nas bancadas A, B, E e G, e pagam 2 contos nas bancadas C, H e na geral.

Horário

Dia 21 (Sexta-feira) - Pré-qualificações de Fórmula 1 (08.00 às 09.00); Treinos livres de Fórmula 1 (10.00 às 11.30); Treinos cronometrados de Fórmula 1 (13.00 às 14.00).

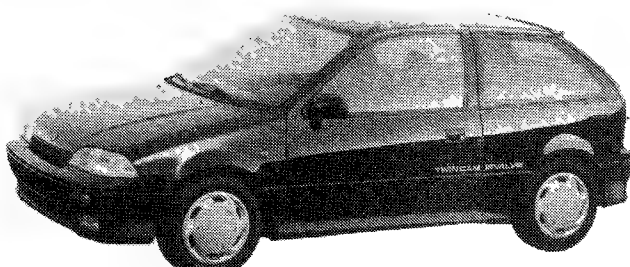
Dia 22 (Sábado) - Treinos livres de Fórmula 1 (10.00 às 11.30); Treinos cronometrados de Fórmula 1 (13.00 às 14.00).

Dia 23 (Domingo) - Treinos livres de Fórmula 1 (10.00 às 10.30); Grande Prémio de Portugal (14.30).



SUZUKI
AUTO XXI
CONCESSIONÁRIO

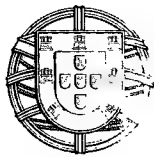
Av. João XXI, 8-A e 8-B - 1000 LISBOA
Tel.: 80 22 46 - 80 29 91 - 848 14 11



* ENCARGOS ANUAIS: CONSUMO - 15 000 Km DE 105 300\$00 A 192 270\$00 • SEGURO OB. RESP. CIVIL DE 21 983\$00 A 24 745\$00 • IMPOSTO SOBRE VEÍCULOS DE 1410\$00 A 4630\$00 • BASE SETEMBRO/89

AGENDA

I Série N.º 217
Dia 19 de Setembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros**Decreto-Lei n.º 286/90:**

Transforma o Diário de Notícias, E.O., em sociedade anónima de capitais públicos.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação**Portaria n.º 854/90:**

Acrescenta uma substância activa à lista de limites máximos de resíduos de produtos fitofarmacêuticos em frutos e produtos hortícolas.

Portaria n.º 855/90:

Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade Vale do Inferno», situada na freguesia de Raposa, concelho de Almeirim, e «Herdade Caneirinha» situada na freguesia de São José da Lamarosa, concelho de Coruche.

Portaria n.º 856/90:

Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Quinta do Pantufo», situada na freguesia de Santa Maria, concelho de Serpa.

Ministério da Educação**Portaria n.º 857/90:**

Autoriza o Instituto Politécnico de Leiria, através da sua Escola Superior de Tecnologia e Gestão, a ministrar em horário nocturno o curso de bacharelato em Gestão Comercial — Marketing.

Portaria n.º 858/90:

Altera o número de vagas para o concurso nacional de acesso à matrícula e inscrição em estabelecimentos e cursos do ensino superior público no ano lectivo de 1990-1991, para o curso de Engenharia das Operações Florestais da Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Coimbra.

Portaria n.º 859/90:

Aprova os modelos de carta de curso e do diploma dos graus de bacharel e licenciado e do diploma de estudos superiores especializados conferidos pelo Instituto Politécnico de Lisboa através das suas escolas superiores.

Portaria n.º 860/90:

Altera a estrutura orgânica do quadro de professores catedráticos e associados da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Portaria n.º 861/90:

Autoriza o Instituto Politécnico do Porto, através da sua Escola Superior de Música, a conferir o grau de bacharel em Teatro.

Portaria n.º 862/90:

Regulamenta o curso de bacharelato em Informática de Gestão da Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança, criado pela Portaria n.º 547/90, de 14 de julho.

Portaria n.º 863/90:

Autoriza o Instituto Politécnico de Leiria, através da Escola Superior de Tecnologia e Gestão, a ministrar em horário nocturno o curso de bacharelato em Engenharia Electrotécnica — Manutenção Industrial.

Portaria n.º 864/90:

Altera o regulamento de candidatura aos cursos de estudos superiores especializados ministrados pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, do Instituto Politécnico de Lisboa.

Ministério do Emprego e da Segurança Social**Decreto-Lei n.º 287/90:**

Altera o Decreto-Lei n.º 132/88, de 20 de Abril (protecção na doença dos beneficiários do regime geral de segurança social dos trabalhadores por conta de outrem).

HOJE**CONTINENTE**

Regiões do Norte: Céu geralmente pouco nublado apresentando períodos de muito nublado, em especial durante a tarde e no interior, onde há possibilidade de aguaceiros. Vento fraco. Pequena descida da temperatura. Mar encrespado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Regiões do Centro e Sul: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros em especial nas regiões do interior. Pequena descida da temperatura. Mar encrespado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Regiões do Norte: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros em especial nas regiões do interior.

Regiões do Centro e Sul: Céu geralmente pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado em especial nas regiões do interior, onde ocorrerão aguaceiros. Pequena subida da temperatura.

Depois de amanhã

Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros matinais.

MADEIRA

Períodos de céu com muito nublado. Vento geralmente fraco a moderado. Aguaceiros. Possibilidade de trovoadas. Mar encrespado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros pouco frequentes.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

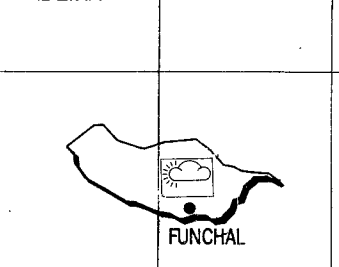
AÇORES

Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco. Mar encrespado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Grupos Central e Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco soprando moderado de Nordeste nos grupos Central e Oriental. Possibilidade de aguaceiros fracos no Grupo Oriental.

MADEIRA**Céu limpo****Céu pouco nublado****Céu muito nublado****Chuva****Trovoadas****Neve****Vento****Mar calmo****Mar encrespado****MARES****Hoje****PREIA-MAR****BAIXA-MAR**

04.00

16.16

09.35

21.58

3,7m

3,9m

0,6m

0,6m

Amanhã

04.34

16.51

10.07

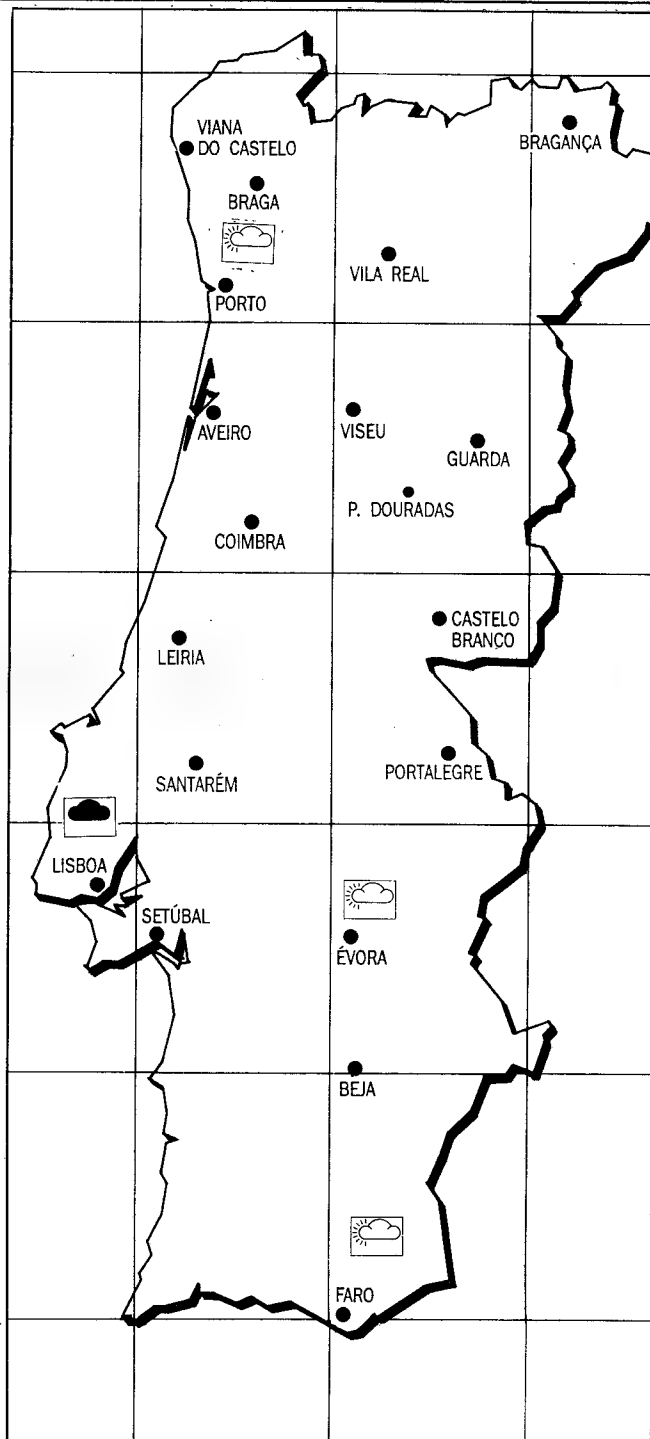
22.27

3,8m

3,9m

0,6m

0,7m

O ESTADO DO TEMPO**PORTUGAL**

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	16	16	P. nub.
V. Castelo.....	17	17	P. nub.
Vila Real.....	15	16	M. nub.
Porto.....	19	19	P. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	19	20	P. nub.
C. Carvoeiro.....	19	19	Limp.
C. Branco.....	17	17	P. nub.
Portalegre.....	18	19	P. nub.
Lisboa.....	20	20	P. nub.
Évora.....	19	19	M. nub.
Beja.....	19	19	P. nub.
Sines.....	-	-	-
Faro.....	19	19	Neblina
Sagres.....	17	17	P. nub.
P. Delgada.....	18	19	M. nub.
Horta.....	18	20	M. nub.
Funchal.....	19	19	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 30; Porto, 30; Faro, 28; P. Delgada, 23; Funchal, 25.

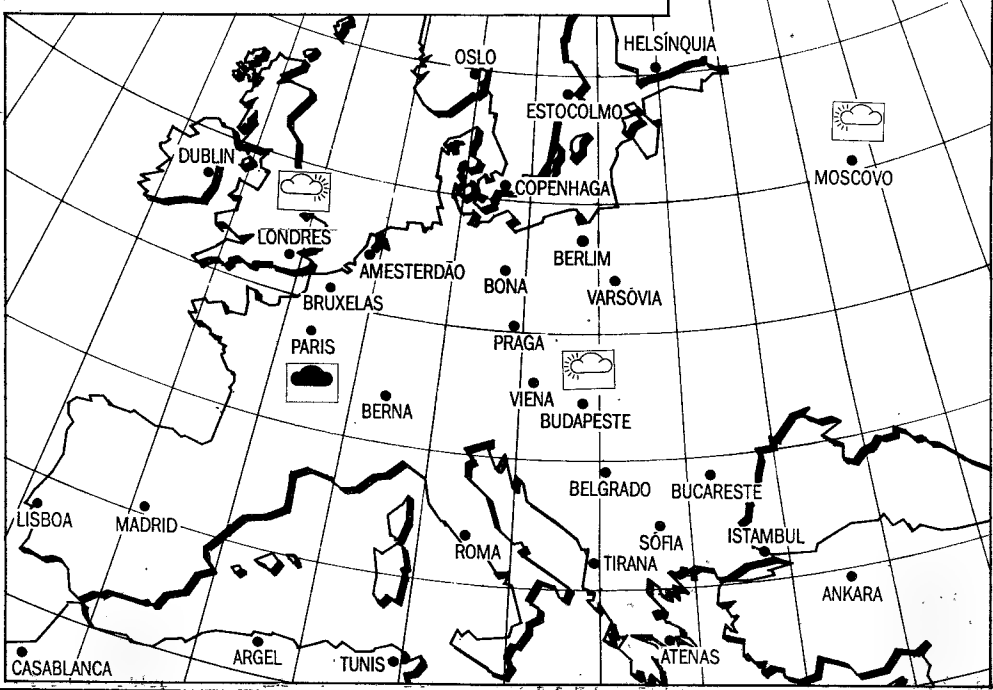
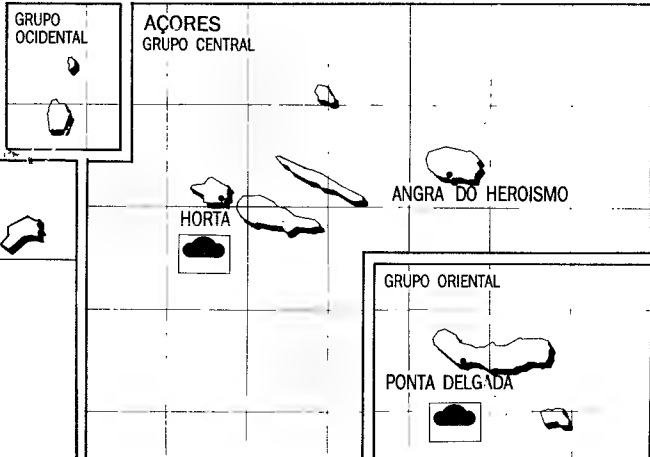
EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	18	18	Encoberto
Londres.....	15	15	Chuva
Paris.....	11	12	M. nub.
Bruxelas.....	13	16	M. nub.
Amesterdão.....	14	16	M. nub.
Ginebra.....	8	9	Neblina
Roma.....	17	17	Neblina
Oslo.....	10	12	Chuva
Copenhaga.....	10	13	Chuva
Estocolmo.....	7	10	M. nub.
Berlim.....	11	11	Chuvisco
Viena.....	6	8	M. nub.
Varsóvia.....	5	9	Neblina
Atenas.....	20	22	P. nub.
Moscovo.....	10	10	Neblina

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires.....	7	13	Nublado
Caracas.....	19	27	Nublado
Hong Kong.....	26	29	Limp.
Joanesburgo.....	11	21	Limp.
Los Angeles.....	19	26	Nublado
Montreal.....	9	11	Chuva
Nova Deli.....	25	33	Nublado
Nova Iorque.....	11	16	Nublado
Rio de Janeiro.....	14	26	Limp.
São Francisco.....	14	23	Nublado
São Paulo.....	-	-	-
Tóquio.....	25	31	Limp.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alameda - Fonte Luminosa: Ibéria, Rua Barão Sabrosa, 235-235-A, Tel. 888277; **Alvalade:** Alvalade, Av. da Igreja, 18-A, Tel. 892070; **Anjos - Lisboa Ginásio Clube:** São José, Rua Anjos, 41-A, Tel. 570730; **Baixa:** Internacional, Rua do Ouro, 228-230, Tel. 322017; **Beato:** Grijó, Rua do Grilo, 25, Tel. 385264; **Benfica - Charquinho:** Macedo, Rua República da Bolívia, 69-C, Tel. 7511227; **Calvário - Alcântara:** Calvário, Rua José Dias Coelho, 4, Tel. 3631635; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Estrela - Possidónio Silva:** Tagus, Rua Possidónio da Silva, 162-A, Tel. 669485; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Saldanha:** Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14-15, Tel. 521845; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfolnel - Cel. G - Lote 137, Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Varela, Av. Moscavide, 44-B, Tel. 2518520; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9824242; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Almirante Gago Coutinho: Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel.

885859; **Amoreiras:** Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, Tel. 650760; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metras, 59-B, Tel. 3963349; **Chile - Arco Cego:** São Jorge, Largo do Leão, 3, A-B, Tel. 534027; **Graça:** Almeida Dias, Largo da Graça, 38-39, Tel. 862909; **Jerónimos:** Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 3631699; **Largo Campo Pequeno:** Miranda, Largo Campo Pequeno, 36, B-C, Tel. 770776; **Olivais Velho:** Olivais, Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 311237; **Palhavã:** Curie, Av. Madame Curie, 15-A, Tel. 7263220; **R. Elétricos - Chiado - Estrela:** São Bento, Rua Poiais São Bento, 73, Tel. 601673; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Oliv. Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166, Tel. 4104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Duarte, R. Duartes, L. Duartes, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25,

Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 2432039. Permanente; **Oeiras:** Sacoar, Av. Gago Coutinho, B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Murtal:** Primavera, Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278. Até às 22 h; **Sas-soeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Ostende, R. Espinho, 1, Tel. 260391. Até às 22 h; **Cascais:** A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C, Tel. 280214. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Flama, R. Elias Garcia, 78-B, Tel. 4932485. Permanente; **Agreia:** P. Igreja, 22-A, Tel. 4937740. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** O'Neill Pedrosa, R. Casal Olival, Lote 3 - Massamá, Tel. 4377205. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487.

Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5-D, Tel. 9243693. **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calc. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Pragal, R. Dt.ª do Pragal, 58, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Rainha Santa, R. Soc. Fua Piedense, 50-A, Tel. 2294182. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Ruais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Feijó, R. Borges Rego, 7-B, Tel. 2290911. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Central, Av. Alfredo Silva, 48, Tel. 2073207. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Cruz Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30 - Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Seixal:** Soromenho, P. Paiva Coelho, 38, Tel. 2213560. Até às 22 h; **Montijo:** Borges Cruz, R. Angola, 19 - Afonsoeiro, Tel. 2301853. Até às 22 h; **Moita:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 2390025.

HÁ 20 ANOS



Luta sem tréguas na Jordânia

Um representante dos comandos palestinos em Bagdad afirmou hoje, segundo a agência noticiosa do Iraque, que o movimento de resistência não aceitaria o cessar-fogo na Jordânia. Comentando aquele cessar-fogo feito a ambas as partes pelo presidente Nasser, o representante dos «fedayni» declarou: «Não fomos nós que começámos a luta...»

Portugal e a Espanha têm muito que falar

«O diálogo que hoje mantivemos neste ambiente solene e significativo é necessário que se prolongue, que prossiga, que continue sempre no mesmo clima de boa vontade, de fraterna amizade e de aberta franqueza» - foi com estas palavras que o prof. dr. Marcello Caetano terminou o seu discurso no acto de investidura como doutor honoris causa pelas Faculdades de Direito e de Ciências Políticas, Económicas e Comerciais da Universidade de Santiago de Compostela.

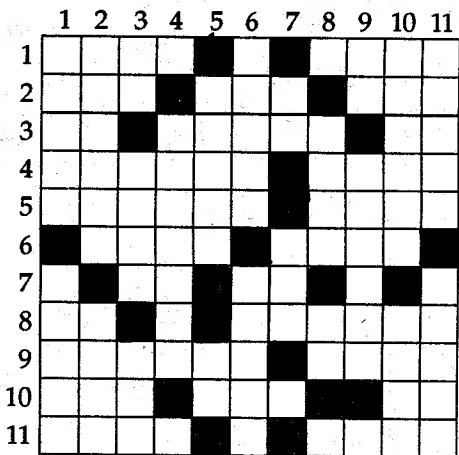
Treze helicópteros abatidos no Vietnam

As perdas aéreas norte-americanas foram pesadas esta semana: um jacto Super-Sabre e 13 helicópteros, entre os quais dos CH-53, foram abatidos pelo fogo inimigo - segundo informação proveniente de Saigão.

EFEMÉRIDES

- 1932**
 - É criado por decreto o Comissariado do Desemprego.
- 1968**
 - Pressionado pelos soviéticos, o primeiro-ministro da Checoslováquia, Jiri Hajek, apresenta a sua demissão.
- 1975**
 - Toma posse o Sexto Governo Provisório, chefiado pelo vice-almirante Pinheiro de Azevedo.
- 1980**
 - Um missile nuclear explode num silo subterrâneo, no Estado norte-americano de Arkansas: um morto e 20 feridos.
- 1985**
 - Um violento abalo sísmico (7,8 na escala de Richter) destrói o centro da cidade do México, causando milhares de mortos e desalojados e ateando centenas de incêndios.
- 1988**
 - A canção «Yesterday», composta pelos Beatles Paul McCartney e John Lennon em 1965, recebe, em Nova Iorque, o Prémio «Million-Air» pelo facto de ter sido difundida publicamente cinco milhões de vezes, ou seja durante mais de 250 000 horas, o que equivale a um período ininterrupto de 28 anos.
- 1989**
 - É criado, em Macau, o Instituto Português do Oriente (IPOR), organismo que associa o território de Macau Fundação Oriente e ao ICALP.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18 006

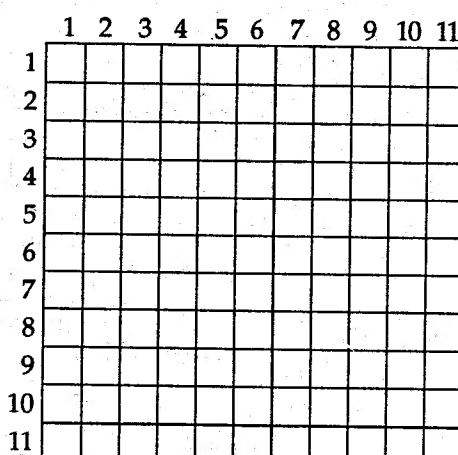
HORIZONTAIS:

- 1 - Pronome indefinido. Terreno.
- 2 - Fileira. Grande quantidade. Gosta muito de.
- 3 - Pronome reflexivo. Costumes. Átomo.
- 4 - Trilhado. Forragem em verde.
- 5 - Prenderas. Luz da Lua.
- 6 - Grande afeição. Vais para fora.
- 7 - Átomo. Ouro (s.q.).
- 8 - Prefixo de negação. Erra.
- 9 - Fechasse as asas para descer mais depressa. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
- 10 - Recusa. Nome de letra. Caminhar.
- 11 - Catafalco. Planta têxtil do Ceará.

VERTICAIS:

- 1 - Carepa. Ave palmípede.
- 2 - Amamenta. Dás mios.
- 3 - Concede. Caruma. Preposição e artigo (pl.).
- 4 - Brejeiras.
- 5 - Girar. Apellido.
- 6 - Maneiras. Aferro.
- 7 - Rádio (s.q.). Transpire.
- 8 - Carimba. Cento e um em romano.
- 9 - Existe. Restos.
- 10 - Gostavas muito de. Faisca.
- 11 - Diz-se do que é cómico, engraçado ou extravagante. Folha de vide.

Resolvente este problema? Procure, agora em qualquer passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 816

HORIZONTAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Espinho. Ilha do estado de Espírito Santo.
- 2 - Rainha de Portugal. Pernadas de sobreiro.
- 3 - Segua. Punes.
- 4 - Aperfeiçoasses. Rénio (s.q.).
- 5 - Prefixo de negação. Aqui.
- 6 - Ensopadas.
- 7 - Enseada francesa da Mancha, junto da qual Tourville combateu contra as frotas combinadas da Inglaterra e da Holanda. Sufixo que designa estado.
- 8 - Monarca. Socorrera.
- 9 - Esqueleto (Prov. algar.).
- 10 - Rainha ou princesa hindu. Disponha em camadas.
- 11 - Calote. Moveram os remos.

VERTICAIS:

- 1 - Freguesia do concelho de Trancoso.
- 2 - Cidade do estado do Paraná. Vagueia.
- 3 - Érbio (s.q.). Um dos estados da América do Norte.
- 4 - Acanhado. Prefixo de privação.
- 5 - Ergues. Porto do sul de Marrocos sobre o Atlântico.
- 6 - Grande porção de dinheiro (Bras.).
- 7 - Pronome pessoal. Firmamento. Antes do meio-dia.
- 8 - Raio. Cidade do Paquistão Oriental.
- 9 - Grande (inv.). Tornar um pouco doído.
- 10 - Maquinismo para tecer. Encosta.
- 11 - Endurecidos. Lavagem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 005

- HORIZONTAIS:** 1 - Meta. Porcas. 2 - Arcas. Ota. 3 - Ni. Aar. Mur. 4 - Dom. Tapar. 5 - Asas. Paga. 6 - Rel. Ara. 7 - Acres. Sama. 8 - Quais. Rãs. 9 - Ut. Sés. Ri. 10 - Eon. Desatar. 11 - Orou. Lama.
- VERTICAIS:** 1 - MANDAR. QUER. 2 - Ios. Auto. 3 - Ta! Marca. No. 4 - Ara. Séria. 5 - Cãs. Lês. Dó. 6 - PAR. Pás. Seu. 7 - Os. Ta! Sés. 8 - Agás. Sal. 9 - Comparar. Ta! 10 - Atua. Amaram. 11 - Sarre. Asira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 815

- HORIZONTAIS:** 1 - Tabuado. 2 - Eva. Noras. 3 - Risada. SSS. 4 - Rascas. Cais. 5 - Madre. 6 - Gui. Unira. 7 - Nozes. Sr. 8 - Ma. Piscaria. 9 - Tl. Atacado. 10 - Aran. Ore. 11 - Ua. Arrombar.
- VERTICAIS:** 1 - Terugem. Au. 2 - Avia. Atra. 3 - Bassein. La. 4 - AC. Op. Na. 5 - Andaluzia. 6 - Doas. Nestor. 7 - É. Míscaro. 8 - Lascar. Acém. 9 - Ossada. Rã. 10 - Sir. Sidra. 11 - Pã. Serrão.

PROVÉRBIO: MANDAR, QUER PAR.

CARTAZ

CINEMAS

L I S B O A

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

O ANJO DAS SOMBRAS
Filme de William Friedkin
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
Filme de John McTiernan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

O ANJO DAS SOMBRAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
- T. 776098
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer - Telf. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES

R. do Lafete, 15 - T. 324194
O NAVEGADOR
Filme de John Maynard
M/12 anos - Às 14.15, 16.30
e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
DUELO IMORTAL
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

O JOVEM EINSTEIN
Filme de Yahoo Serfous
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
DOCTORA SEXUAL
Hard-core - 1.ª escalação (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO FEDERICO FELLINI
IL CAMMINO DELLA SPERANZA
Às 18.30
A ESTRADA
Às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
Filme de Otavio Lisseiani
M/12 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
O DEDO DA JUSTIÇA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

FÚRIA SILENCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30



«Jules e Jim», um filme de François Truffaut

LAS VEGAS 2

JACKNIFE
Filme de David Jones
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
JACKNIFE
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574352
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
O INVENCÍVEL
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
DESEJOS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º António - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
JACKNIFE
M/12 anos - Às 16.15, 18.15,
20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
Filme de Pedro Almodover
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

ROSALIE VAI ÀS COMPRAS
Filme de Percy Adlon
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,

18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CINEMA PARAÍSO
Filme de Giuseppe Tornatore
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

A L M A D A

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
- T. 2905011
Sala 1
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
OS RENEGADOS SELVAGENS
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

C A S C A I S

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465553
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

Companhia Persona

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Sáb. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às
16.00
VITÓRIA VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco
Nicholson, Augusto Fraga, Nuno
Nazareth Fernandes e Fernando
Ribeiro.

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

TEATRO NACIONAL
D. MARIA II

Praça D. Pedro IV - T. 322210
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
MINETTI
De Thomas Bernhard

IVTEATRO INFANTIL
TIL

R. Leão de Oliveira, 1 - T. 3639974
Sáb. e Dom. às 16.00
FELIZ ANIVERSÁRIO
De Fernando Gomes

MONTE ESTORIL

TEC

Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670020
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação
de Carlos Avilez

P O R T O

AUDITÓRIO

CARLOS ALBERTO

R. das Oliveiras - T. 2008659
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
COMBATE DE NEGRO E DE CÃES
De Bernard-Marie Koltès.

COOPERATIVA

DO POVO PORTUENSE

R. Camões, 578 - T. 382131
De 3ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00 e 21.45
PLAY STRINDBERG
Pela Companhia Seiva Trupe

SÁ DA BANDEIRA

R. de Sá da Bandeira, 108 - T. 2003595
De 3ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00 e 21.30
O HOMEM DO VESTIDO ULÁS
De Badaró. Encenação de Moisés e
Castro
Interpretações de Badaró, Maria
Dulce, Linda Silva, João Rodrigo e
Carlos Areias.

S E T Ú B A L

FORUM MUNICIPAL

LUIZA TODI

Av. Luísa Todi - T. 522127
15.º FESTIVAL DE TEATRO DE SETÚBAL
Às 21.45
Mário Viegas diz poemas
de Mário Sá-Carneiro

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça
das Sãs; 17.00: Antena 1 - Regiões;
17.15: Musical; 17.30: Programação
musical.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Frequência moderada; 15.00:
Antena 1 - 15/17; 17.00: Sete Mares;
17.30: Emissão desportiva; 23.30: Imagi-
nário. Noticiários de hora a hora.

Antena 2
FM 2 - Estéreo

17.00: Formas Musicais do Séc. XX;
18.00: Ângulos e Reflexos; 19.00:
Integrals - A Integral dos quartetos de
cordas de Bartok. Pelo quarteto
«Alban Berg»; 19.25: Álbum Musical.
Obras de Gershwin, Sibelius, Satie,
Gabrieli, Dvorak, Berlioz, Chopin e Mol-
caim Arnold; 20.10: Álbum Musical
(Cont.); 21.00: O Canto e os seus
intérpretes; 22.00: Uma hora com
Hector Berlioz; 23.00: Euroclásica - A
Temporada de Opera 89/90 da UER;
01.20: Quarteto para Cordas n.º 1 em
La Maior de Beethoven. Pela Quarteto
Borodin; 02.00: Música na Madrugada.
Noticiários de hora a hora.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.00 - PONTO POR PONTO
- 16.50 - O CORPO HUMANO
1º Episódio
- 17.20 - CADERNO DIÁRIO
- 17.25 - RUA SÉSAMO
- 17.55 - FUTEBOL
- 19.45 - RODA DA SORTE
(3ª Sessão)
- 20.30 - TELEJORNAL
- 21.00 - BOLSA DIA A DIA
- 21.05 - O TEMPO
- 21.15 - RODA DE FOGO
63º Episódio
- 22.05 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
- 22.20 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
- 22.40 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Selvagem e Perigosa» (Something Wild) E.U.A. (1986): escrito para o cinema por um jovem desconhecido chamado E. Max Frye, «Selvagem e Perigosa» foi concebido como um exercício para uma escola de cinema e acabou por interessar o realizador Jonathan Demme, um cineasta já por mais de uma vez premiado que começou sob os auspícios de Roger Corman. Interpretado por dois jovens e excelentes comediantes em franca ascensão como são Jeff Daniels e Melanie Griffith «Selvagem e Perigosa» é um misto de comédia, thriller e love story muitíssimo bem dirigido por Demme, talvez mesmo o seu melhor trabalho até à data, cujo principal fascínio reside sobretudo nesse jogo de transfiguração, de equívocos e de mutação capaz de levar passoaas comuns a



No 2º canal às 23.30, o 1º episódio da série «Xingu»

fazer coisas invulgares ao mesmo tempo que vão descobrindo em si naturezas insuspeitas. E às vezes para isso basta um fim de semana alucinante entre dois desconhecidos com muito em comum.
Duração: 112 minutos

00.50 - 24 HORAS
01.20 - O TEMPO
01.25 - REMATE

RTP-2

- 14.30 - AGORA, ESCOLHA!
- 16.00 - MADEIRA CÁ ENTRE NÓS
- 16.50 - BRINCA BRINCANDO
Com «Paulus» e «Os Amigos de Gaspar»
- 17.30 - ETERNO FEMININO
3º Programa
- 18.30 - AS TRÊS DAMAS DO QUIOSQUE
5º Episódio
- 18.55 - TI-TI-TI
23º Episódio
- 19.20 - CIRCO
- 19.40 - VIA RÁPIDA
- 19.50 - CLÁSSICOS DA TV

- «Ruas de S. Francisco»
- 20.45 - DICK TRACY
3º Episódio
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.25 - TAÇA DOS VENCEDORES DAS TAÇAS
Estrela da Amadora / Neuchatel
- 23.30 - XINGU

Uma série documental brasileira em onze episódios sobre uma das mais importantes tribos indígenas do Brasil, da região de Xingu. Uma particularidade curiosa deste documento é o facto de serem os índios a falar sobre si próprios, sobre os seus costumes, rituais, tradições e cultura. Assim através dos seus relatos, tomamos conhecimento da maneira como encaram o amor, o casamento, a família, a velhice e a morte. O realizador, Washington Novaes, e o director de fotografia, Lula Araújo, encabeçaram uma equipa que viveu durante meses em plena selva, com o objectivo de filmar este documento. Ao todo, registaram cerca de 80 horas, transformadas depois

nos onze episódios de Xingu.

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- 1188 com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24.

Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

AMANHÃ RTP-1

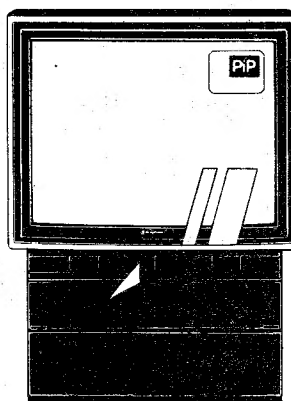
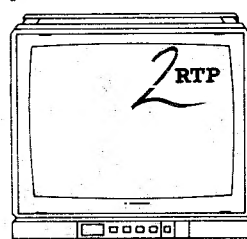
- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - RUA SÉSAMO
- 10.30 - PONTO DE ENCONTRO
- 11.45 - CULINÁRIA
- 12.05 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA DIA A DIA
- 13.30 - O TEMPO
- 13.35 - SEM LEGENDAS
- 14.25 - PRIMEIRA MATINEE
«Terra Bruta»
- 16.10 - PONTO POR PONTO
- 16.50 - CIDADES COM METRO
- 17.25 - BRINCA BRINCANDO
- 18.20 - RUA SÉSAMO
- 18.50 - RODA DA SORTE
- 19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - RODA DE FOGO
- 21.05 - INFORMAÇÃO
- 21.10 - DESENHOS ANIMADOS
- 21.20 - EURONICO
- 22.15 - CELLINI, UMA VIDA VIOLENTA
- 23.40 - 24 HORAS
- 00.15 - O TEMPO
- 00.20 - REMATE

RTP-2

- 12.02 - A FORÇA ESTRAL
- 12.25 - FILHOS E FILHAS
- 12.50 - IDADE DA RAZÃO
- 13.05 - JERRY LEWIS
- 14.00 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.30 - AGORA, ESCOLHA!
- 15.55 - AVENTURA
- 16.25 - LICEU DEGRASSI
- 16.50 - BRINCA BRINCANDO
- 17.30 - ETERNO FEMININO
- 18.30 - O MENINO DOUTOR
- 18.55 - TI-TI-TI
- 19.20 - CIRCO
- 19.35 - VIA RÁPIDA
- 19.45 - REGIÕES MAGAZINE
- 20.45 - DICK TRACY
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - FORMULA 1
- 21.50 - DRAMAZINE
- 22.15 - FORA DE JOGO
- 23.20 - CINECLUBE
«Filhos do Deserto»

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

MUDANÇAS

TRANSPORTES DE PIANOS - COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL

LISBOA - SINES
PESSOAL ESPECIALIZADO

A TRANSPORTADORA
IDEAL DE ST.ª ISABEL

LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)

☎ 53 26 37 - 57 74 79

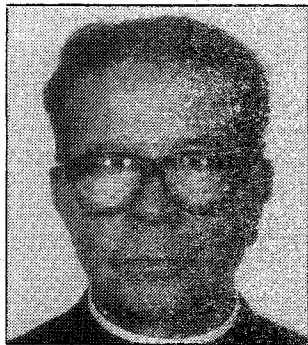
FAX: 352 51 61



«Macário Correia é um rapaz simpático, mas exagera na questão do fumo».

Rosado Fernandes, «O Diabo», 18. Setembro. 1990

A PERGUNTA DO DIA



Padre Oriando
patriarcado de Lisboa

Como comenta a Igreja católica portuguesa a afirmação proferida ontem pelo Papa João Paulo II de que «a Imprensa é um instrumento de pecado», numa altura em que a própria Igreja pretende um canal de televisão?

Essa ligação é que é demasiada. Não tenho um conhecimento profundo da afirmação do Santo Padre, mas o que me oferece dizer de imediato é que todos os actos humanos são ambivalentes. Tanto podem ser para bem como para mal. O mesmo se passa com os órgãos de Comunicação Social, que podem ser um instrumento de pecado, mas também de grande bem. Tudo depende da vontade dos Homens e da forma como fazem as coisas. Deus dá-nos a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, a opção é dos homens. E é isso que se passa com os órgãos de Comunicação Social onde os Homens têm um papel essencial. Neste momento, não posso dizer mais nada porque não conheço a afirmação do Papa João Paulo, nem o seu contexto. Mas penso que seria a este aspecto que ele se estava a referir ou a querer fazer alusão.

Quinta-feira no

Diário de Lisboa

Golfo:
Cenários
de guerra
e de paz

Balanço
da jornada
europeia
de futebol

«A ética,
o direito
e a América»
por Ulpiano
Nascimento

MEDIA

«Henry and June» levou um X — de pornográfico. Maria de Medeiros, actriz do filme, em vez de se zangar com os americanos, zangou-se com os jornalistas portugueses que deram a notícia

Ah, os jornalistas...

A confusão, voluntária ou involuntária, entre factos e notícias, entre criadores e transmissores de informação gera frequentemente equívocos que produzem inverdade e injustiça, mas constitui expediente fácil de autodefesa, sobretudo para figuras públicas sobre as quais nem tudo o que é dito e divulgado lhes agrada. Tornou-se moda lamentável, porém muito jeitosa, atribuir aos jornalistas a responsabilidade pelos acontecimentos que dão origem a informação, em raciocínio perverso e parente daquele outro, vigente durante o fascismo, que emprestava à censura uma eficácia ideal, felizmente ilusória: aquilo que não se publica não existe. A tentação de assimilar silêncio a ausência de barulho como regra, produz tolídes destas; a de misturar produtores de informações com produtores de informação é-lhe comparável nos efeitos — e resulta no que não é, decerto, pretendido: faz dos jornalistas protagonistas de factos, da notícia um acontecimento.

Vêm estas considerações a propósito da reacção de Maria de Medeiros às notícias sobre a classificação que a Motion Pictures Association of America (MPAA) atribuiu ao filme de Phillip Kaufman «Henry and June»*, em que aquela actriz representa o papel de Anaïs Nin: um X — quer dizer, pornográfico. Essa reacção traduz-se nestas expressões, constantes de uma entrevista concedida por Maria de Medeiros a Domingos Amaral, de «O Independente»: «Agora saiu o X e os jornalistas portugueses só estão preocupados com isso. Considero isso uma vergonha»; «A minha reacção é contra os jornalistas»; «A minha máxima decepção é com os jornalistas portugueses».

Leitores virgens de salgadinhos assim estarão provavelmente orgulhosos de haverem descoberto que, numa associação norte-americana competente para classificar fitas de cinema, tomam assento jornalistas portugueses em número indeterminado, severos guardiões dos bons costumes e de imparcialidade



inatacável, porque nem o patriotismo os demoveu de carimbar com um X o filme de Kaufman, malgrado Maria de Medeiros ter «um amor irracional por Portugal e por tudo o que é português»; na realidade, como os restantes leitores (a maioria?) compreenderão, os jornalistas — portugueses e não só, supõe-se e deseja-se, que Maria de Medeiros é hoje uma actriz cuja fama, justa, ultrapassou já as fronteiras nacionais ou nem é mesmo no seu interior que mais corre — limitou-se a noticiar a decisão da MPAA e sua justificação: o filme, que conta a relação entre o escritor Henry Miller, a mulher e Anaïs Nin, nos anos 30, apresenta nus integrais e cenas de lesbianismo. Se é verdade ou mentira, não podemos garantir, porque não vimos a fita; dispomos somente de duas apreciações críticas sobre a película, que passou extra-concurso no 47º Festival de Veneza — a de Jorge Leitão Ramos, do «Expresso», que se refere à «larga polémica» provocada pelo X, e a de Angel Fernández-Santos, de «El País». Este cita uma fala de Anaïs (Maria de Medeiros), após ter feito amor com Henry Miller, que não reproduzimos para não ferir susceptibilidades. Jorge Leitão Ramos diz que o filme é «complexo, desequilibrado, obsessivo e excitante (...), que empurra Maria de Medeiros, firmemente, para o primeiro plano das atenções internacion-

ais»; Fernández-Santos que «Henry and June» é uma fita «anti-erótica, com audácias de pacifista (...) pessimamente rodada» (...), com «desconhecimento absoluto da sintaxe fílmica de dois corpos nus na sua formosa acção».

Está claro que a reacção de decepção de Maria de Medeiros deveria visar a MPAA e não os jornalistas que noticiaram a classificação da película, sem comentários, como foi o caso do «DL». Não os moveu a curiosidade que o sexo desperta em Portugal (só em Portugal?), ao contrário do que Maria de Medeiros pensa, antes a notoriedade da actriz, que os portugueses decerto apreciam, desde «Silvestre».

O recurso ao expediente fácil de confundir factos com notícias e de, assim, atribuir aos jornalistas a autoria dos primeiros, quando são desagradáveis, não fascina apenas as personalidades políticas, como, por vezes, se faz crer; a todos tenta — e Maria de Medeiros acaba de o comprovar. Apesar de habituados a esta reminiscência do espírito censório, insistimos na necessidade de a erradicar, porque, ao fim e ao cabo, é disso que se trata: da pretensão estulta de, pela imposição do silêncio, anular a existência do ruído.

João Paulo de Oliveira

* A propósito de «Henry and June», ler a crítica de «Le Monde» que publicamos na pág. 23

C R Ô N I C A

Alienação radical

Há estradas sem conta neste país que se percorrem recebendo a dupla afronta do mau gosto das *maisons* mal copiadas dos estereótipos europeus e da ruína em que sistematicamente se vão diluindo as casas tradicionais da região. São, na maior parte, casas modestas, feitas para abrigar as parcas exigências de conforto de gente que nunca levantou os olhos da geira que trabalhava de sol a sol para horizontes mais distantes que os montes que viam da porta. E se há algumas habitações que foram também afirmação de abundância, vêm dos tempos em que o dinheiro se fazia das colheitas da quinta ou em distantes terras de palhotas, por isso sem símbolos de riqueza que se importassem para viver dentro deles.

Há quem passe e se renda à poesia triste dessas casas decrepitas, que continuam a parecer parte indissociável da paisagem envolvente, como se sempre ali estivessem. Há quem sinta vontade de salvá-las, de voltar a pô-las de pé e enchê-las de vida. São, no entanto, desejos dificilmente realizáveis.

Se houver quem, afastando quase ofendido a hipótese de gente da terra vender o que tem, indique com relutância o dono desta ou daquela casa abandonada, pode-se ter a certeza de ir ao encontro de uma orgulhosa recusa: «Não se vende o que se recebeu dos antigos!». Esta atitude, aparentemente digna e louvável, entretém-se, no entanto, com a total indiferença perante o abater de telhados e o esboroar de velhos muros, perante uma degradação que não é sustida, muitas vezes, mais por total desinteresse do que por falta de meios — porque esses houve para fazer a casa nova, árida, agressiva e quantas vezes ridícula.

O abandono à ruína do património é, afinal, a forma mais drástica de o alienar, porque assim se apaga também a memória de quem o construiu. A sistemática recusa de o vender traduz mais frequentemente a salvaguarda de um



prestígio que seria afectado na aldeia pela suspeita de que o fariam por necessidade, do que um respeito real pelos valores herdados. É apenas orgulho — um orgulho que vai fazendo ficar cada vez mais pobre e incaracterístico este país em que vivemos.

Rui Camacho

A.M.A. Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75